

Carlos Henrique Pereira Maia

O PROTAGONISTA

BIOGRAFIA

Nascido em São Fidélis (RJ), Carlos Henrique Pereira Maia é graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal Fluminense, servidor público do Governo do Estado do Rio de Janeiro e membro correspondente da Academia de Letras do Brasil.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro aos meus pais,
que me deram a vida,
e a Deus,
que me dará a eternidade.

MENSAGEM

“O amor é filho da pobreza e da riqueza: da pobreza porque constantemente pede, e da riqueza porque constantemente se dá.”

Platão

APRESENTAÇÃO

A liberdade de expressão está na essência do progresso e da paz, fatores decisivos para a consolidação de um futuro melhor, que é a razão de existir e o objetivo supremo das ciências e das artes em geral. Direito consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, a liberdade de expressão exerce um papel fundamental no crescimento do homem enquanto ser dotado de vocações e talentos recebidos de Deus. Não é um favor do Estado, mas um direito individual tão inviolável quanto é a soberania para a nação.

Toda a produção artística não passaria de desperdício de tempo e inspiração se não pudesse contribuir para a humanização da realidade por meio da percepção estética da experiência humana, possibilitando e aprimorando a elaboração individual de um sentido positivo para a vida. Toda pessoa tem o direito de ser feliz de acordo com o seu conceito de felicidade, sem sofrer qualquer forma de discriminação. Não apenas a Literatura, mas as artes em geral nascem da boa consciência e têm na boa convivência o retorno social de seu investimento.

Neste livro, o leitor encontrará contos e poemas que floresceram da ideia de expressar de maneira estética as variadas situações da experiência humana de fazer parte de um misterioso mundo mágico. O conto que dá título ao livro narra a fé e a determinação de uma ex-prostituta para alcançar a felicidade no casamento, e a descoberta surpreendente que levou um professor de Física a acreditar na vida após a morte.

O protagonista

Uma forte claridade fez Marcos acordar de manhã cedo. O dia amanhecera ensolarado. A luz solar que atravessava a janela do quarto cobria a cama como se fosse um lençol luminoso. Por alguns instantes, Marcos ficou olhando o vaso de flores brancas que ficava ao lado da janela. Eram gardêneas. A cor branca conferia ao ambiente um ar de tranquilidade. Sentia das gardêneas não apenas o aroma, mas também a expressão serena. Quando estava acarrancado, bebia dessa fleuma para aplacar o mau humor. A gardênia é uma planta ornamental que produz flores brancas, cerosas e aromáticas. Depois da contemplação inspiradora, levantou-se para mais um dia de trabalho com uma agradável sensação de paz. Natural do estado do Rio de Janeiro, Marcos nasceu no município de Niterói. No ano de seu nascimento, a família mudou-se para Belo Horizonte. Marcos era professor universitário. Licenciado em Física, lecionava a disciplina de Eletromagnetismo no turno diurno. Fazia algum tempo que não regava as companheiras de quarto. Quando já estava de saída, deu-se conta do desleixo. Umedeceu a terra do vaso com um borrifador e foi para a universidade.

Depois das aulas, costumava se encontrar com alguns estudantes em uma praça que ficava a poucos metros da universidade. Chegou do trabalho à tarde, trazendo consigo um maço de provas para corrigir. Fechando a porta, foi logo tomar banho. Enquanto se vestia, a campainha tocou. Acabou de se vestir e foi abrir a porta. Era Rita, a mãe de Linda. Ele pediu a ela que entrasse e ficasse à vontade. Em seguida, ofereceu-lhe um lanche. Ela agradeceu, mas recusou a cortesia. Estava ansiosa para lhe falar de Linda. Ao final da conversa, a senhora tirou da bolsa uma fotografia da filha e entregou a ele, acompanhada de um pedido emocionado para que a guardasse de lembrança. Marcos estendeu a mão, pegou a fotografia e colocou-a sobre a mesa, prometendo-lhe que iria guardá-la com carinho.

– Obrigado! – agradeceu com um sorriso cordial.

– Vocês ainda serão muito felizes! – exclamou a senhora com um ar de esperança no olhar.

Sem dizer mais nada, levantou-se do sofá e despediu-se dele com um beijo no rosto. Marcos acompanhou-a até o elevador. A porta abriu-se. Antes de entrar, a senhora repetiu o voto de felicidade. Dessa vez com a fisionomia circunspecta, Marcos agradeceu novamente a amabilidade. De volta ao apartamento, sentou-se no sofá e permaneceu pensativo. Apanhou a fotografia da ex-namorada e ficou olhando para ela por alguns instantes. Contemplava a fotografia como quem aprecia uma obra de arte. O pensamento decolou daquele momento e pousou no passado. Dentro de segundos, aflorou na consciência o filme que protagonizaram com tanto carinho. Os olhos de Marcos marejaram. Deslizava a destra sobre o rosto de Linda. Os lábios ensaiaram um sorriso com certo travo de amargura. O último beijo que deram era a lembrança que mais fulgurava na memória. Depois disso, abriu a janela da sala de estar. A sensação agradável inspirada pelo azul do céu contrastava com a nuvem cinza que a encobria nessa hora. Linda era uma moça bonita e meiga. Mantiveram um relacionamento afetivo por um ano. Viveram bons momentos juntos. Planejaram o futuro com entusiasmo. Quando decidiram se casar, Linda abriu o jogo com Marcos. Expôs os fatos marcantes de sua vida desde a infância e as vicissitudes que a arrastaram para a prostituição na adolescência. Era filha única de mãe solteira. Quando nasceu, o pai sumiu no mundo. Nunca mais foi visto, nem dele se teve notícia. Linda foi criada pela mãe com muita

dificuldade, chegando a passar fome quando a mãe ficava desempregada. Naquela época, as empregadas domésticas não eram amparadas pela legislação trabalhista. Uma displicência do legislador. Nessas ocasiões, alguns vizinhos batiam à porta, trazendo alguns mantimentos. A comida era pouca, mas dava para matar a fome. Ao sentar-se à mesa, antes de iniciar a refeição, a mãe agradecia a Deus pelo prato de comida. Fora da presença da filha, rompia em lágrimas. Depois que Linda terminou de falar, Marcos franziu o cenho em sinal de desaprovação. Tomando conhecimento da vida sexual promíscua que levava na adolescência, ele não hesitou em terminar o namoro de imediato. As luzes do preconceito acenderam-se, turvando a visão do amor. Não suportaria manter uma relação conjugal com uma ex-prostituta. Por outro lado, era apaixonado por ela. Convivia diariamente com esse conflito interior desde o rompimento. A separação foi para ambos como um mar de delícias que secara, restando de sua volúpia apenas o sal das lágrimas. Um dia, decidiu procurar um psicoterapeuta. Em uma das sessões, ouviu dele que cada um deve buscar a sua alma gêmea, aquela pessoa por quem vale a pena cruzar todos os mares, transpor todas as montanhas e vencer todos os preconceitos, ainda que essa busca leve a vida inteira. No final, a satisfação compensa infinitamente o sacrifício. Não existe, na demanda pela felicidade, desperdício de tempo. O desfavor que os preconceitos prestam à sociedade consiste em dividir as pessoas. Uma vez divididas, torna-se-lhes necessário o exercício da tolerância. Esta, por sua vez, apresenta vários níveis de intensidade. A falta de respeito ao direito de ser diferente é prejudicial à saúde social. Quando exagerada, a intolerância pode assumir uma configuração criminosa. Os crimes cometidos contra a honra, a integridade física e a vida dos homossexuais corroboram essa tese. A discriminação, em todas as suas formas, é um conjunto de sinais de um excesso de individualismo chamado egotismo, isto é, tem uma motivação egótica. A desinformação reforça a discriminação. Muitas vezes, os homossexuais são detratados com críticas candentes por quem deveria propugnar pelos direitos humanos, quer no meio religioso, quer no meio político. O preconceito é o antagonista do amor ao próximo.

– Não aja como o fogo, que tudo destrói. Escolha agir como a água, que tudo contorna! – recomendou-lhe o psicoterapeuta na última sessão.

Em vez de esbarrar na estigmatização social, visto que a sociedade é mais forte do que o indivíduo, é melhor contorná-la, optando pelo uso da inteligência no lugar da força. Marcos teria de tomar a decisão de voltar para Linda ou esquecê-la para sempre. Uma decisão difícil. Muito difícil. Extremamente difícil. Uma decisão que dependeria da luta velada entre o amor pela pessoa e o ódio pelo passado dela. Marcos não poderia criar outra Linda, com outro passado, mas Linda, sim, poderia se transformar na peça fundamental que faltava na engrenagem da vida de Marcos, tornando-se, por ele e para ele, uma companheira dedicada. Ele contava com trinta e cinco anos de idade. Ela, com vinte e cinco. Ele era moreno de olhos pretos. Ela, loira de olhos azuis.

O sentimento de culpa torturava-o. Marcos sentia-se responsável pelo sofrimento de Linda mais do que pelo seu próprio. Tinha sido o algoz dela e de si mesmo. Não tinha certeza de ter tomado a melhor atitude ao romper o relacionamento, mas conseguia ver com clareza que ela o amava como nenhuma outra mulher o amara na vida. Incapaz de suportar a ideia de casar-se com uma ex-prostituta, também não suportava a distância que o separava dela. O passado é um abismo profundo que cheira a mofo. Não se pode viver nele sem correr o risco de perder as oportunidades que estão guardadas no futuro. A cada dia que passava distante de Linda, ficava mais convencido de que não seria capaz de alcançar sozinho o futuro do jeito que sempre sonhara. Teria de percorrer de mãos dadas com ela o caminho do tempo até o ocaso da vida.

Desde a adolescência, Marcos ocupava-se com o estudo do lado oculto da vida. O conhecimento das leis do mundo físico não satisfazia o interesse que tinha pela pesquisa. Finalmente, obteve a evidência que lhe faltava para formar a sua convicção. No final da mensagem estava escrito o nome do falecido pai: Hugo. Em face dessa evidência, Marcos concluiu que a vida após a morte não é uma possibilidade, mas uma realidade. Convenceu-se da autoria do texto porque apresentava características próprias da caligrafia do pai. A prazerosa revelação manifestou-se por meio de um leve sorriso, ao mesmo tempo que uma súbita expressão de saudade irrompeu em seus olhos. Quando vivo, não raro o pai conversava com o filho a respeito da espiritualidade. Hugo tornou-se um profundo conhecedor das questões atinentes ao espírito após ter passado por uma experiência de obsessão espiritual. Depois de seu passamento, o filho dedicou-se ao estudo da fenomenologia paranormal. Comprou livros, participou de reuniões espíritas e, há poucos dias, decidira testar a veracidade do que lera e tomara conhecimento sobre a comunicação entre espíritos encarnados e desencarnados. A vida é curta e os mistérios são muitos. Sempre fora uma pessoa curiosa. Costumava dizer aos alunos que os mistérios da vida perdem o aspecto assustador no instante em que se tornam conhecidos. Neste instante, dissipou-se a espessa neblina de medo que até então embaçara o pensamento. O assunto que mais lhe aguçava a curiosidade era a “escrita direta”. Nesta, o espírito escreve diretamente a mensagem que deseja transmitir. Foi na noite de uma quarta-feira que Marcos, ao chegar do trabalho, decidiu testar essa modalidade de comunicação espiritual. Pegou uma folha de papel e um lápis. Com a ajuda de uma escada portátil, alcançou a parte superior da estante da sala de estar. Deixou a folha de papel e o lápis lá em cima e desceu. Em seguida, sentou-se no sofá e fez uma prece. Pediu ao seu anjo da guarda que o assistisse nessa experiência. Marcos queria eliminar de sua mente a distância que havia entre a crença e a convicção. Não lhe satisfazia a fé, buscava a certeza. À medida que os dias passavam, a esperança que alimentava não esmorecia. Cada vez mais confiava no concurso de seu anjo da guarda para constatar a veracidade da comunicação direta com o mundo espiritual. Embora nunca tivesse duvidado dos ensinamentos do pai, queria banhar-se nas águas seguras da fé assentada em bases concretas. Afinal, olhava a vida com olhos científicos. Marcos era um investigador das verdades ocultas, um agnóstico deísta que scrutava os recônditos da vida.

Linda estava sozinha em casa. Queria telefonar para Marcos, mas não encontrava coragem. Fazia dois meses que não se falavam. A saudade fustigava-lhe o espírito qual chibata que lanha a carne. Fria e ferozmente. A lembrança melancólica mareou-lhe o espírito, impedindo que se manifestasse em seu rosto o ricto do sorriso. Enlutada pela morte do casamento, não atingira o estágio da aceitação. Não tinha o foco da atenção voltado para o futuro, mas apenas uma alma dóida a debulhar as espigas do passado. Restos de abraços e beijos, que o tempo não levava, ainda lhe traziam algum consolo para a tristeza inculpida nos tecidos da alma, cujas paredes estavam cobertas de fotografias do ex-namorado. Em qualquer direção que olhasse era ele quem via. Levantou-se da cama. Foi até a cozinha. Em um rompante de raiva, começou a atirar os pratos que encontrava sobre a pia contra as paredes. Momentos depois, a mãe entrou pela porta da sala de estar. Ouvindo o barulho, correu para a cozinha desesperada. Abraçou a filha com firmeza. Linda cortara o pulso esquerdo com uma lasca de louça. O sangue escorria pelos dedos. A mãe levou-a ao hospital mais próximo, onde foi atendida no setor de emergência. O que poderia ter sido uma primavera de flores transformou-se em um outono de folhas esmaecidas pelo tempo. Tudo por causa da sinceridade que trazia no caráter. Não queria esconder de Marcos a sua adolescência perdida. Caso o

fizesse, essa sombra representaria para ela um fardo muito pesado para ser carregado por tanto tempo. Pagou caro por isso.

Marcos chegou do trabalho pouco depois das quatorze horas. Chovera pela manhã. A roupa estava ensopada pela chuva. Os sapatos, enlameados. Colocou a mala sobre a mesa e ligou o aparelho de som. Audiófilo inveterado, Marcos gostava de tomar banho ouvindo música. Depois do banho, vestiu-se e fez um lanche. Não almoçara nesse dia. Em seguida, foi até à estante, desligou o aparelho de som e pegou um livro. Queria ler um pouco para passar o tempo antes de preparar a aula que daria no dia seguinte. De repente, percebeu uma vibração no ambiente, como se estivesse dentro de um campo magnético. Coçou a cabeça enquanto tentava encontrar uma explicação. Não demorou muito para se lembrar do que estudara sobre imantação. Com certeza, o ambiente estava imantado. Neste caso, havia um espírito ali, produzindo a estranha vibração no ar. Ficou surpreso, mas não apavorado. Tinha a intuição de que se tratava de um espírito amigo. Já ouvira falar, mas nunca experimentara algo assim. Durante os quinze minutos seguintes, Marcos permaneceu sentado no sofá sob a ação do campo magnético. Dotado de uma intuição infalível, ele sabia que estava no limiar da realização do sonho que alimentava de elucidar o mistério que mais o intrigava: a imortalidade da alma. Quem carrega o fardo da incerteza não pode transmitir confiança. Expressar uma crença tem menos consistência do que expressar uma convicção. Deu-se conta de que estava perto da descoberta que o livraria desse fardo para sempre. Momentos depois, Marcos foi surpreendido pela visão do rosto do falecido pai no vidro da estante. A imagem logo desapareceu. O pai estava ali. Ao que tudo indica, o halo vibratório despertou no filho a percepção extrassensorial. Uma vez formado o halo vibratório, tornou-se-lhe possível a visão espiritual do pai. Continuou com os olhos voltados para o vidro da estante até acreditar na visão que tivera. Marcos ficou parado no sofá, prestando atenção na energia que vibrava na sala de estar. Depois de alguns minutos, teve a intuição de olhar para o teto. Ergueu os olhos e tomou um susto. Algo inesperado aconteceu. Viu cair de cima da estante a folha de papel que havia deixado lá alguns dias atrás. Era só o que faltava. Levantou-se para pegá-la no chão. Um ar de deslumbramento espalhou-se por seu rosto. Foi uma das cenas mais espantosas que já presenciara na vida. Sentado outra vez no sofá, percebeu que continha um texto escrito a mão. Surpreso, leu a mensagem atentamente. Os olhos estavam fixos, quase não piscavam. Quando terminou a leitura, a vibração parou. O que começara como uma mera crença agora se tornara uma certeza absoluta. Não tinha mais nenhuma dúvida de que a vida espiritual prossegue normalmente após a morte do corpo físico. A mensagem dizia isto: “Tudo vibra no Universo em uma determinada frequência. Os sentimentos têm magnetismo. A qualidade do sentimento determina a sua frequência. Bons sentimentos indicam que o espírito vibra em alta frequência. Maus sentimentos revelam que vibra em baixa frequência. Os sentimentos atraem pessoas e situações que estiverem vibrando em uma frequência similar. Lembra-se do que lhe falei sobre a afinidade espiritual na viagem que fizemos a Fortaleza? Você pode mudar a sua frequência a qualquer momento, bastando para isso inovar o pensamento em relação a si próprio e ao mundo. Assim, tudo ao seu redor mudará gradativamente até ajustar-se ao seu padrão vibratório. O pensamento é a força que move o Universo. Faça-o mover-se a seu favor. A dinâmica das mudanças é uma necessidade da evolução espiritual. Não despreze o perdão. Quem perdoa está ajudando tanto a quem o ofendeu quanto a si mesmo a carregar a cruz dos dias. Considere que a construção de uma sociedade fraternal começa com a tolerância. Um meio eficaz para absolver a consciência culpada consiste em perdoar a conduta imoderada da pessoa arrependida, porque não lhe é possível voltar no tempo para mitigar os excessos cometidos. Por isso, estreme-se em

tratar a todos com indulgência, uma vez que de perdão necessitamos todos. Para finalizar, entenda que o sonho é a oficina da autorrealização. Não permita que o preconceito faça de seu pomar verdejante um campo devastado. A jornada é longa, o caminho é acidentado, mas a alegria da chegada compensará toda a dificuldade. Chega um momento na vida em que o dinheiro já não tem valor. Nem a posição social. Nem nada que pertença ao mundo. No ocaso da vida, tudo o que se quer é amor. Só amor. Compartilhe o amor desde já. Um beijo no coração”. Do ponto de vista científico, tudo pode ser refutado, exceto uma evidência. Essa descoberta poderia revolucionar o mundo. Entretanto, Marcos a levaria para o túmulo. “Provavelmente ninguém acreditará em mim se eu revelar essa descoberta!”, pensou depois que terminou a leitura.

Amargando o dilema entre render-se ao amor de Linda ou entregar-se ao preconceito, Marcos caminhava entre um calabouço e um mirante. Aquele o manteria preso na noite fria da desilusão, enquanto este poderia lhe proporcionar a visão de um largo horizonte. Quanto mais caminhava desacompanhado de Linda, mais o caminho se alongava. Buscava refúgio dentro de si, mas ao abrir a porta da alma só encontrava fantasmas. A consciência estava pesada. A flechada que dera no coração de Linda ferira o seu também. Com efeito, chegara a hora de rever os seus valores, visto que estava chocado diante da própria perplexidade. A mãe nunca tomara conhecimento de que a filha era garota de programa. Quando chegava da rua tarde da noite, alegava que estava com o namorado. A prostituição grassa pelo mundo afora. Em países como a Tailândia, a exploração do turismo sexual não tem freio, ou seja, é livre. O fomento à prostituição é lícito em alguns países. Em outros, ilícito. Na Alemanha, a indústria do sexo é regulamentada. Contudo, a estigmatização social ainda é realidade. No Brasil, a miséria e a prostituição mantêm entre si uma relação de causa e efeito, principalmente nas regiões menos favorecidas pelo desenvolvimento econômico, como o Nordeste, não obstante a ilegalidade do aliciamento de mulheres. A natureza é rica e generosa. A miséria e a exploração foram inventadas pelo homem. Necessária se faz a investigação do efeito para se lhe apurar a causa. A prostituição remonta à Antiguidade, como se depreende da história de Raabe, a prostituta que se tornou ancestral do Messias, narrada no livro de Josué, o sucessor do profeta Moisés. Linda era uma versão atualizada de Raabe com um propósito distinto, porém não menos edificante. Enquanto Raabe decidira render-se à fé, Linda escolhera entregar-se ao amor. O senso comum entende que a corrupção política encerra uma relação de prostituição. Nesta, em vez do corpo, o agente político vende o seu poder de influência em detrimento do interesse social. Na lógica da competitividade, a flexibilização das leis trabalhistas alavanca o lucro dos empresários, ao mesmo tempo que permite ao mercado fornecedor a oferta de produtos e serviços por preços mais baratos ao mercado consumidor. Na lógica da criminalidade, a pobreza extrema garante a oferta de escravas ao mercado negro da exploração sexual. As mulheres aliciadas despem-se de sua condição natural de seres humanos dotados de dignidade sexual, para vestirem a embalagem de mercadorias reutilizáveis no mercado do sexo. A escravidão contemporânea não é um legado cultural do período colonial, mas uma perversão do processo de globalização como instrumento de expansão do sistema capitalista. A ideologia consumista da sociedade industrial é excludente quando transforma as populações carentes de oportunidades de inclusão social em refúgio humano, dando ensejo à ação delituosa dos aproveitadores da hipossuficiência econômica alheia. O instinto de sobrevivência pode falar mais alto do que o sentimento de dignidade sexual. Quando isso acontece, surge a prostituição como estratégia de sobrevivência para quem não tem outra escolha. A humilhação envenena a vontade de ser livre, podendo levar a vítima à negação de si mesma, tornando-a indiferente ao próprio sofrimento. Um problema puxa outro. Além da exploração sexual, ainda existe

o problema do consumo de drogas ilícitas. A prostituição é uma fonte de renda para a compra de entorpecentes. São necessárias políticas públicas de intervenção nas famílias vulneráveis à exclusão social.

Os partidos políticos fisiologistas apoiam qualquer governo, desde que sejam favorecidos em negociações escusas. Robin Hood, o herói mítico inglês, roubava dos nobres para dar aos pobres. No submundo da corrupção, ocorre o inverso, ou seja, os políticos roubam dos pobres para dar aos seus nobres bolsos. O voto em candidatos sem consciência moral e com baixo grau de empatia contribui para a preservação da espécie corrupta do gênero político. É notório que o político corrupto tem consciência do caráter ilícito de sua conduta, mas não demonstra hesitação ou arrependimento quando desvia recursos dos cofres públicos. A apropriação de empresas estatais para atender interesses partidários tem a mesma natureza dissimulada e perversa do tráfico de pessoas para exploração sexual. Dante Alighieri, quando escreveu *A Divina Comédia*, não conhecia o fisiologismo partidário. Por isso, não elencou o décimo círculo do Inferno, que seria a corrupção. O Inferno de Dante é composto por nove círculos concêntricos que se afinam à medida que se tornam mais profundos. O nível mais profundo corresponde ao centro do planeta, de onde Satã comanda o mundo com o apoio de seus sectários. Qualquer apedeuta sabe que a justiça, ainda que tardia, é preferível à corrupção impune, tendo em vista que os parlamentares têm o compromisso legal de exercer o mandato com dignidade e respeito ao patrimônio público em consonância com a vontade popular majoritária, devendo agir sempre dentro da lei, com diligência e honestidade.

As garotas de programa costumam ser bonitas e sensuais, exibindo em público roupas e posturas insinuantes. Esse era o perfil profissional de Linda no período em que ganhava a vida com a prostituição. Assim que conheceu Marcos, e percebendo o muito que o admirava, e o respeitava, e o amava, abandonou a prostituição para trabalhar em uma clínica especializada em reabilitação de dependentes de drogas. Graduara-se em Psicologia no ano anterior. Certa vez, ao vestir-se em frente ao espelho do armário, Linda percebeu o tanto que emagrecera ao longo dos dois meses de separação. Já não era mais aquela beldade que atraía os olhares masculinos quando andava pela cidade. Desfalecera durante esse tempo, corroída pela saudade. No entanto, era tão bonita que, mesmo com a saúde combalida, ainda conservava um ar de beleza no semblante. A mãe era feiosa, mas a filha tinha uma beleza escultural. Não se viu feia, mas reparou que perdera a graciosidade que lhe era peculiar. O clima de tristeza vinha sendo a tônica de seus dias. Olhou ao redor e teve a sensação de que as paredes lacrimejavam. Abrindo a janela do quarto, percebeu que o véu da noite já descera. Estava escuro como breu. Podia ver algumas estrelas dispersas, cintilando como lamparinas suspensas no céu. O estrilar dos grilos era o único som audível. Apesar da insistência da mãe, não quis jantar. Vestiu o pijama, fechou a porta do quarto e, como sempre fazia antes de dormir, dirigiu uma prece ao seu anjo da guarda. Nessa noite, ajoelhada ao lado da cama e com as mãos unidas diante do peito, Linda pediu ao seu anjo da guarda que intercedesse por ela, porque acreditava que só a reconciliação com Marcos seria capaz de promover a lise da tristeza crônica que lhe aprisionara a alma. Adormeceu com a certeza íntima de que a sua fé seria recompensada. A perda mais desoladora é a morte da esperança. Esta permaneceu incólume. As tarefas rotineiras tornaram-se progressivamente mais difíceis. Uma metade dela pertencia à luz. A outra se embrenhara nas trevas. Mesmo assim, dividida, conseguia manter acesa a chama da fé. Como haveria de ser para quem nunca perdera a esperança nos momentos críticos da vida. Apesar do mau tempo existencial, nem tudo estava perdido. Tinha um céu aberto pela frente, de vez que às tempestades sempre se sucedem as bonanças. Cedo ou tarde.

Nem todos os dias amanhecem azulados. Há dias que nascem amarelados, alaranjados, avermelhados etc. São os tons dos dias, as nuances que refletem as variadas situações da vida. Na situação em que se achava, Marcos andava acompanhado de perto por uma nuvem acinzentada que precipitava, de quando em quando, pingos grossos de amargura. Convencido da imortalidade da alma, ainda lhe faltava um motivo para abraçar o futuro sem medo de ser feliz. Esse motivo germinou enquanto ouvia música em uma tarde tranquila de céu azul, recostado no sofá da sala de estar. Pensou que estivesse acordado, mas adormecera ouvindo música. Estava em um estado de consciência situado entre a vigília e o sono. Desviou o olhar para o lado esquerdo, e viu uma mulher trajando uma túnica branca atravessar a porta que deixara trancada. Ela trazia nas mãos uma moldura com o retrato de uma menina que aparentava cinco anos de idade. Deu alguns passos e parou diante de Marcos. Com um sorriso amoroso nos lábios, declarou:

– Esta é a filha que você deverá criar e educar! – e mais não disse.

Em seguida, Marcos despertou. Ficou parado no sofá, pensando no sonho. Uma filha era tudo de que necessitava para dar sentido à sua vida tão vazia. Era tarde de sexta-feira.

No final da tarde, ao chegar do trabalho, Linda foi direto para o seu quarto. Trancou a porta sem fazer barulho. A mãe dormia no quarto ao lado. Queria entrar em comunhão consigo mesma para organizar as ideias que fervilhavam no pensamento. Manteve o olhar fixo no vazio, enquanto experimentava a sensação de que o mundo estava prestes a desabar. Como quem se atira em um precipício, jogou-se na cama e fechou os olhos. Em seguida, começou a chorar com o rosto grudado no travesseiro. Não conseguia se livrar do jugo da tristeza. Algum tempo depois, já não tinha forças para chorar nem lágrimas para derramar. Ficou esticada na cama até a chegada do sono. No instante seguinte, adormeceu com os cabelos cobrindo o rosto pálido. De repente, ela se viu passeando pelo quintal da casa. Pensou que tivesse morrido, mas a intuição lhe sussurrava que não. Existia mesmo um mundo paralelo, que ela nunca imaginara. Enquanto caminhava a passos lentos, deu-se conta de que havia saído do corpo biológico. Por mais que tentasse, não conseguia entender como isso acontecera. Depois de ter dado mais alguns passos a esmo, deparou-se com uma mulher desconhecida, trajando uma túnica branca. Linda ficou parada diante dela, pensando em algo para lhe dizer. A mulher virou-se e olhou para ela com um ar compassivo no semblante.

– Posso falar com você por um instante?

Linda lançou nela um olhar que transparecia toda a sua ansiedade e perguntou:

– Você pode me dizer o que aconteceu comigo?

– Você projetou-se para fora do corpo físico. O que você está vivenciando agora é uma experiência fora do corpo, mas não se assuste. Nenhum mal lhe sucederá. A notícia que lhe trago é que a sua prece alcançou o plano superior. A força propulsora da fé fez com que o seu pedido chegasse aos ouvidos divinos. Em breve, você realizará o sonho de ser mãe.

Nesse instante, saiu de trás dela uma menina. Aparentava cinco anos de idade, tinha os cabelos loiros e os lábios pareciam um botão de rosa. Em seguida, a mulher de branco encerrou a conversa dizendo:

– Está vendo esta menina? Ela será o fruto de seu casamento com Marcos. Era isso o que eu tinha para lhe contar.

Linda quis se aproximar delas, mas não foi possível. Quando deu o primeiro passo a frente, retornou de súbito ao corpo que deixara estendido na cama e despertou logo em seguida. Mais que depressa, levantou-se e abriu a janela do quarto. Não havia ninguém lá fora. Um vento repentino espalhou algumas folhas secas pelo chão do

quintal. Enquanto pensava na filha prometida, um aroma refrescante de gardênia preencheu o ambiente. Nessa tarde de sexta-feira, teve um reencontro com a esperança de ver a vida sorrir para ela novamente, e que esse sorriso durasse até o ocaso de sua existência terrena. Percorrera muitos caminhos na vida, mas sempre em companhia da solidão. Os sonhos que tivera foram muitos. No entanto, apesar de ter acreditado neles sem fazer economia de fé, não vivera nenhum que a tivesse remetido a um futuro melhor. O endereço de seu coração estava em Marcos. Tudo ao redor era silêncio. A única voz que escutava vinha da intuição, que lhe dizia para não desistir da felicidade.

Depois de uma boa noite de sono, Marcos acordou na manhã seguinte disposto a dar um passeio no parque que ficava próximo de onde morava. O céu estava limpo naquele sábado. Eram oito horas no relógio de pulso. Sentado à mesa da cozinha, fazia o lanche de sempre. Pão com manteiga e café com leite. A cafeteira elétrica foi um presente que ganhara de Linda quando ainda namoravam. Ela gostava de presenteá-lo de inopino. Marcos tinha uma imagem cativante gravada na memória visual, como se fosse uma tatuagem gravada na alma. Às vezes, trazia-lhe alegria. Às vezes, tristeza. O rosto de Linda. Durante alguns minutos, entregou-se à contemplação desse quadro que a saudade pintara na sua mente, ao mesmo tempo que ouvia as palavras doces que ficaram registradas na memória auditiva. A chave da felicidade estava em seu poder, mas ainda não encontrara a coragem necessária para usá-la em benefício próprio. Queria lanchar todo dia pela manhã com a felicidade, mas dera as costas para o sonho. Carregava no coração a semente da dúvida. Sempre muito zeloso, regou o vaso de flores depois do lanche. Nessa manhã, a cor branca das gardênias pareceu-lhe mais viva. Projetava nelas o seu estado de espírito. Não negava a si mesmo que estava feliz por saber que Linda aguardava uma oportunidade para a reconciliação. Na verdade, comungavam da mesma esperança. Desviou o olhar para a cafeteira elétrica e imaginou-se nos braços dela, sentindo o frescor da pele macia. Enquanto borrifava o vaso, ponderava as implicações desse acontecimento. Afetivamente, ele sabia que seria uma experiência positiva para ambos. Entretanto, precisava de algum tempo para amadurecer a ideia. No fundo, não queria agir como um atoleimado sem autocrítica. Esse comportamento seria incongruente com o seu senso de autoestima. Não gostava de tomar atitudes precipitadas. O remédio é sempre pior do que a prevenção. Por isso, decidiu-se pelo passeio. O parque era muito arborizado. O ambiente natural poderia lhe aguçar a intuição naquele momento de incerteza. A vida é feita de escolhas, e a felicidade, ou a infelicidade, é o resultado das escolhas certas, ou erradas, que são feitas nos momentos críticos. De um lado, sentia-se encorajado pelo amor. De outro, desencorajado pelo preconceito. A única certeza que tinha era esta. Para onde quer que fosse, seguiria o caminho escolhido sem olhar para trás. Ainda estava a bordo do passado, lembrando as viagens que fizera com Linda nos finais de semana. Amantes da leitura, os dois estiveram na Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas, um evento cultural que aproxima as pessoas do admirável mundo dos livros com a intenção de estimular a leitura. Esta não apenas entretém o espírito, como também o instrui. Marcos lembrou-se do que lhe dissera um escritor e poeta naquela ocasião: “A atividade artística é uma conversa interior com a sensibilidade. A sociedade industrial, que surgiu com o advento da Revolução Industrial, exige das pessoas mais razão do que emoção. Atualmente, vivemos na era do capitalismo financeiro e da alta tecnologia. O mundo globalizado está assentado na oportunidade do lucro e na velocidade da informação. Por isso, as artes são, mais do que nunca, vitais ao equilíbrio emocional. As artes, em todas as suas modalidades, acrescentam um coração, este entendido como a sede dos sentimentos, a um mundo que prioriza o raciocínio lógico-matemático e que privilegia a linguagem dos números. As artes dialogam mais com o coração do que com a inteligência”. Na visita

que fizeram a uma feira de produtos artesanais, Linda não desperdiçou a oportunidade de comprar um vaso em cristal de quartzo enfumaçado para decorar a sala de estar. Naquela época, estavam com o casamento marcado para o mês seguinte, e ainda faltavam alguns detalhes na decoração do apartamento.

O parque estava lotado. Depois de andar a passos lentos pelas trilhas do parque, Marcos decidiu descansar um pouco. Encontrou um banco desocupado à sombra de um ipê. A área infantil ficava em frente. Olhando distraidamente a movimentação, viu uma mulher sentada no banco que ficava à sua direita. Tinha os cabelos pretos e compridos até a linha dos ombros. Trajava uma túnica branca. Contemplava as crianças que brincavam nos balanços e nas gangorras do espaço infantil. A mulher virou-se para Marcos e acenou com a mão direita um adeus. Nesse instante, Marcos sentiu um arrepio. Em seguida, a mulher foi-se embora a passos ligeiros. Pouco depois, desapareceu. Sem nenhum compromisso para aquele dia, ficou ali, pensando na vida, enquanto o tempo passava. De repente, avistou algo que lhe chamou a atenção. Levantou-se e foi até o banco que a mulher ocupara. Pegou uma gardênia em botão que lá estava e voltou. Olhou à sua volta, imaginando que pudesse pertencer àquela mulher. Se a tivesse visto por ali, ter-lhe-ia devolvido a flor. Que segredo estaria escondido debaixo das pétalas brancas? Depois de alguns minutos, olhou de relance para o portão de acesso ao parque e notou a aproximação de outra mulher. À primeira vista, ela não lhe pareceu estranha. Não demorou muito para reconhecer a fisionomia familiar. Era Linda. Ao vê-lo, ela abriu um sorriso e acelerou os passos. Satisfeito, embora um pouco relutante, Marcos levantou-se para recebê-la com um abraço. De alguma maneira, o Universo arquitetara aquele encontro no parque. Uma coincidência significativa para o futuro deles. A comunhão de afetividade pode ter sido a causa dessa sincronicidade. A força transformadora do amor articula todas as circunstâncias da vida para que o sonho vingue e dê bons frutos. Marcos foi o único homem que conseguira abrir a porta do coração de Linda. Os caminhos do mundo não o levaram à felicidade, então ele criou o seu próprio caminho, e seguiu um itinerário que não existia no mapa do mundo.

Linda olhou para Marcos, depois de um instante de silêncio, dizendo:

– Eu tinha certeza de que você voltaria para mim.

– Quem lhe disse?

– Sonhei que estava no quintal da minha casa. De repente, deparei com uma mulher vestida de branco, acompanhada de uma menina. Lançou um olhar penetrante sobre o meu rosto e me garantiu que atenderia a minha prece. Disse também que aquela menina estava predestinada para ser a minha filha.

– Que curioso! Também sonhei com uma mulher vestida de branco, e eu a vi agora há pouco. Esqueceu esta gardênia branca no banco onde estava sentada.

Linda sorria, olhando para Marcos, quando falou assim:

– Você é o melhor presente que já ganhei na vida.

– E você é a minha maior descoberta.

Com o coração em festa, Marcos tomou a iniciativa de reatar o namoro. Linda aceitou com um gesto da cabeça. A emoção entrou-lhe as palavras que queria dizer ao namorado, mas o brilho no olhar disse-lhe tudo o que sentia naquele momento. Cumprida a missão para a qual fora designada, a dama vestida de branco nunca mais se manifestou.

A vida é um interminável devir, sempre inacabado e revelador, um processo contínuo de descarte do obsoleto, de descoberta do desconhecido e de abertura para o novo. O futuro testemunhou que, além da alvura das gardênias, Marcos teve também de Linda a ternura no curso dos dias. Casaram-se seis meses após o encontro casual no parque da cidade. Os dois sonhos tornaram-se uma só eternidade. O lar que construíram

era um jardim que floria o ano inteiro. Sobrepondo o amor ao preconceito, Marcos descortinou um horizonte mais amplo de possibilidades, passando a aceitar o que não podia ser mudado e a ser a mudança que esperava do mundo. Fazendo-se ser as possibilidades que avistara no horizonte ampliado da consciência, descobriu dentro de si um mundo que girava na órbita do amor. Pesquisar o significado do que está além do corpo carnal é uma experiência que pode levar o homem à suprema descoberta: o conhecimento de si mesmo. Existe em cada pessoa um mundo desconhecido, uma realidade tão maravilhosa que parece um sonho inacreditável. Os budistas o chamam de Nirvana. Os cristãos, de Reino dos Céus. Um estado eterno de libertação do sofrimento. Um mundo onde o preconceito é vencível e o amor, invencível. Um mundo onde todo sonho é possível. Um misterioso mundo mágico. Estavam livres para atravessarem as noites e os dias felizes. Marcos livrara-se do preconceito. Linda, da culpa.

Um ano depois do casamento, o amor que os tinha levado ao altar era o mesmo que compartilhavam na intimidade do lar. A novidade? Linda dera à luz uma menina. O pai registrou-a com o nome de Gardênia. Os cabelos eram tais quais os da mãe. Loiros. Marcos fora promovido ao cargo de diretor do Departamento de Física. As vozes interiores que tentaram persuadi-lo a não se casar com Linda ficaram silenciadas no porão da alma. De fato, completavam-se como a tela e a pintura. Marcos era o suporte. Linda, a criação. Mantinham um relacionamento afetivo pautado pelo respeito mútuo. A consciência moral e o alto grau de empatia não ensejavam o arrefecimento da convivência harmoniosa. Estavam realizados no casamento e assim permaneceram até o epílogo do romance em que foram, ao mesmo tempo, coadjuvantes e coautores. Nessa história de superação, o amor foi o protagonista. O sonho é a oficina da autorrealização. Sonhar, realizar e voltar a sonhar. Tal é o ciclo interminável da existência. No final da vida de quem compartilhou o amor, o que resta é o que levará para a eternidade: o amor compartilhado.

Reforma íntima

A maioria dos sonhos de Hugo dizia respeito ao sentimento de culpa. Apesar da formação universitária em Física, que intensificara a forma crítica e sistemática de analisar a realidade, não desprezava o conhecimento sensorial, sem demonstração programada, das causas determinantes dos fatos que ocorrem dentro e fora do ser humano. Embora fosse ateu, tinha a mente aberta para receber as evidências que pudessem convencê-lo da existência de um mundo paralelo ao mundo físico, como teoriza a Física Quântica. Hugo residia em Niterói e trabalhava no Rio de Janeiro.

Assim que entrou em seu apartamento, retornando de uma viagem que fizera aos Estados Unidos, onde participou de um congresso, Hugo escutou vozes que vinham do quarto, para onde se dirigiu imediatamente. Entrando no quarto a passos largos, percebeu, para o seu espanto, que as vozes haviam cessado. Em seguida, percorreu todos os cômodos do apartamento, mas não encontrou ninguém. O televisor, que ficava na sala de estar, estava desligado. Os vizinhos do apartamento ao lado haviam se mudado no mês anterior, deixando-o desocupado. “De onde vieram essas vozes?”, indagou-se surpreso. Pelo visto, parecia ter sido uma alucinação. Estava muito estressado naquela ocasião. Cansado da viagem, naquela noite foi deitar-se mais cedo do que o habitual. No dia seguinte, abasteceu o automóvel no posto de gasolina de costume, calibrou os pneus e foi dar uma volta pela orla marítima, desfrutando da visão inebriante de um panorama privilegiado pela beleza natural. A visão do mar o acalmava. Depois disso, procurou o psiquiatra com quem já tinha se consultado em outras oportunidades. Após algumas perguntas que lhe fizera, o psiquiatra receitou um antidepressivo, com a recomendação de que retornasse ao consultório no próximo mês para uma avaliação do resultado do tratamento medicamentoso. Saiu do consultório médico, comprou o remédio e foi para a empresa em que trabalhava. Não estava louco, embora suspeitasse disso. Teria de apresentar um relatório em uma reunião com a sua equipe de trabalho, a qual chefiava desde que fora promovido a gerente. As reuniões de trabalho ajudam a tornar o grupo mais entrosado e produtivo. “Essas vozes não retornarão nunca mais!”, pensou durante o caminho, convencido de que aquele fato inusitado ocorrera em virtude do cansaço físico e mental. Já pensava em gozar as próximas férias em Porto Seguro. Talvez o ajudassem a espairecer.

Na manhã de um domingo de céu aberto, olhando distraidamente pela janela do quarto, Hugo experimentou uma intensa sensação de bem-estar. A medicação havia surtido efeito. Percebeu que estava sorrindo, enquanto se deliciava com a brisa matinal. Tudo voltara ao normal. Foi até a cozinha para preparar um lanche quando o telefone fixo tocou. A voz do outro lado da linha era de Rodolfo, convidando-o para participar de uma reunião em um grupo espiritualista que havia sido fundado recentemente nos fundos de uma igreja evangélica localizada no bairro carioca da Tijuca. A reunião estava marcada para as vinte horas daquele dia. Apesar de sustentarem pontos de vista diferentes, não havia intolerância religiosa de nenhuma das partes. “Eu preciso desligar, mas espero que você compareça!”, disse-lhe Rodolfo antes de despedir-se do amigo. À noite, Hugo já estava pronto para ir à reunião quando novamente ouviu vozes no interior do apartamento. Dessa vez, teve a impressão de que vinham do banheiro, mas lá chegando ninguém encontrou. No entanto, percebeu que a torneira da pia estava aberta. Fechou-a depressa. Apanhou no armário da cozinha a caixa do medicamento, tomou um comprimido, sentou-se no sofá da sala de estar e permaneceu em silêncio. Pouco depois,

levantou-se, vestiu o casaco e saiu na esperança de voltar para casa com a mente desanuviada. Um acidente deixara o trânsito congestionado em um trecho do percurso que fez até o local combinado para se encontrar com Rodolfo, mas conseguiu chegar a tempo. Antes do início da reunião, dialogaram por alguns instantes na recepção da instituição religiosa sobre o que estava ocorrendo no apartamento. Hugo mostrou-se bastante apreensivo durante a conversa. Rodolfo estava convencido de que se tratava tipicamente de um caso de interferência espiritual. No entanto, preferiu que o amigo soubesse dos detalhes por meio de Tiago, que era um médium experiente e, com a bagagem de conhecimento que acumulara sobre o assunto, estava mais preparado para lhe fornecer informações pormenorizadas a respeito do assédio espiritual do qual estava sendo vítima. Na conversa reservada que teve com Tiago, o mistério foi esclarecido. Nesse momento doloroso, Hugo ficou ciente das circunstâncias que envolviam aquele fato espantoso que mudaria radicalmente a sua maneira de ver o mundo, e compreendeu a urgência de encontrar dentro de si a força moral necessária para se livrar do jugo dos espíritos malfazejos que lhe foram enviados por uma pessoa que, em razão do rancor remanescente de desavenças mal resolvidas no passado, desejava vê-lo no fundo do poço, sem nenhuma possibilidade, por mínima que fosse, de se recuperar do dano que lhe estava reservado para breve. Hugo era um maganão, mas, sabendo disso, o seu sorriso perdeu a graça. Não supunha que aquela pessoa ainda alimentasse tanto ódio no coração. Para ele, a mágoa daquela época infeliz era um lago de lágrimas que já havia secado em seu íntimo. Por um instante, olhou-se por dentro e viu-se dividido entre o prazer da revelação e a dor da decepção. Em seguida, com a perplexidade franqueada no olhar, concentrou a atenção nas palavras de Tiago, que lhe disse: “A virtude e o vício são os polos da consciência moral. A vingança é um vício, um sentimento que escraviza o espírito em vez de libertá-lo do rancor autodestrutivo. Não é justiça, não traz apaziguamento, antes traz remorso, se a consciência moral vier a reprová-la quando a vingança estiver consumada. O remorso faz do suposto credor o legítimo devedor”. Às vezes, nos momentos em que era assaltado pela insegurança, Hugo admitia a hipótese de que poderia dividir com todo mundo a responsabilidade pelos seus erros e excessos, visto que ninguém é perfeito, mas esse pensamento não passava de uma tentativa de fuga da caverna assombrada em que se encontrava. Não dispunha de um escudo emocional eficaz no combate ao sentimento de culpa. Realmente as coisas não iam bem para Hugo naquele ano. Logo de cara, teve de pagar uma multa por atraso na declaração do imposto de renda. No mês seguinte, chegou a vez de pagar uma multa de trânsito. E agora estava às voltas com as investidas do Além. Em meio a toda essa desgraça, precisaria da ajuda de pessoas que estivessem preparadas e dispostas a enfrentar com ele o desafio de mostrar-se superior ao infortúnio. Uma multidão de vozes interiores o acusava de tudo o que não dera certo em sua vida. Agora essas vozes expandiram-se para o mundo exterior. Nas vezes em que as ouviu no apartamento, também sentiu um cheiro desagradável no ambiente, fazendo-o suspeitar de que pudesse ser uma emanção fluídica dos espíritos inferiores que tramavam a sua derrocada, caso derresse sobre a vala que estavam abrindo em seu caminho para selar a promessa de vingança. Além disso, era acometido de tontura e dor de cabeça. Segundo Tiago, o mau cheiro no apartamento realmente denunciava a presença dos adversários espirituais.

Tiago era um professor aposentado de Matemática. Tentou seguir a carreira eclesiástica, mas preferiu pedir desligamento do seminário para se dedicar ao Magistério. Tinha aptidão para a vida de padre e vocação para a vida de professor. A aptidão cedeu lugar à vocação. Somente depois de ter começado a dar aulas particulares para adolescentes foi que descobriu a vocação para lecionar. Ninguém desperta os dons recebidos de Deus se não ampliar o campo de atuação. Como religioso, acreditava que

Jesus Cristo nascera humano, tornando-se divino a partir do batismo, momento em que fora ordenado Filho de Deus por João Batista, assumindo, como sacerdote supremo, a missão excelsa de servir como mediador entre a Divindade e a Humanidade. Desde a adolescência, Tiago procurava uma resposta convincente para esta pergunta: “Há vida após a morte?”, mas não achava uma resposta convincente. Não queria encontrar argumentos filosóficos, mas provas reais de que a vida continua depois da morte. Os postulados da ciência espírita, associados à sua experimentação, representaram para ele uma ferramenta útil para formar a sua convicção. Para ele, os fatos vivenciados são mais persuasivos do que os dogmas apregoados, pois não deixam o espaço mental livre para contra-argumentos. As provações estabelecidas no mundo espiritual para a sua vida terrena demandaram uma carga intensa de fluido vital. Por isso, Tiago era dotado de um forte magnetismo pessoal.

Estas perguntas são convites à reflexão: “Quem sou eu?” e “Em que acredito?”, e da busca pelas respostas originaram-se as seitas e religiões. Na opinião de Tiago, essas indagações são fundamentais para a concepção de uma existência anterior à existência atual, e que influencia esta de maneira decisiva. Nas reuniões que presidia, não era raro argumentar que o homem é moldado pelas crenças que alimenta. Tiago orientava os seus consulentes no sentido de manterem a saúde espiritual com pensamentos positivos em relação a si próprios e ao mundo, afirmando, com absoluta convicção, que, conforme a perseverança e a sinceridade desse exercício mental, o que é idealizado no mundo interior pode ser concretizado no mundo exterior. Era um defensor entusiasta da teoria da força do pensamento como poder transformador da realidade, quer espiritual, quer material. De acordo com a crença de Tiago, para transformar a situação na qual vivia, Hugo teria de estabelecer para si mesmo, como verdade incontestável, a ideia de que o pensamento existe de forma concreta, e que a existência do pensamento é inseparável da essência espiritual. Tiago recomendou que não duvidasse de suas percepções extrassensoriais, pois estas seriam imprescindíveis ao processo de libertação emocional do passado, ao qual permanecia acorrentado pelo sentimento de culpa. Sem, todavia, descuidar-se do tratamento psiquiátrico, submeteu-se ao tratamento espiritual. Para que a intervenção mediúnica lograsse êxito, seria necessário que Hugo organizasse o seu mundo interior com pensamentos elevados, criando, desse modo, um campo de força que o protegeria da influência perniciosa dos espíritos inferiores, cujo padrão vibratório de baixo nível entrara em sintonia com o seu perispírito em virtude do sentimento de culpa. Este debilitara a sua saúde espiritual. Hugo sentia-se profundamente culpado pelo fracasso da relação matrimonial. Tiago alegou que a pessoa que havia solicitado o concurso predatório dos espíritos malignos tinha sido a ex-esposa. Naquela época, não conformada com a separação, ela recorreu a um trabalho orientado de “magia negra”, a fim de fechar todos os caminhos que Hugo quisesse e pudesse trilhar para alcançar a felicidade. A ex-sogra também estava metida nessa trama diabólica, mas isso era previsível. Nunca se deram bem. Muitas vezes, a felicidade alheia incomoda as pessoas que desacreditaram nela por algum motivo. O que essas pessoas não sabem, ou não admitem, é que cada dia, cada momento do dia pode ser um recomeço para quem mantém acesa no pensamento a chama da esperança. Pensar positivamente atrai pessoas e situações favoráveis. Toda iniciativa bem-sucedida é uma luz que se acende na alma humana, e o resultado esperado da prática reiterada de boas ações é a iluminação interior, que alarga o horizonte de oportunidades de realização pessoal. A ex-esposa havia recorrido às forças do mal para se vingar de Hugo, e a vingança estava na iminência de ser consumada de forma completa e irreversível. Tiago esclareceu que o satanismo moderno é uma seita religiosa representada pela adoração a uma deidade maligna em oposição a uma deidade benigna. Na crença dos satanistas, a

vingança deve triunfar sobre o perdão. Explicou também que um dos principais recursos emocionais utilizado pelos espíritos obsessores consiste em despertar o sentimento de culpa nas vítimas, valendo-se dos deslizes cometidos na condução de suas vidas por ignorância ou inexperiência. O passo seguinte é, com o tempo, intensificá-lo até a exaustão, de forma a convencê-las de que todo sucesso é imerecido e, por conseguinte, nenhuma conquista é louvável. Hugo estava fazendo o jogo deles em seu desfavor, uma vez que os fortalecia com a sua fraqueza moral. “Quanto mais poder se confere à opressão, maior será a tirania!”, concluiu Tiago, olhando diretamente nos olhos de Hugo.

Além do sentimento de culpa, outra arma emocional muito eficaz na obsessão espiritual é a técnica que explora o sentimento de medo, um sentimento que, se não for controlado, é capaz de provocar uma enorme desarmonia interior, deixando a pessoa vulnerável a toda sorte de influências perniciosas. Muito preciso em suas assertivas, Tiago finalizou a conversa com Hugo exortando-o a orar diariamente, pedindo a Deus a força revigorante da coragem, porque temer significa ocupar voluntariamente uma posição de inferioridade, na qual a pessoa é incapaz de acreditar e investir em seu potencial, chegando ao ponto extremo da autossabotagem, que é uma tentativa inconsciente de frustrar a própria felicidade. Na mente em que o medo campeia sem rédeas, desfalece a força transformadora do amor. O medo faz com que a pessoa sofra uma baixa no padrão vibratório, tornando-se, dessa forma, vulnerável aos pensamentos negativos. Sentir medo de alguém, ou de alguma situação, sem esboçar nenhuma reação defensiva, é o mesmo que passar um atestado de inferioridade. Por isso, pregando com o exemplo, Jesus Cristo ensinou que se deve resistir à subjugação com fé e determinação, mesmo ao custo do sacrifício da própria vida, que foi o preço que pagou por ter resistido à tentação do Príncipe das Trevas, recusando o poder e a glória dos reinos do mundo. Todos os homens têm necessidades existenciais que só podem ser satisfeitas pela experiência espiritual, visto que, como está escrito no Novo Testamento, nem só de pão vivem os homens.

Naquela noite, já tendo retornado ao aconchego do lar, Hugo pensou em trocar de residência. Talvez assim ficasse livre daquele atoleiro de culpa no qual se revolia desde a separação conjugal. As ideias inimigas estavam gritando em sua mente, mas não lhes deu atenção. Concentrou-se na leitura de um livro de autoajuda. O sono veio devagar. Mais um pouco de leitura e o sono chegou, sugerindo-lhe que vestisse o pijama e fosse dormir. Rendeu-se a essa sugestão e adormeceu contemplando as estrelas que cintilavam no céu. Hugo realizou a sua verdadeira mudança no dia em que se converteu à religião cristã, passando a frequentar a igreja evangélica que ficava em frente ao centro espírita. O pastor conseguiu persuadi-lo a perdoar os pecados que cometera no passado, na intenção de liberar os seus braços para que pudesse abraçar um futuro feliz. Nos meses que se seguiram à conversão religiosa, Hugo conheceu Isabel durante um culto dominical, com quem se casou e teve um filho, que veio ao mundo como um troféu pela recuperação da autoestima. Marcos foi o nome que a mãe escolheu para o filho. Nesse mesmo ano, a família mudou-se para Belo Horizonte. Hugo ofereceu-se à felicidade com o coração aberto, e esta o recebeu com os braços estendidos. Filho de pais provedores de atenção, carinho e disciplina, Marcos tornou-se um respeitado professor de Física, um bom marido, um pai dedicado e um homem que queria desvendar a face obscura da morte. As vozes misteriosas calaram-se para sempre.

O número do urso

Alguém soltara um peido com efeito sonoro. O fedor que se seguiu ao ruído era a prova olfativa desse fato que, a princípio, é natural, mas que se torna antissocial quando é praticado dentro do elevador de um edifício comercial. Que coisa feia! Quem teria sido o porco, ou a porca? Amargar um peido sonoro logo pela manhã é desanimador. Ninguém merece. Chega a ser até uma penitência. Assim que o ascensorista abriu a porta, todos evadiram rapidamente do elevador com uma das mãos cobrindo o nariz. Parecia uma manada de alces fugindo de um tigre em disparada. Cláudio deu alguns passos, colocou o lenço que usara para tapar o nariz no bolso do paletó, abriu a porta do escritório, entrou em sua sala e sentou-se à mesa. Pegou o bule e encheu a xícara. Quatro goles foram suficientes para beber todo o conteúdo. Como sempre fazia pela manhã, a secretária tinha acabado de preparar o café. Dotado de uma lucidez incomum, Cláudio era um advogado especializado em causas cíveis e criminais. Trazia uma força de vontade inquebrantável na personalidade, o que lhe era favorável na defesa dos lúdicos interesses dos clientes. Sonhava alto, mas com os pés no chão. Estava estudando para prestar concurso público para a Magistratura. O falecido pai chegara ao cargo de Desembargador, e ele queria enveredar pelo mesmo caminho. Outro traço marcante de sua personalidade era a busca incansável pela verdade. Aprendera com o pai a procurar o equilíbrio entre a crença e a razão, pois aquela supre as limitações desta, oferecendo teorias para esclarecer os fatos que carecem de explicação à luz das ciências humanas, e esta supre a inconsistência daquela, traçando os limites do que é aceitável à luz do bom senso. Em outras palavras, seguia pelo caminho do meio, equilibrando-se entre a fé e a lógica. Cláudio era um homem que queria compreender a vontade de Deus, e não apenas acreditar na pregação religiosa, muitas vezes eivada de interesses financeiros escusos e inconfessáveis. Mais que isso, queria ter certeza absoluta de sua existência, de tal forma que pudesse falar de Deus com convicção. Viera ao mundo com a semente da intuição, mas esta ainda não havia germinado.

A esposa ligou para avisar que iria visitar a mãe, que não estava bem de saúde, e retornaria para preparar o jantar. Cláudio ouviu o recado e disse que estaria à disposição para qualquer emergência. Pousou o fone no gancho e endireitou-se na cadeira. No instante seguinte, olhou para a fotografia do pai sobre a mesa. Sentiu um arrepio. Talvez ele estivesse ali para lhe fazer uma visita. Nas pessoas sensíveis, como Cláudio, o arrepio indica a presença de um espírito. Enquanto arrastava o porta-retratos para mais perto dos olhos, teve uma ideia. Vestiu o paletó, pegou o elevador e desceu até o térreo. Atravessou a rua a passos largos, caminhou para a direita e dobrou a primeira esquina. Naquela rua funcionava uma loja de artigos religiosos. Dirigiu-se ao atendente que estava ao balcão e comprou um baralho cigano. De volta ao escritório, ouviu passos às suas costas enquanto caminhava pelo corredor. Virou-se rapidamente. Não havia ninguém. Estava quase chegando ao escritório quando ouviu novamente os passos. Virou-se mais uma vez e percorreu os olhos pelo corredor. Ninguém por ali. Entrou no escritório, fechou a porta, tirou o paletó e sentou-se à mesa. Abriu a caixa do baralho cigano e escolheu uma carta aleatoriamente, mantendo os olhos bem fechados. Em seguida, levantou-se, deu seis passos à frente e colocou-a cuidadosamente em cima da estante, de maneira que ninguém pudesse vê-la. Queria manter isso em segredo. Não sabia qual era a carta. Já estava de saída para uma audiência quando a campainha tocou

na recepção. A secretária levantou-se e abriu a porta. Era um amigo de Cláudio, Alexandre. Também advogado, este amigo tinha combinado com Cláudio de irem juntos até o fórum. Alexandre ofereceu-se para levar o amigo em seu automóvel. O ascensorista abriu a porta do elevador. Desceram até o térreo. O automóvel estava estacionado em frente ao prédio. Um garoto de rua tomara conta dele durante a sua ausência. Alexandre meteu a mão na carteira de dinheiro e pagou-o pelo serviço de vigia. Deu a partida no motor, ajustou o retrovisor e partiu para o fórum, que se localizava a dez quarteirões dali.

Para atingir o objetivo que tinha em mente, Cláudio já havia dado o primeiro passo. Comprou um baralho cigano, retirou uma carta ao acaso e a colocou em cima da estante, tudo conforme a intuição o aconselhara. O próximo passo consistia em descobrir qual era a carta. Essa seria a fase decisiva, na qual depositava toda a esperança. Desde a adolescência, estivera às voltas com o ocultismo. Dessa vez, tentava desvendar o mistério da morte de forma incontroversa, para nunca mais ocupar-se com tal dilema. A decisão estava tomada. Fez uma prece com as mãos juntas diante do peito. Com um assomo de ousadia, propôs a Deus que lhe provasse a sua existência revelando o número da carta. Jamais fizera uma experiência dessa natureza antes. A incredulidade sempre lhe afirmara de forma categórica que era uma bobagem muito grande de sua parte supor que Deus se interessaria em provar a sua existência a um simples mortal. Como sempre dera ouvidos a ela, nunca testara a boa vontade divina. Não imaginava o dom que havia despertado dentro de si com a prece que fizera. O dom da intuição, que até então se resguardara por causa de sua hesitação. Depois de passar anos a fio acreditando em Deus, finalmente chegara a hora de trocar a crença pela certeza. Não arredaria os pés do terreno desconhecido em que havia pisado com tanta firmeza. No entanto, para se certificar da existência de um Ser Supremo, que preside o Universo e toda a vida que nele há, teria de aguardar pacientemente a revelação divina. Naquele momento, as palavras-chave eram estas: fé e paciência.

Por volta das vinte horas, Cláudio chegou em casa.

– Gisela, cheguei! – disse assim que abriu a porta.

A esposa o esperava para o jantar. Contou que a mãe recebera a visita de seu médico particular e fora devidamente medicada. Enquanto comia, Cláudio comentou com a esposa o pedido que fizera a Deus.

– Isso é loucura – disse Gisela, enquanto colocava um pouco de queijo parmesão ralado sobre a macarronada.

Cláudio ergueu o rosto, olhou para ela e ficou quieto. Gisela era atea. Nesse instante, Cláudio percebeu, então, que não deveria conversar com mais ninguém sobre esse assunto. As pessoas educadas diriam que estava passando por um período de estresse e que isso era devido ao excesso de estudo. As mal-educadas debochariam dele, dizendo que tinha enlouquecido de vez. O melhor a fazer nessa situação era mesmo guardar segredo. Ninguém lhe daria crédito. Quando olhou para o marido, Gisela notou as olheiras escuras sob os olhos. O rosto dele era a expressão do cansaço. Estudava toda noite pelo menos duas horas para um concurso público, e nos fins de semana dedicava ao estudo toda a parte da manhã. Terminada a refeição, foram para a cozinha lavar e guardar os utensílios. O marido a ajudou nessa tarefa. Enquanto ela lavava, ele guardava as louças e os talheres no armário. Depois dos vinte minutos seguintes, os olhos de Cláudio voltaram-se para o relógio de parede. Estava na hora de recolher-se ao escritório para estudar. Anotava no caderno os trechos que julgava relevantes. Já havia preenchido dois cadernos com essas anotações. Por volta da meia-noite e meia, já exausto e sonolento, fechou o livro de Direito Constitucional, guardou-o na estante e foi direto para o quarto. Gisela dormia. Receando acordar a esposa, deitou-se ao lado dela

devagar, sem balançar a cama. Uma noite de sono era tudo de que precisava. No dia seguinte, teria de comparecer a duas audiências.

Durante a noite Cláudio acordou, calçou os chinelos e foi até a cozinha beber um copo de água. De volta à cama, virou-se para o lado da esposa e dormiu de novo depois de alguns minutos. Sonhou que estava no cume de uma montanha. Era dia claro. O azul do céu transmitia uma intensa sensação de tranquilidade. Ouvia o canto de pássaros ao redor, embora não os visse. Sentia-se confortável por dentro. Não havia ninguém por perto, mas pressentia a aproximação de alguém. Ergueu os olhos para o céu e viu descer um anjo. Pouco depois, o anjo firmou os pés no chão, olhou fixamente para ele e disse com uma voz que nunca ouvira na vida:

– Você não sabe como descer desta montanha, as trilhas são acidentadas e vigiadas por feras em busca de presas indefesas, mas eu posso ensiná-lo a chegar até a base dela com segurança, se você assim me permitir. Vai dar tudo certo. Confie em mim.

Cláudio despertou ouvindo o farfalhar de asas. Levantou-se, caminhou até a janela e olhou para o céu. Havia estrelas cintilando, mas nenhum anjo voando. Voltou para a cama, cobriu-se com o cobertor e dormiu profundamente até o amanhecer.

Seis horas da manhã. O Sol já se preparava para despontar no horizonte, inaugurando mais um dia. O alarme do despertador a corda quebrou o silêncio. O casal acordou e saiu de baixo do cobertor. A esposa foi para a cozinha preparar o lanche. O marido foi ao banheiro tomar banho. Antes de sair de casa, Cláudio acariciou os cabelos da esposa, beijou-a na boca e caminhou até o elevador. O apartamento ficava no sexto andar. Na garagem do edifício de dez andares, deu a partida no motor do automóvel e seguiu para o escritório de advocacia. O Sol já nascera e o céu estava limpo. Era uma quarta-feira sem chuva do inverno de 1939. Cláudio trabalhou muito nesse dia, e no dia seguinte, até que na sexta-feira, de volta do trabalho, saiu com a esposa para jantar. O casal foi a um restaurante que ficava nas redondezas. Não houve necessidade de irem de automóvel. Andaram apenas duas quadras para chegar ao restaurante. O jantar de sexta-feira era um compromisso quase religioso que tinha com a esposa. Ela gostava de jantar fora. Ele, também. Os garçons já os conheciam. Eram fregueses de longa data. Para comer, escolheram estrogonofe de *filet mignon*. Para beber, fizeram o pedido de sempre. Vinho *cabernet sauvignon*. Depois de servidos, passaram quase uma hora entre garfadas, goles e muita conversa. Ambos eram bons falantes, além de apreciadores de um bom cardápio e de um bom vinho. Ao final da refeição principal, pediram a mesma sobremesa. Torta de chocolate com recheio de doce de leite. Tinham muitos pontos em comum, entre eles o paladar exigente.

Cláudio passou o sábado inteiro dentro de casa, estudando. A data do concurso público estava se aproximando a galope. Reservou o domingo para ir à missa pela manhã. Embora fosse atea, Gisela sempre o acompanhava. À noite, ficaram em casa, jogando xadrez. Cláudio não lera os exemplares do jornal de sua preferência nesse fim de semana. Quando chegou do trabalho na segunda-feira, escutou a campainha do telefone. A pessoa do outro lado da linha era a esposa. Ela fora ao supermercado e já estava de volta. Olhou para o relógio de pulso. O mostrador indicava que eram dezenove horas e quinze minutos. Cláudio tomou o banho habitual, pegou o jornal do sábado, recostou-se no sofá da sala de estar e pôs-se a ler as notícias. Reparou na fotografia de uma pessoa conhecida. Pensou um pouco até se lembrar de quem era aquele rosto. A mulher havia sido assassinada pelo marido. O rosto não apresentava marcas de violência. A fotografia era de uma cliente. Cláudio tinha movido uma ação judicial de separação há cerca de dois meses a pedido dela, que não aguentava mais a violência com que era tratada pelo marido desequilibrado. Além disso, descobrira que

ele tinha uma amante. Não conformado com a separação, o homem decidiu vingar-se dela a todo custo. Entrou na casa de sua cliente pela janela do quarto que estava aberta. Pegou um lenço, jogou-se em cima dela e a matou por asfixia. A autópsia, realizada no mesmo dia da ocorrência, não constatou sinais de estupro. A vítima morreu dormindo, sem saber quem a assassinara. Um vizinho viu o homem invadindo a casa da vítima e imediatamente chamou a polícia. A viatura policial que se deslocara até o local do crime não chegou a tempo de impedir o homicídio premeditado, mas os policiais lograram êxito em efetuar a prisão em flagrante do facínora. Conduzido até a delegacia policial daquela circunscrição, confessou o crime, assinou a nota de culpa e foi recolhido à carceragem para posterior transferência para um presídio. A violência doméstica é uma serpente má que se arrasta pelo mundo afora envenenando as famílias. Não faz acepção de pessoas no que respeita ao nível cultural e à condição econômica. O jornal noticiava também a invasão da Polônia pelas tropas do exército nazista. Esta invasão militar representou o limiar da Segunda Guerra Mundial. Consultando o jornal do domingo, soube que a Inglaterra e a França declararam guerra ao III Reich por conta dessa incursão. Muitas vidas ainda seriam ceifadas e lançadas à frialdade da terra. No Brasil vigorava o Estado Novo, um governo de cunho fascista. Depois da leitura, consultou o relógio de pulso e olhou para a janela. Tinha começado a chover naquele momento. Em seguida, a esposa entrou pela porta da cozinha com uma bolsa de compras. Não estava com a roupa molhada. A chuva desceu depois que ela entrara no prédio. Cláudio comentou com a esposa o noticiário que tinha acabado de ler. Gisela mudou logo de assunto. Disse que comprara farinha de trigo e linguiça calabresa. O jantar seria pizza de calabresa com suco de laranja. A sobremesa, queijo com goiabada. A chuva batia contra as vidraças. Choveu a noite toda.

Uma quinzena depois, Cláudio ainda não fazia a menor ideia de qual era a carta que colocara em cima da estante da sala comercial. A fé já dava os primeiros sinais de esmorecimento.

- Deus vai atender a minha súplica – pensou, tentando avivar a fé.
- Vai, sim – disse a voz da intuição.
- Mas não aguento mais tanta espera – reclamou, declinando a cabeça.
- Então reze – a intuição lhe sugeriu.

Ao meio-dia saiu para almoçar. De volta ao escritório, retomou o trabalho. Estava sentado à mesa folheando um processo penal. Ao virar uma folha, a de número 66, deparou-se com uma folha de papel dobrada. Colocou-a sobre a mesa, do seu lado esquerdo, e prosseguiu o exame das peças processuais até o fim. Terminando a análise, guardou o processo penal dentro da gaveta superior da mesa e trancou-a a chave. Em seguida, pegou a folha de papel, desdobrou-a e notou que trazia uma mensagem escrita a mão. As letras pareciam desenhadas. A grafia era muito bonita. Ficou surpreso ao ler isto: “Afastei de você o malfeitor que o perseguia. O caminho está livre. Vai dar tudo certo. Confie em mim”. Nesse instante, lembrou-se do sonho. O relógio de parede marcava dezoito horas. A secretária despediu-se dele e saiu. Em seguida, colocou o bilhete dentro do bolso interno do paletó, ajeitou a gravata, pegou a maleta e foi embora. No trajeto para casa, estacionou o automóvel em frente a uma padaria, onde comprou pão e leite para o lanche da manhã seguinte. Logo depois, rumou para casa. Dessa vez, não comentaria com a esposa sobre o bilhete. Não queria ouvir dela o que ouvira da vez passada: “Isso é loucura”. Chegando em casa, tocou a campainha. A esposa tinha saído. Enfiou a mão no bolso externo do paletó, pegou a chave e abriu a porta principal do apartamento. Deixou a maleta sobre a mesa de centro e esparramou-se no sofá da sala de estar. Alguns minutos depois, a esposa chegou. Tinha ido visitar a mãe. Nessa noite, por algum motivo, ficou pensando no pedido que fizera a Deus. Queria descobrir qual

era a carta, mas isso não dependia somente de sua vontade. O baralho cigano tinha 36 cartas. Se fizesse uma única tentativa, a chance de acerto seria de 2,8%, com aproximação da casa decimal. Não queria correr o risco de errar o prognóstico. Isso representaria uma grande decepção. De alguma maneira, que a intuição ainda não lhe revelara, conheceria a verdade, e a verdade o libertaria das garras afiadas da dúvida. Um fato extraordinário estava na iminência de se consumir.

De manhã cedo, ao entrar no escritório, pediu à secretária que avisasse os clientes de que estaria ausente por uma semana. Viajaria com a esposa para a Itália. Já havia comprado as passagens de ida e volta. Fazia dois anos que não gozava férias. Passara todo esse tempo absorto pela advocacia. Precisava espairar. Quebrar a rotina. A esposa tinha parentes italianos. Alguns moravam em Roma. Outros, em Nápoles. Católico praticante, Cláudio planejava uma visita ao Vaticano, o menor país do mundo em extensão territorial e o maior em fé cristã. No início daquela semana, comprara uma câmera fotográfica especialmente para fotografar as capelas e estátuas que adornam a sede mundial da Igreja Católica, criada em 1929 pelo Tratado de Latrão.

Naquela fase da vida, não queria mais viver apenas de sonhos, como a onda empurrada pelo vento que nunca alcança a praia. Na antevéspera da viagem programada, depois de nadar exaustivamente pelas águas da incerteza, Cláudio alcançou a praia que procurava desde o dia em que ouviu falar em Deus pela primeira vez. Na infância, a mãe lia trechos do Novo Testamento para ele quando se deitava para dormir e o levava à missa aos domingos. Às vezes, quando pensava em Deus, na sua bondade e justiça, sentia a presença dele, como uma nuvem protetora que o envolvia. Nessas ocasiões, uma sensação indescritível de paz irrompia em seu mundo interior. Depois de armar o alarme do despertador, recolheu-se ao quarto e dormiu. A esposa ficou recostada no sofá da sala de estar, lendo um livro que ganhara de uma amiga. Por um instante, Cláudio achou que tinha acordado, mas continuava adormecido. Viu-se de pé sobre a cama. Embaixo, imóvel como uma pedra, estava o seu corpo. Ficou parado, olhando ao redor. Não porque quisesse ficar assim. Na verdade, não conseguia se movimentar. De repente, surgiu na escuridão do quarto um homem vestindo uma camisa branca de mangas curtas. As calças compridas também eram brancas. O homem aparentava trinta anos de idade. Os cabelos eram castanhos e curtos. O bigode ralo cobria o lábio superior da boca. Prestando atenção no olhar, pôde notar um ligeiro estrabismo. Em seguida, o homem aproximou-se dele com passos lentos. Depois de ter dado alguns passos, parou e permaneceu em silêncio. Nesse instante, um acesso de pânico fez com que Cláudio voltasse ao estado de vigília. Levantou-se aturdido e foi para a sala de estar. Não há nada que se imponha com tanta força quanto o medo do desconhecido. Ao vê-lo, a esposa fechou o livro, caminhou até ele e o abraçou. Em seguida, foram para a cama. Conversaram um pouco até o sono chegar. Dormiram abraçados. Cláudio deu-se conta de que estava totalmente consciente, embora adormecido. Dessa vez, não viu o homem estrábico vestido de branco. Diante dele, suspensas no ar, avistou seis bolas pretas dispostas na horizontal, contendo cada esfera um número na cor branca. Os seis números, da esquerda para a direita, seguiam esta sequência decrescente: 20, 19, 18, 17, 16, 15. Sentia a presença de alguém ao seu lado, mas não conseguia mover a cabeça para a direita. Nem para a esquerda, onde estava a esposa. Enquanto tentava compreender o significado daquela visão, deu-se conta de que havia retornado ao estado de vigília. Olhou rapidamente para a esquerda e não viu a esposa. O que teria acontecido com ela? Levantou-se e foi até a cozinha. Lá chegando, deparou-se com a esposa preparando um chá de camomila. Perdera o sono. O efeito calmante do chá poderia ajudá-la a pegar no sono novamente. Cláudio nada disse à

esposa sobre a visão que tivera momentos atrás. Bebeu um pouco do chá também. Recolheram-se ao quarto poucos minutos depois. O sono havia retornado.

Na manhã do dia seguinte, por volta das dez horas, sentado à mesa abarrotada de papéis Cláudio redigia uma minuta. A secretária tinha saído para pagar as contas do escritório no banco. Terminada a redação, acondicionou o documento dentro de um envelope e o trancou no arquivo. Concluía assim a última tarefa antes da viagem. Aparentemente estava tudo em ordem. Poderia viajar tranquilo. Sem nada mais a fazer, endireitou-se na cadeira e ergueu os olhos até o alto da estante. “Qual é o número da carta?”, perguntou-se. “Qual é o número da carta?”, perguntou-se novamente. Quando ia repetir a pergunta mais uma vez, teve a intuição de que era a carta de número 15. Concentrou-se por um instante e focou a atenção nos outros números, mas continuou com o pressentimento de que era mesmo a carta de número 15. Se fosse verdade, teria certeza da existência do Criador. Não refutaria uma evidência, por mais que a incredulidade o atormentasse com o fantasma da dúvida. Um tanto receoso, não quis tirar a carta de cima da estante. No fundo, temia que pudesse estar equivocado em seu prognóstico, que a visão que tivera durante a noite tivesse sido apenas um sonho. Um sonho como outro qualquer, sem relação alguma com a oração que fizera a Deus. Um simples sonho. Precisaria de um pouco mais de coragem para estender a mão, pegar a carta e ler o número, mas a coragem não vinha, estava impotente diante de uma realidade desconhecida. Passados alguns minutos, a esposa entrou pela porta do escritório. Iriam almoçar juntos nesse dia. Cláudio virou-se para ela e afirmou que já descobrira o número da carta.

– Qual é o número? – indagou Gisela com o semblante sério.

– O número é 15! – respondeu Cláudio com convicção.

A esposa estendeu a mão direita e tateou a parte superior da estante. Em seguida, recolheu o braço trazendo a carta na mão. Em seguida, colocou-a sobre a mesa, com o número virado para baixo. Cláudio pegou a carta, virou-a e leu este número: 15. Por um instante, manteve os olhos fixos na carta, enquanto ouvia uma voz interior que lhe falava assim: “Eu existo. Vai dar tudo certo. Confie em mim”.

No baralho cigano, o número 15 corresponde ao urso. No bom sentido, este animal simboliza a força espiritual, mais precisamente a força da fé. Nas relações com a Espiritualidade, verdades complexas são reveladas de maneira simples. Isso faz parte da sabedoria divina. Deus gosta de simplicidade. Por esse motivo veio ao mundo como carpinteiro, e não como imperador. Cláudio substituiu a fé cega na vida eterna pela certeza resultante da evidência. No mês de junho do ano seguinte, nasceu o primeiro e único filho do casal. Na maternidade, a mãe olhou para o rosto do bebê e disse ao pai que se chamaria Hugo. No ano em que completou dezoito anos de idade, Hugo iniciou o curso de Física. Depois da formatura do filho, o pai aposentou-se como Desembargador do Tribunal de Justiça.

Anjo da guarda

O trânsito no centro da cidade do Rio de Janeiro estava congestionado na parte da manhã. Jorge seguia de automóvel para o local de trabalho. O rádio noticiava uma manifestação popular contra a legalização do aborto no Brasil. Desistindo de enfrentar o engarrafamento, decidiu estacionar o veículo na primeira vaga que avistasse pela frente. Encontrou a vaga que procurava. Depois desse sufoco, percorreu a pé três quarteirões até chegar ao prédio onde mantinha um escritório de contabilidade. Pegou o elevador e apertou o botão do oitavo andar. Estava sem secretária havia dois meses. Por isso, assim que chegou ao escritório, tratou logo de preparar o café que serviria aos clientes. O trabalho transcorreu normalmente durante todo o dia. Por volta das dezoito horas, quando arrumava a mesa para voltar para casa, a campainha tocou. Achou isso estranho. Não havia nenhum cliente agendado para aquele horário. Jorge abriu a porta. Era uma adolescente pedindo emprego. Antes de convidá-la a entrar, quis saber dela quem a indicara para a vaga de secretária. A moça alegou que um dos porteiros daquele prédio residia na mesma rua que ela. Eram vizinhos. Sabendo que procurava emprego, esse porteiro forneceu-lhe o endereço comercial de Jorge, que havia comentado com ele sobre a necessidade urgente que tinha de uma secretária para recepcionar os clientes. Depois disso, Jorge convidou-a a entrar. A candidata chamava-se Solange. Tinha dezoito anos de idade. Órfã de pai, a moça morava com a mãe. Era filha única. Abandonara o ensino médio para trabalhar, pois a renda mensal da mãe não era suficiente para cobrir todas as despesas domésticas, incluindo o aluguel da casa. Recebia uma parca pensão da Seguridade Social. O último emprego de Solange fora de secretária de um consultório dentário, portanto possuía experiência profissional para o desempenho da função. Após a entrevista, que não durou mais que meia hora, Jorge contratou-a para ocupar a vaga com início imediato. A nova secretária começaria a trabalhar no dia seguinte, das oito às dezoito horas, com intervalo de duas horas para o almoço. Era quinta-feira.

Na sexta-feira, Solange chegou ao escritório com quinze minutos de antecedência. Não se descuidava da pontualidade. Jorge deixara com ela uma cópia da chave. Preparou o café, abriu a janela e sentou-se à mesa da recepção. Jorge atrasou-se nesse dia por conta de uma consulta médica. Tratava-se com um pneumologista. Por orientação médica, teria de abster-se do tabagismo, um vício que o acompanhava desde a adolescência. Chegando ao escritório, como era de costume, bebeu uma xícara de café e acendeu um cigarro. Na primeira tragada sentiu-se mal. Tossiu muito e teve ânsia de vômito. Apagou o cigarro no cinzeiro com raiva. Em pensamento, prometeu a si mesmo que abandonaria para sempre o hábito nocivo de fumar. Não queria morrer por causa do enfisema pulmonar. Fez algumas ligações telefônicas e foi para casa. Antes disso, porém, pediu a Solange que recebesse a documentação dos clientes e a colocasse na prateleira superior do armário. Como era véspera de fim de semana, faria a escrituração contábil na segunda-feira. Solange fez o que lhe fora solicitado. No final da tarde, chegou ao escritório um cliente de nome Afonso, dono de uma lanchonete. Vendo que Solange estava de saída, ofereceu-se para levá-la em casa no seu automóvel. Solange aceitou a cortesia.

Chegando ao escritório na segunda-feira, Solange preparou o café, abriu a janela da recepção e sentou-se para descansar. Reparou que, em cima do armário, havia uma imagem em cera do anjo São Miguel. Na semana anterior, a caminho do escritório,

Jorge a comprara em uma loja de artigos religiosos. Passados alguns minutos, Jorge entrou no escritório saudando-a com um bom-dia. Curiosa, Solange perguntou se acreditava em anjos da guarda. Jorge respondeu que sim. Segundo ele, que era católico praticante, Deus não desaprova as imagens de santos, mas, sim, as imagens de ídolos, que são os falsos deuses. Aproveitando a pergunta, Jorge comentou que o anjo São Miguel é o líder do exército de Deus na guerra contra as forças do mal, cujo líder é o anjo Satanás. Portanto, disse ele, a luta entre o bem e o mal é travada entre anjos. Esclareceu ainda que, na Epístola de São Judas Tadeu, o anjo São Miguel é citado como arcanjo, isto é, o primeiro anjo, o chefe dos anjos. Percebendo que a secretária havia se interessado pelo assunto, ele contou uma história sobre a fé e a determinação de um policial para salvar a vida de uma mulher que se encontrava em apuros. O nome dele era Ariel. Por coincidência, tinha o nome de um anjo da guarda. De fato, Ariel assumiu o papel de anjo da guarda de Rosa Maria ao ajudá-la a escapar de uma tragédia iminente em decorrência de problemas de relacionamento afetivo. Jorge gostava de contar histórias.

Antes de iniciar a narrativa, bebeu uma xícara de café. Em seguida, comentou que o policial ganhara um livro de presente de um colega de trabalho. O livro versava sobre fenômenos paranormais. Jorge disse que, no capítulo que tratava da premonição, o policial ficou sabendo da circunstância sobrenatural que envolveu a morte do ex-presidente norte-americano Abraham Lincoln, que confidenciara à esposa que seria assassinado em breve. Pois bem. O homicídio ocorreu três dias depois, enquanto assistia a uma peça teatral. Na noite em que terminou a leitura, Ariel teve um sono agitado, acordando sobressaltado várias vezes durante a noite. Logo cedo, pela manhã, despertou antes do horário habitual. Enquanto escovava os dentes, pensava no sonho que tivera naquela noite. Lembrou-se de que se encontrava na sala de um apartamento, onde presenciava a discussão calorosa de um casal. De repente, o marido sacou o revólver e apontou-o para a esposa, mas não vinha à memória o desfecho desse episódio. O sonho era interrompido nesse instante, quando retornava ao estado de vigília. Ariel foi para a delegacia policial ainda pensativo. Chegando lá, relatou o sonho ao colega que lhe dera o livro de presente. Na conversa que tiveram, o colega orientou-o no sentido de deixar o sonho seguir o seu curso normal. Poderia ser uma advertência antecipada de uma tragédia. Ao retornar do serviço, pegou o livro na estante e leu novamente o capítulo sobre o assassinato do ex-presidente estadunidense. O tempo passou, mas não dissipou o pressentimento. Fazia duas semanas que Ariel não tinha o tal sonho. Num tarde de domingo, contudo, foi acometido por um sono intenso que o fez adormecer. Dormiu debruçado sobre a escrivaninha, enquanto lia o último capítulo do livro. Sonhou outra vez com a briga do casal. Nesse sonho, Ariel foi arrebatado para a portaria do prédio, onde foi informado pelo porteiro sobre o local do crime. O casal residia em uma cidade que divisava com a cidade onde Ariel morava. Soube também que o homicídio poderia ocorrer até o final daquela semana. Acordou atônito, ligou para o colega e argumentou que precisava tomar alguma providência, pois suspeitava de que o sonho pudesse ser realmente um aviso sobre um crime passionai que estava na iminência de ser consumado. Solange não cabia em si de tanta curiosidade. Parecia uma esquimó da Groenlândia dentro do maior *shopping center* da Europa. A perplexidade vicejava em seus olhos. Não sabia se acreditava ou não, mas ouvia atentamente a narrativa. Por um instante, Jorge ficou pensativo, tentando se lembrar dos pormenores da história. Coçou a cabeça olhando para o chão. Ergueu a cabeça, olhou para a ouvinte curiosa e disse que, na noite de uma quarta-feira, Ariel conseguiu a informação de que necessitava, mas esta não lhe foi revelada em sonho. A revelação ocorreu em estado de vigília. Nessa noite, quando se preparava para dormir, ouviu um barulho na cozinha do apartamento, como

se alguém tivesse chutado a lixeira. Rapidamente correu para a cozinha. Para a sua surpresa, deparou-se com uma mulher, a mesma que aparecia nos sonhos discutindo com o marido. Apresentou-se com o nome de Rosa Maria. Ariel arregalou os olhos, deu um passo para trás e indagou a mulher sobre as circunstâncias temporais do fato criminoso. Ela esclareceu que poderia ocorrer às vinte horas do dia seguinte, acrescentando que receava ser assassinada pelo marido. Em seguida, a aparição, ou seja lá o que tenha sido aquela coisa, sumiu do seu campo visual. No mesmo instante em que a visão desapareceu, formou a convicção de que não se tratava de uma alucinação. Acreditava que o corpo físico apresenta condições necessárias ao seu movimento, mas estas não são suficientes para a expressão das ideias e dos sentimentos, que pertencem à dimensão espiritual do ser humano. Depois do susto, Ariel foi ao banheiro trocar de cueca. Quando caiu a noite, apesar da fadiga, não conseguiu dormir. A ansiedade espantara o sono. Passou a noite em claro, assistindo à televisão. Na parte da manhã, fez uma ligação telefônica para o seu chefe imediato para acertar a concessão de uma licença para tratar de interesses particulares. Precisava de disponibilidade de tempo para elucidar o caso. Ariel representava o papel de James Bond em um filme de suspense paranormal, em que sonhos e visões são mais importantes do que indícios e provas. Depois do telefonema, abriu a porta do quarto, armou o alarme do despertador e jogou-se em cima da cama. Estava cansado e havia um perigo a enfrentar pela frente. Na parte da tarde, levantou-se ainda sonolento e foi tomar banho. Quando entrou no banheiro, encontrou no chão, a um palmo do boxe, um cocô. Deu um pulo para trás. Olhou novamente para ter certeza. Não era uma bomba. Em seguida, com um pedaço de papel higiênico, pegou o cocô, jogou-o no vaso sanitário e acionou a descarga. Catar cocô no chão era só o que faltava àquela altura. Quem teria lançado aquele torpedo orgânico? Ariel era sonâmbulo, mas nunca fizera aquilo antes. Tomar banho e vestir-se foi uma ocupação que não consumiu muito tempo. Não havia tempo a perder. Aquele instante exigia pontualidade. A pressa era tanta que nem chegou a reparar no cheiro do cocô. Depois de alguns minutos, o relógio de parede marcava dezoito horas. Como calculava que a viagem de automóvel duraria uma hora, esperava chegar ao local do crime com uma hora de antecedência. Por um instante, teve vontade de desistir. No instante seguinte, recuperou o ânimo. Lembrou-se da súplica que lhe fizera Rosa Maria. Os desafios são o fermento da vida. Uma vida sem desafios não cresce, nem se desenvolve. Permanece estacionária. O maior de todos os desafios é a conquista da liberdade, porquanto desta depende a felicidade. Antes de sair de casa, cobriu a cabeça com uma toca preta, colocou o cinto com a pistola, vestiu o casaco e fez o sinal da cruz. “Eu vou salvá-la!”, pensou decidido, girando a maçaneta da porta. Daí em diante teria de contar com a pontaria e o controle emocional. Ariel sabia pela experiência profissional que o covarde só age quando tem a garantia da impunidade. Atrás da cortina do anonimato, onde se sabe seguro, é que o covarde encontra coragem para agir, já que teme a reprovação social. Embora fosse otimista, enquanto caminhava pelo corredor teve este presentimento. Fracasso. A mulher seria vitimada fatalmente pelo marido. Entretanto, na esperança de que tudo corresse bem, desceu até a garagem, entrou no automóvel, deu a partida no motor e seguiu viagem.

Jorge fez uma pausa para atender um telefonema. Em seguida, retornou à narrativa dizendo a Solange que, chegando ao local, Ariel estacionou o automóvel em frente ao prédio. Na portaria, identificou-se para o porteiro como policial e disse que estava procedendo a uma investigação. Sentou-se no sofá que ladeava a porta do elevador social. Precisava pensar em como faria a abordagem. Manteve-se em silêncio, enquanto aguardava o momento oportuno para subir até o apartamento. Faltando quinze minutos para as vinte horas, entrou no elevador e foi até o quarto andar, tal como lhe

informara o porteiro no último sonho. O elevador parou e a porta se abriu. Olhou rapidamente em volta. Não havia ninguém. O corredor estava vazio. Tudo ao seu redor parecia ameaçador. A ansiedade aumentava à medida que se aproximava do apartamento. Por um instante, considerou a hipótese de que aquela situação pudesse ser uma mera fantasia de sua mente estressada, mas ficou à espera do calor da discussão para descobrir a verdade. O clima era aterrador. Os segundos pareciam eternidades. Ariel tinha pela frente estas duas alternativas possíveis: sobreviver ou morrer. A escolha dependeria da sorte. Como disse o ator e diretor inglês Charles Chaplin: “A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios”. A cortina pode se fechar no primeiro descuido. O mundo divide-se em mundo das ideias e mundo dos fatos. Este último não dá uma segunda oportunidade. Não houve uma segunda chance para os habitantes de Sodoma e Gomorra, conforme relato bíblico. No software da vida, não existem os comandos “recortar” e “colar”. Com o olhar fixo na porta do apartamento, o policial ouviu o som de uma bofetada, ao qual se seguiu uma expressão de baixo calão pronunciada por voz masculina. A voz era fanhosa. Nesse instante, a discussão teve início. O coração batia acelerado. Faltava exatamente um minuto para o desfecho da trama. Sacou a pistola, recuou um pouco e arrombou a porta com um violento pontapé. Assim que entrou no apartamento, viu um revólver apontado na sua direção, empunhado por um homem sem camisa e com um pentagrama tatuado no braço direito. Era a visão do Inferno. Nesse momento, sentiu um calafrio. A sua vida estava por um triz. Um erro poderia ser fatal. Havia algo de estranho com aquele homem. Talvez estivesse possuído por uma entidade malfazeja que intentava se vingar de Rosa Maria por algum motivo. Ariel apontou a pistola na direção de seu oponente. A esposa dele havia se afastado, estarrecida demais para presenciar o confronto. Cobriu o rosto com as mãos, como se pudesse esconder-se atrás delas. Na troca de tiros, o marido de Rosa Maria foi gravemente baleado, mas resistiu aos ferimentos. Ariel soltou um suspiro de alívio. Tinha saído ileso do tiroteio. A mulher ficou atordoada com o zunido provocado pelos disparos. Ariel a olhou bem nos olhos e sorriu. De repente, uma gargalhada estrondosa retumbou no ambiente. “Saia já de onde estiver!”, gritou Ariel. Como resposta, obteve um silêncio assustador. Ao longo da carreira policial, sempre combatera bandidos dominados por forças infernais. A luta agora era contra o próprio Inferno. Depois de fazer uma busca pelo apartamento, constatou que não havia ninguém que pudesse ter dado aquela risada. Vencera aquela batalha, não a guerra. Esta tinha apenas começado. Quando já se preparava para socorrer a vítima, caminhou na direção de Rosa Maria e disse em voz baixa: “Obrigado por ajudar as pessoas a se salvarem das forças do mal. O mundo não sabe fazer isso por elas”. Embora ela não tivesse entendido nada, o anjo da guarda dela compreendeu perfeitamente o motivo do agradecimento. Na verdade, fora ele que, assumindo a aparência física de sua protegida, apresentara-se a Ariel pedindo ajuda.

Solange saboreava cada palavra que ouvia. Jorge aquietou-se por um instante e fixou o olhar no teto. Depois desviou o olhar para ela, dizendo que uma agradável sensação de dever cumprido tocou o espírito de Ariel no momento em que deu por encerrada a missão policial. Salvara uma rosa inocente de um jardim em chamas. Vendo que o homem precisava de cuidados médicos, Ariel chamou a ambulância, que chegou ao local em menos de dez minutos. Depois que a ambulância partiu, a mulher o acompanhou até a portaria do edifício. Ariel entrou no automóvel, ligou o motor e seguiu sem pressa. Pela janela do veículo, acenou um adeus para Rosa Maria. Enquanto fazia isso, ela retribuía com um sorriso de gratidão pelo socorro que lhe prestara. Parecia escutar ainda o estampido dos tiros. Por isso, ligou o rádio para ouvir música durante a viagem. Depois da meia-hora seguinte, quando trafegava pela autoestrada, foi obrigado a parar. Havia um gato preto deitado sobre o asfalto. Abriu a porta e foi tirar o

animal da pista. Pegou-o com ambas as mãos e deixou-o no acostamento. A noite estava cerrada e imersa em nevoeiro. Mal conseguia enxergar o entorno daquele local. Os campos dos dois lados da rodovia eram ermos. Quando se virou para retornar ao automóvel, deparou-se com uma luz vermelha em forma de retângulo, como se fosse uma porta insculpida na escuridão. Perguntou-se o que era aquilo. Ficou sem resposta. Ele ainda refletia sobre o que fazer quando recebeu uma rajada de vento muito forte no rosto. Em seguida, viu sair do retângulo luminoso um homem alto, trajando um terno preto. O semblante era austero e usava uma capa preta que chegava até a altura dos joelhos. Ariel não se aproximou dele. Sacou a pistola e ficou parado onde estava. O homem exalava cheiro de enxofre, que conferia àquele lugar um aspecto infernal. Ariel sentiu-se desconfortável por dentro. Em seguida, o homem lançou um olhar de ódio em seu rosto. Parecia revoltado e disposto a fazê-lo em pedaços. A porta do automóvel, que deixara entreaberta, bateu violentamente. Uma voz rouca e trovejante saiu da boca daquele homem sombrio, que lembrava o Conde Drácula. Horrível. Nesse instante, o gato preto correu em disparada e embrenhou-se no matagal. Mantendo o olhar fixo em Ariel, falou com um ar furioso:

– Ninguém pode com Satanás. O anjo que o protege não tem parte nenhuma comigo. Não há piedade em mim. Aguarde-me para um acerto de contas quando a sua fé fraquejar. Você vai se arrepender de ter nascido.

Estas palavras fizeram o policial estremecer. Os olhos ardiam por causa da forte luminosidade. Manteve-se calado por um instante depois da ameaça. Em seguida, retrucou:

– Tenho confiança em Jesus.

O demônio firmou os olhos no policial. Exalava ódio deles quando disse:

– Que confiança? Sei muito bem quem é Jesus. E você, quem é?

Demonstrando uma ponta de exasperação, o policial afirmou sem um pinga de dúvida:

– Eu sou um servo de Deus. Muito prazer.

O demônio cuspiu no chão. Depois de um momento de concentração, voltou o olhar para o policial e disse em tom de deboche:

– Tem certeza? Você não pensaria em matar o próprio filho para provar a sua lealdade a Deus. Pensaria?

– Claro que não.

– Como eu suspeitava. Afinal de contas, você é um homem da lei.

– Com muito orgulho.

– Estou vendo que você é um hipócrita quase completo. Só falta o diploma.

– Não existe curso de graduação em hipocrisia.

– Então não falta nada.

Ariel não se conteve e redarguiu:

– Você é um anticristo inescrupuloso.

– Deixei um cocô no banheiro de seu apartamento. Não vai me agradecer pelo presente?

– Não me faça de idiota.

– Você é muito ingênuo. Não se deixe enganar pela oratória tendenciosa. Nem todo aquele que diz boas palavras tem um bom coração. Creia em mim ao menos uma vez. Eu não vim trazer a guerra ao mundo, mas a paz. Se você me servir, eu lhe darei a minha paz. Morra comigo.

Ariel silenciou, ensimesmado, com o pensamento voltado para as vítimas inocentes do anticristianismo genocida. Não queria prolongar a conversa. Policial que se preze não faz acordo com bandido. Ficou observando, impotente, a aparência medonha

do pai da mentira. Entrar em desespero não iria adiantar nada. Além disso, o pânico daria mais poder ao inimigo. De repente, uma onda de fumaça negra envolveu aquela estranha criatura. Quando pensou em correr, a visão desfez-se no breu da noite. Depressa como um relâmpago, entrou no automóvel e partiu a toda a brida. Assim, finalizou Jorge, o sonho premonitório tornou-se realidade. Solange ficou impressionada com a história. Nunca tivera notícia de um pressentimento que tivesse redundado em um fato consumado. “Não acredito que isso tenha acontecido. Não é verdade!”, exclamou com um ar de assombro estampado no rosto. “É verdade, sim. Nessa história que lhe contei, Ariel foi o anjo da guarda de Rosa Maria. Sacrificou o seu tempo para que a vida dela fosse poupada!”, concluiu Jorge.

Passados dois meses, Jorge e Solange estavam entrosados em uma convivência profissional construtiva para ambos. Encerrado o expediente daquele dia, Jorge chamou Solange em sua sala. Queria conversar com ela. Nessa conversa, conseguiu convencê-la a matricular-se em uma escola profissionalizante para fazer o curso técnico de Contabilidade. Assim, além de recepcionar os clientes, ela poderia também auxiliá-lo na escrituração contábil. As despesas escolares correriam por conta do escritório. Estudaria no período noturno. Solange agradeceu-lhe pela oportunidade de crescimento profissional. Pois é. Na vida relacional, as palavras podem enganar, mas as atitudes sempre dizem a verdade. Os anjos da guarda existem mesmo, tanto neste como no outro mundo.

Má companhia

Meu nome é Ariel. Eu sou um policial aposentado. A Delegacia de Homicídios foi a minha última lotação antes da aposentadoria. Por várias vezes, fiquei frente a frente com o perigo. Em todas elas, consegui sobreviver. Encarei a criminalidade, e investiguei as artimanhas das forças do mal para inviabilizar a construção de uma sociedade livre, justa e solidária. Devo dizer que admiro a engenhosidade dos psicopatas, mas lamento que ela seja utilizada para a destruição. Analisando os caminhos que palmilhei ao longo da vida, percebi que, em alguns deles, a travessia foi prazerosa. Contudo, em outros, tive de transpor obstáculos que me provocaram muita amargura. Vi abrirem-se algumas portas que me deram acesso a campos seguros, e vi também abrirem-se outras que me levaram a terrenos minados. Não desejaria recordá-los, se não houvesse nessa reflexão algum benefício, mas as lembranças me procuram enquanto escrevo o roteiro dos meus dias, a fim de reacender a memória. Olho, pensativo, a natureza sombria que descora as primaveras da vida, trazendo ruína para pessoas de bem. Vejo, surpreso, a dimensão ilimitada da maldade humana. Fico, então, na má companhia dessas recordações.

A vida é uma escola que desenvolve o potencial humano. Cada dia é uma aula. Quem é reprovado numa vida precisa repetir o período letivo, se não preferir amargar o estado de erraticidade. De tudo que assimilei nas aulas da vida, destaco a constatação, depois de duras provações, de que, além de difícil, defender-se do ataque traiçoeiro dos predadores sociais, especificamente daqueles oportunistas inescrupulosos que cometem a extrema covardia de matar alguém quando os seus objetivos escusos são frustrados, é também um desafio perigoso, porque o poder pessoal de que desfrutam desconhece os limites éticos consagrados pela sociedade. Tal como os gaviões surpreendem as suas presas desprevenidas, os malfeitores procuram conviver com as pessoas de bem para proveito próprio, que consiste em levar vantagem em tudo e a todo custo, no momento mais oportuno e da maneira menos arriscada. Desejam a prosperidade como qualquer pessoa normal, mas, não afeitos ao trabalho, preferem parasitar o patrimônio de quem lutou para conquistar a sua estabilidade econômica. Problemáticos desde a infância, na qual colocam, como se fora uma lixeira, a culpa pelas suas atrocidades injustificáveis, empenham-se em satisfazer a sua má índole, proporcionando às suas vítimas toda sorte de infortúnios. Nunca dispostos a contornar com civilidade as adversidades corriqueiras da vida, mas sempre dispostos a destruir sem piedade tudo aquilo que identificam na sociedade como obstáculo à satisfação das suas vontades secretas, esses indivíduos não sentem culpa nem remorso pelos prejuízos, materiais e psicológicos, que causam às pessoas inadvertidas que selecionam para obsedar, porque são indiferentes aos direitos humanos. Para tanto, valem-se de artimanhas dificilmente reconhecíveis nas interações com a sociedade, na qual se apresentam como cidadãos eloquentes e espirituosos. Descrentes de Deus e dos dogmas religiosos, vivem num submundo caracterizado pela velocidade inconsequente e pela aventura irresponsável, pois os seus projetos de vida se exaurem no curto prazo, na busca ansiosa pelo prazer imediato. Por isso, desprezam a paciência e a tolerância, por considerá-las virtudes que os remetem ao planejamento de longo prazo. Exímios simuladores de sentimentos nobres, eles sabem disfarçar com naturalidade os sentimentos baixos. Os sentimentos elevados não cabem em corações tacanhos. Os predadores sociais são avessos à generosidade, a não ser que sejam os beneficiários dela. Não conseguem, em virtude da avareza profunda, compartilhar os

sucessos que logram, mas são habilidosos em comover as pessoas inadvertidas com os fracassos que superestimam, a fim de despertar nelas o sentimento de compaixão, do qual, cedo ou tarde, tentarão tirar algum proveito. Além disso, são falsos na demonstração de afeto, mas sinceros na demonstração de indiferença, que é um tipo, talvez o mais desumano, de ódio. Os sociopatas não têm consciência coletiva: não sabem identificar na sociedade os pensamentos e as condutas imorais. Vale tudo.

Acreditam que os fins justificam os meios em todas as situações da vida social. Assim pensando, e assim agindo, constroem impérios onde reinam absolutos, colocando-se acima das leis e dos bons costumes, tratando as pessoas como degraus para atingirem o que imaginam ser o “topo do mundo”, do qual se julgam merecedores privilegiados, em razão de alimentarem, nas suas mentes pretenciosas, a crença de que são mais espertos do que os outros, que julgam inferiores. Não deixam nada a dever ao filósofo renascentista Nicolau Maquiavel. Na eventualidade de serem descobertos aplicando um golpe, fingem arrependimento, enquanto, por dentro, permanecem indiferentes, voltando, numa outra ocasião, a arriscar a sorte em novas falcaturas ambiciosas criadas pelas suas personalidades megalomaniacas. O objetivo desses mandriões é a vida fácil, com um mínimo de compromisso e um máximo de deleite. Se alguma das investidas, por motivo alheio à sua vontade, fracassa, não hesitam em colocar a culpa nos inimigos imaginários, fazendo-se de vítimas das injustiças do mundo. Os predadores sociais não têm amigos, mas comparsas, porque a amizade sincera envolve o sentimento de solidariedade desinteressada, que neles é a antítese desprezível do seu egotismo. Por força dessa natureza narcisista, sentem-se e comportam-se como se fossem o centro intocável do Universo, uma percepção incompatível com a realidade, embora condizente com o elevado nível de exibicionismo, de ostentação vangloriosa dos dotes pessoais. Investem contra um inimigo, como investem contra um amigo. Tudo depende do interesse imediato, já que não se deixam envolver pelos laços de afetividade. Os sociopatas têm deficiência de controle emocional: as contrariedades mais banais desencadeiam reações fugazes de impulsividade furiosa. Todo cuidado é pouco.

Durante um intenso tiroteio com policiais, Bruno foi ferido mortalmente e Tadeu foi capturado e conduzido ao distrito policial daquela circunscrição. Beneficiados por um indulto de Dia das Mães, ambos invadiram a casa de um casal à noite. A esposa tinha dado à luz uma menina na semana anterior, a quem deu o nome de Carolina, que era o nome da sua falecida mãe. O casal, abençoado pelo nascimento da filha, viveu feliz até o dia em que os dois meliantes invadiram a sua residência pela porta dos fundos, que o marido, por distração, deixara destrancada, depois de alimentar o cão que ganhara como presente de aniversário de um amigo. Antes do confronto com os policiais, o marido foi assassinado por Tadeu, com quem teve uma discussão no bar que costumava frequentar, na manhã do dia do crime, por causa de uma dívida não saldada pela vítima. Tadeu era agiota e havia emprestado, cobrando uma taxa de juros escorchantes, certa quantia à vítima, que não dispunha, naquela época, de recursos financeiros suficientes para custear o tratamento médico ao qual a sua filha fora submetida em razão de uma anomalia congênita no coração. Os disparos de revólver atingiram, de forma fulminante, o peito da vítima, perfurando o coração. O sonho estava terminado. O cadáver ficou estirado no chão da sala até a chegada da viatura do serviço de perícia criminal. A violência é imanente a todos os seres humanos, mas o crime não. Nas mentes assassinas, o medo da punição não sobrepuja o desejo de matar. A usura legal é a especulação financeira mediante a cobrança de taxas de juros que geram lucros vultosos às instituições financeiras. A usura ilegal é uma modalidade especulativa marginalizada, porque os seus agentes não pertencem ao seleto grupo integrante do

Sistema Financeiro Nacional. Os agiotas exigem notas promissórias ou cheques assinados em branco. A negociação é verbal, não fica vinculada a nenhum documento escrito que possa dar materialidade ao crime. A vítima desses dois marginais deixou de saldar a dívida no vencimento e, diante da ameaça de morte recebida, tomou a decisão de registrar uma queixa em uma delegacia policial, que redundou na prisão de ambos os criminosos. Não fazia ideia do perigo que corria. Em nenhum momento, sentiu o cheiro de vingança no ar. Nesse dia, sem que suspeitasse, assinou a sua sentença de morte.

Apesar das ondas de sangue da criminalidade, a sociedade não haverá de regredir ao mundo pré-histórico, quando o planeta era habitado por monstros. Trabalhei a vida toda como policial. O chá amargo e frio que bebi possivelmente ninguém gostaria de beber, mas sofri essa provação com ânimo esforçado porque sempre acreditei que o amor ao próximo seja uma utopia possível. Como disse, eu me chamo Ariel e conheci o mal.

Sombras

Após o acidente de trânsito que vitimou fatalmente o seu casal de filhos, Artur mudou-se para Maia, uma cidade localizada na região norte de Portugal, o país dos seus antepassados. Por meio de uma prima residente naquela cidade, soube que Maia possui uma elevada qualidade de vida. Por coincidência, embarcou no avião no dia 23 de agosto, dia em que a antiga Vila Maia foi elevada à categoria de cidade.

No ano seguinte, Artur já estava familiarizado com o seu novo mundo. Manhã de sábado. Céu aberto. Rua arborizada. Tranquilidade. As folhas caídas na calçada serviam de tapete para os transeuntes. Era um lindo dia de outono. Artur levantou-se da cama e caminhou até a janela do quarto. Gostava de contemplar o azul celeste. Nesse dia, escreveria mais um conto do livro que intitulou “Sombras”, inspirado na lembrança dos momentos sombrios que afetaram tanto a sua vida como a de outras pessoas de seu círculo social. Aposentado do serviço público federal, Artur dedicara o seu tempo à literatura. Era viúvo. Começou a escrever após a perda de sua esposa no Brasil. Ela era professora de Língua Portuguesa e poetisa. Sob a influência dela tomou gosto pela poesia. Com o passar do tempo, passou a se interessar pela prosa. Além da literatura, Artur tinha inclinação também para a pintura a óleo, talento que floresceu após a mudança para Portugal. A pintura a óleo sobre tela é uma técnica das artes plásticas que Artur praticava com entusiasmo. Quando escrevia um conto, costumava pintar o rosto dos personagens. No processo criativo de Artur, o perfil psicológico, associado ao perfil fisionômico, dava mais realidade aos personagens que idealizava.

Depois do almoço, Artur vestiu-se e foi passear na praça que defrontava o edifício onde residia. Na praça havia muitos bancos, mas tinha preferência pelo banco que ficava à sombra de uma azinheira. Sentou-se, abriu o caderno e pôs-se a escrever. Na noite anterior, sonhara com um homem que possuía poderes paranormais. Batizou o personagem com o nome de Levi Ananda. Para o conto que iniciara, escolheu o título de “Segunda Vista”, que é o outro nome da clarividência. Levi Ananda era clarividente. Nos dias que se seguiram, dedicou-se ao desenvolvimento do tema que escolhera para o conto. No seu íntimo, acreditava na clarividência como um dom do qual dispõem algumas pessoas eleitas para o serviço ao próximo, sem outra gratificação senão a satisfação de mitigar o sofrimento alheio. Não via nesse dom o poder de tornar as pessoas felizes, mas, sim, a possibilidade de torná-las menos infelizes. Essa era a sua opinião em relação à clarividência. Às vezes, involuntariamente, afloravam poemas na sua consciência. Passava-os para o papel imediatamente, antes que escapassem de sua mente. Tendo chegado ao desfecho do conto, tocou-lhe o espírito a vontade de versejar sobre as vicissitudes da existência. No silêncio das noites em que meditava sobre a vida, imaginava o mundo como uma estrada sinuosa e acidentada. As curvas representavam as mudanças; os acidentes simbolizavam os desafios. Ele próprio já havia passado por muitos reveses ao longo dos caminhos que percorrera na vida, e em muitos deles fora lançado ao fundo de abismos tenebrosos. No entanto, à custa da tenaz perseverança que lhe era peculiar, sempre conseguira retomar o rumo que traçara para a sua jornada. Cada dia é o tempo oportuno para se mudar de vida. Artur conceituava a felicidade como a capacidade de se palmilhar com afinco a trilha dos sonhos, ainda que não se alcance o objetivo almejado. Do seu ponto de vista, a autorrealização não está na linha de chegada unicamente, mas também no esforço de manter-se sempre fiel aos ideais. O que lhe importava não eram os louros da vitória mas a luta, pois é nesta que se aprende a vencer

e a aceitar a derrota com humildade. Na filosofia de vida de Artur, o sucesso é como a folha caída que o vento carrega, enquanto que a luta permanece registrada no espírito, pois é da vivência que nasce a sabedoria, e esta é como a rocha firme que a ventania não desgasta. A sabedoria é uma conquista definitiva. Ser reconhecido é bom para o ego; ter aprendido com o trabalho é excelente para o espírito. Muitas vezes, perdeu-se nas neblinas dos caminhos. Algumas vezes, inclusive, chegou mesmo a desistir da caminhada. Nas ocasiões em que se prostrava diante das adversidades, convencia a si mesmo de que elas foram colocadas em pontos estratégicos do caminho, e tinham a finalidade de incentivá-lo a aprofundar o autoconhecimento, que é, em última análise, a finalidade suprema da vida. Após o pôr do Sol, embrenhou-se no silêncio da noite, e escreveu este poema em memória de sua filha, intitulado “De pai para filha”.

Se o tempo te contar que estou morto,
 Não te desesperes, minha querida,
 Que o tempo leva o corpo,
 Mas não leva a vida!
 Estarei na brisa que sopra dos mares,
 No canto dos rouxinóis,
 Nas luas, nos sóis...
 Estarei contigo em todos os lugares!
 Se te jurar o tempo que não existo mais,
 Não acredites nele, meu anjo,
 Nem derrames em vão o teu pranto,
 Acredita que encontrei a paz!
 Quando, minha estrela, enfim,
 Eu adormecer no leito do tempo;
 Quando os meus olhos se fecharem,
 E não puderes mais vê-los;
 Quando sentires saudade de mim,
 Solta, minha linda, os teus cabelos,
 Que ainda estarei presente,
 De alguma maneira, no carinho do vento,
 E contigo estarei andando novamente
 Quando os nossos caminhos se cruzarem!

O relógio de pulso marcava dezenove horas. Fechou o caderno, como quem fecha o passado, e o guardou na estante. Aguardava a visita de um amigo que fizera em um de seus passeios pela praça. Também escritor, Luciano queria a sua opinião sobre um poema que inscrevera em um concurso literário. Nesse dia, Artur ganhou de Luciano um exemplar do livro *Cancioneiro*, do escritor e poeta português Fernando Pessoa. Artur lhe agradeceu pelo presente. Despediram-se com um forte abraço. Antes de sair, Luciano também lhe agradeceu pela crítica literária. Em seguida, Artur colocou o exemplar do livro que ganhara sobre a cabeceira da cama. Abri-lo e lê-lo até o fim foi uma ocupação prazerosa.

Artur alimentava a crença de que tudo tem uma finalidade. Nada acontece por acaso. Não era fatalista. Para ele, se Deus existe, a vida tem o propósito de transformar o mal em morte, a morte em libertação e esta em eternidade. O sono fê-lo deitar-se e dormir. Na manhã seguinte, despertou refeito da leitura do dia anterior. Fez o lanche habitual, vestiu-se e saiu levando consigo o inseparável caderno. A caminho da praça, deparou-se com um casal discutindo a relação conjugal. Os ânimos estavam exaltados.

Essa visão lamentável trouxe-lhe a inspiração para escrever sobre as possíveis consequências do ciúme doentio em um relacionamento afetivo. A inspiração nasceu do espanto. Como era de costume, sentou-se no banco da praça, pensou por um instante e começou a desfiar o conto “Sonho premonitório”. À noite, recostado no sofá da sala, releu o rascunho atentamente e percebeu que não ficara a contento. Decidiu, então, reescrevê-lo. Não poupava a imaginação para fazer o seu melhor. Terminada a revisão, balançou a cabeça positivamente. O texto estava aprovado. Não cedia ao desânimo. Antes, persistia em todos os seus projetos, tanto na literatura quanto na pintura, até sentir-se plenamente satisfeito com o resultado final do trabalho. A próxima tarefa foi pintar em tela o rosto da personagem do conto. Imaginou uma mulher com a idade em torno dos trinta anos, cabelos loiros e estatura mediana. O nome que escolheu tinha tudo a ver com o seu perfil psicológico. Chamou-a de Rosa Maria, pois trazia na personalidade os traços líricos das rosas, quando estas são vistas com olhos poéticos.

No final do outono, o livro ficou pronto. Foi na manhã de um domingo chuvoso que Artur concluiu o último conto. O livro era um retrato escrito de sua vivência, na qual tecera o drama de sua vida e a sua visão do mundo. No dia seguinte, entregaria o livro à editora para publicação. Era o único livro de sua incipiente carreira literária. Talvez o último, pois pretendia aprimorar a habilidade para a pintura, arte que, até então, mantivera relegada ao segundo plano.

A estação do outono estava na fase terminal. O inverno já se preparava para entrar em cena. Na tarde de uma quinta-feira de céu nublado, Artur vestiu o casaco cinza que ganhara da falecida esposa e foi passear na praça. Sem inspiração para escrever, dessa vez preferiu somente caminhar, contemplando a imponência das árvores que decoravam a praça. Um local agradável para quem se sensibiliza com as obras de arte da Natureza. Um paraíso, com certeza, para os artistas, estes artífices da beleza. Permaneceu ali, quieto, lembrando as paisagens e os amigos que deixara no Brasil. A semana seguinte inauguraria o inverno e o inverno estrearía com ímpeto, pois a friagem já se fazia presente. Na manhã seguinte, o céu ainda estava encoberto, e o clima frio contrastava com o seu verão interior. Amanhecera com o espírito iluminado, e a alegria vicejava em seus olhos castanhos. Da janela da sala de estar do pequeno apartamento, fitava a praça como quem admira uma pintura. Viu-se, naquele momento, sentado no banco da praça à sombra da azinheira. No seu espírito vibrava uma vontade incontida de escrever um poema sentado naquele banco de madeira que tornara cativo. Pensou em sair, mas as dores lombares o persuadiram a recostar-se no sofá. Uma sensação de melancolia irrompeu nesse instante. Com o olhar fixo no passado, sentiu-se paralisado pela lembrança da família. Sobre a mesa estavam o caderno e a caneta. Em seguida, levantou-se, pegou o caderno, a caneta e a inspiração do momento e retornou ao sofá. Fechou os olhos. Por um instante, permaneceu em silêncio, introspectivo, procurando palavras no céu da imaginação. Pouco depois, curvou-se sobre o caderno, e deitou a caneta sobre a primeira linha da página. Os versos vieram aos poucos, dando realidade à emoção. O poema dizia muito em poucas palavras. Era a expressão da saudade que sentia de seu filho. Desengavetou as lembranças arquivadas na memória e escreveu este poema, intitulado “De pai para filho”.

Nestes versos que agora escrevo,
 Procuro-te entre as palavras,
 Mas não te vejo;
 Deço as pálpebras
 E, para o meu enlevo,
 Descubro que eu já não me pertencço,

Porque já és todo o meu sentimento;
Dói-me na alma,
Mais cedo ou mais tarde,
A mesma dor da tua alma;
Dói-me no corpo,
Qual chaga que arde,
A mesma dor do teu corpo!

O sonho mais lindo que Artur realizou na vida foi a família. Entretanto, o destino tirou-lhe a esposa. Depois, levou também o casal de filhos. Vieram os espinhos, foram-se as flores. Em compensação, Deus lhe presenteou com a literatura e a pintura para que jamais se esquecesse de que a vida é curta, mas pode ser uma linda aventura. Existem muitas mortes na vida, mas a pior delas é a perda da vontade de viver. A vida deixa de ser um momento mágico e passa a ser uma irrecorrível condenação. Não obstante os vales de sombras que teve de atravessar na vida, Artur nunca perdera o interesse por si mesmo e, por conseguinte, pelo mundo à sua volta. A literatura e a pintura preenchiam os seus dias. Quando escrevia ou pintava, sentia-se plenamente realizado. A produção cultural enchia-lhe os olhos de um brilho de satisfação.

Passados dois meses, Artur recebeu a visita de Guilherme, o síndico do edifício. Já o havia recebido em seu apartamento outras vezes para tratar de assuntos atinentes ao condomínio, mas, dessa vez, o motivo era outro. Precisava de calor humano. A expressão em seu rosto era de tristeza. Perdera um primo no Brasil, vítima de acidente marítimo. O nome dele era Samuel. Naquele dia, a conversa estendeu-se até a noite. Guilherme estava desolado com o desaparecimento do primo. As buscas no local não lograram êxito em localizar o corpo. Dessa forma, não haveria sepultamento. Samuel tinha um espírito aventureiro. Gostava de arriscar-se em façanhas náuticas. O amigo dele, Mateus, também desapareceu no naufrágio. A título de consolo, Artur contou-lhe a sua vida pretérita, e como fizera para superar o infortúnio de ter perdido o casal de filhos também de maneira trágica. Ao final da conversa, Guilherme despediu-se dele e saiu reconfortado pela porta da sala. Artur caminhou até o quarto, deitou-se e dormiu. Não havia mais nada a fazer naquela noite.

Resgate em alto-mar

Embora mantivesse uma relação de amizade com Gabriela, do casamento só restara o contrato matrimonial. Dentro dos cinco anos de casados, o amor nunca existira de verdade, ou fora negligenciado. Samuel e Gabriela não encontraram nenhuma possibilidade de salvar a relação conjugal. Depois de uma longa conversa, decidiram-se pelo divórcio amigável. Samuel era escravo do trabalho, e Gabriela ressentia-se da falta de atenção. As brigas tornaram-se constantes. O divórcio foi a melhor solução naquele momento tempestuoso. Depois da separação conjugal, encontravam-se vez ou outra para almoçar. Algum tempo depois, ela contraiu núpcias e mudou-se com o novo marido para São Paulo. Ele continuou morando no Rio de Janeiro, onde administrava uma indústria têxtil de sua propriedade que herdara do falecido pai. Samuel era administrador de empresas. O seu *hobby* era a navegação marítima. Com muita economia, conseguira adquirir um iate motorizado. Não via nesse passatempo um símbolo de prosperidade econômica, mas tão somente um lazer. O seu trabalho era muito estressante. Por isso, tentava espairar navegando em alto-mar.

Após concluir os seus afazeres profissionais, Samuel decidiu gozar férias. Programou com um amigo uma pescaria em alto-mar. Marcaram as férias para o mesmo mês. Além da oportunidade de relaxar, a navegação marítima era também uma oportunidade de despertar o potencial criativo, e Samuel precisaria de muita criatividade para alavancar os negócios da empresa. O Iate Clube dispunha de uma completa infraestrutura de lazer e esporte. Quando não navegava, praticava tênis para manter o preparo físico. Samuel e Mateus fizeram o curso de formação de capitão amador. Mateus era contador. Trabalhava para uma empresa multinacional do setor financeiro. Era uma quinta-feira de janeiro. Combinaram o embarque para o sábado. No dia seguinte, Samuel foi ao clube para checar os equipamentos náuticos. Estavam todos em perfeito estado de funcionamento. Tudo pronto para mais uma aventura, só que essa marcaria a sua vida para sempre.

Chegando em casa no final da tarde, Samuel precisou apenas de alguns minutos para arrumar a bagagem. Mateus ficou encarregado de comprar os mantimentos, o suficiente para os dez dias que passariam embarcados. De volta do supermercado, Mateus fez os últimos preparativos para a pescaria. Deitou-se cedo, por volta das vinte e uma horas. Combinara com Samuel de encontrá-lo às oito horas no estacionamento do clube. Sabia que não deveria dormir tarde por causa do compromisso. Aquela noite tinha tudo para transcorrer normalmente. Entretanto, Mateus acordou assustado no meio da madrugada. Tinha sonhado que estava diante de uma esfera enorme que irradiava uma intensa luz branca. Nada do que sonhara fazia sentido para ele. Um vento suave soprava através da janela do quarto nesse momento. Mateus não se mexeu. Em seguida, virou-se para o lado da janela e dormiu novamente.

O sábado amanheceu com o céu aberto. Às sete horas, o despertador tocou. Mateus abriu os olhos. Permaneceu deitado por alguns instantes, tentando vencer o sono. Por fim, ficou de pé e caminhou até a cozinha. Enquanto ia caminhando, pensava no sonho que o assustara. Quando terminou de lanchar, vestiu-se, pegou a bagagem e saiu. Fechou a porta e girou a tranca. Desceu de elevador até a garagem, e colocou a bagagem no porta-malas. Ao abrir a porta para entrar no automóvel, foi tomado pelo pressentimento de que um fato inusitado estava prestes a acontecer, mas não via nisso motivo para desistência. Nesse momento, o celular tocou. Mateus levou-o ao ouvido.

Era a voz de Samuel. Aparentemente estava tudo transcorrendo conforme o combinado. Samuel o aguardava no clube. Mateus disse ao amigo que já estava a caminho. O relógio do celular marcava sete horas e meia. Havia tempo de sobra. O clube ficava localizado próximo de onde morava. Com um assomo de autoconfiança, entrou no automóvel, endireitou o retrovisor, deu a partida no motor e seguiu para o clube sem pressa.

O clube estava lotado por causa do fim de semana. O parque aquático oferecia vestiários e uma lanchonete exclusiva para uso dos sócios. Um amplo estacionamento estendia-se por toda a área do clube, facilitando o acesso dos banhistas às piscinas. Samuel e Mateus encontraram-se no estacionamento e seguiram para a garagem náutica. Já estavam atravessando o píer quando Samuel lembrou-se de que havia esquecido o GPS no porta-luvas do automóvel. Retornou ao estacionamento em companhia do amigo. Pouco tempo depois, estavam de volta. Samuel trazia o aparelho receptor no bolso da jaqueta. Precisaria dele para se informar sobre a posição exata da embarcação. Um fato extraordinário aguardava-os sobre o “mar de Atlas”. Na mitologia grega, Atlas foi um titã condenado por Zeus a carregar o mundo nas costas. Quando Atlas morreu, o mundo continuou sendo uma nau à deriva. A criação do nome do oceano Atlântico foi inspirada nessa divindade mitológica da Grécia Antiga.

O barco já havia se afastado mais de cinquenta milhas náuticas da costa, navegando a uma velocidade de dez nós. A bandeira nacional tremulava no mastro. Samuel e Mateus só viam água e céu. Às vezes, avistavam uma embarcação navegando ao longe. O mar estava calmo. Samuel desligou o motor. Passados alguns minutos, o iate parou. Fez a ancoragem logo em seguida. Enquanto isso, Mateus examinava um atlas oceanográfico.

O dia seguinte foi igual ao anterior. Água, céu e, às vezes, uma embarcação navegando a distância. Não havia previsão de chuva para aquele dia. Pelo menos até aquele momento. Eram oito horas de um dia de céu aberto. Um ar de tranquilidade transparecia nos rostos dos tripulantes. A calmaria era tão soberana quanto a vastidão oceânica. O tempo demorava a transcorrer. Essa era a sensação que experimentavam. Entediados, Samuel e Mateus decidiram fazer uma pescaria. Há muito que vinham esperando pela oportunidade de pescar um atum. Lançaram o anzol ao mar e ficaram na expectativa. Samuel confiava como ninguém na intuição. “Vai ser hoje!”, exclamou confiante. Entretanto, à medida que os minutos passavam, ia perdendo no mesmo compasso a confiança nela. Mateus afastou-se do gradil, sentou-se em um banco e cruzou os braços, aparentando desânimo. Isso deixou Samuel mais furo ainda. A vontade que tinha era pular na água e pegar um atum pela cauda. Passaram o resto do dia na esperança de que um atum fisesse a isca. No entanto, tiveram de amargar a tentativa frustrada. Quando já estava anoitecendo, convenceram-se do mau êxito da pescaria. Recolheram a linha. Para se consolarem do malogro, comeram filé de atum em conserva na janta.

Quando terminaram de jantar, foram até a proa da embarcação. Mateus levantou os olhos ao céu. Este parecia um manto escuro bordado a fio de lã com incontáveis estrelas e uma Lua cheia. Lembrou-se do sonho que lhe causara espanto. Logo chegou a esta conclusão. A esfera branca e reluzente que se aproximara dele no sonho só podia ser a Lua cheia. O que mais poderia ser? Este entendimento o satisfaz. Não pensou mais nisso. Samuel e Mateus passaram aquela noite trocando ideias. Não havia mais nada a fazer para preencher o tempo senão conversar.

Quando o Sol despontou no horizonte, recolheram-se aos seus aposentos. Depois de poucas horas, Samuel acordou. Não costumava dormir muito. Sem nada para fazer, pegou o álbum de fotografias para dar uma olhada. Depois de volver algumas folhas,

deparou a fotografia de Gabriela ao seu lado na praia de Ipanema. Costumavam ir à praia nos fins de semana. Nesse instante, irrompeu uma sensação de saudade do tempo em que eram marido e mulher. Até certo ponto, podia ser um efeito do isolamento em que se encontrava, mas, no fundo, ainda gostava dela. Por mais que não quisesse admitir, a ausência de Gabriela o entristecia. As lembranças do casamento surravam-lhe a alma. Desconectado de sua dimensão romântica, buscava na solidão do mar alto uma masmorra onde pudesse conviver com o medo de amar. Durante alguns minutos, enquanto recordava o passado, esteve ausente do corpo. Lançou os olhos ao redor, como se procurasse pelo rosto da ex-esposa em algum canto do quarto. Depois de matar a saudade, fechou o álbum fotográfico e passou a mão pela capa aveludada. Pegou uma folha de papel e uma caneta na escrivaninha. Deitou-se novamente na cama, ajeitou o travesseiro e deu um tempo para que viesse a inspiração. Pouco depois, começou a escrever. Quando terminou, leu o texto em voz alta. Era um poema. Escreveu o título “Eu te amo” acima do texto. Dobrou a folha de papel e colocou-a no bolso da camisa. Passados alguns minutos, Samuel levantou-se da cama e retornou à proa do iate. Caminhou lentamente carregado de emoção, sentou-se em um banco e repetiu a leitura do poema, só que dessa vez em silêncio, como quem faz uma prece em um momento de angústia. Não disse tudo o que queria, nem escreveu da melhor maneira que podia, mas o poema proporcionou-lhe a catarse emocional de que necessitava. Terminada a leitura, ficou olhando fixamente o mar, absorto pelas lembranças que lhe assenhorearam o espírito. Virou-se em seguida e notou a aproximação do amigo. Diante dele, Samuel pediu que ouvisse o poema que escrevera para a ex-esposa. O amigo sentou-se ao seu lado, demonstrando interesse. Ao final da leitura, Samuel quis saber dele se havia gostado. Mateus confirmou com um gesto da cabeça, enquanto a boca se curvava em um sorriso. Em seguida, fez-se um longo silêncio. Foi este o poema que Samuel declamou para Mateus na proa da embarcação:

É pouco o que eu tenho para te dizer,
 É menos que um átimo, que um segundo,
 Mas é muito mais que os átomos do mundo!
 O que eu tenho para te dizer é pouco,
 Suavemente breve, como a alva do amanhecer,
 Mas é o que me faz gritar... até ficar rouco!

Com que poema eu poderia enfim declarar
 Que és tudo de bom, e de melhor, para mim?
 De quem tudo espero e nada reclamo?
 Não sei como, nem onde, nem quando te falar
 Que és meu navio seguro e meu mar sem fim:
 Só queria que soubesses que... eu te amo!

Um vento cálido soprava nesse instante. Já havia passado do meio-dia. Levantaram-se e foram até a cozinha preparar o almoço. Dessa vez, o prato seria macarrão com molho à bolonhesa. Alguns minutos depois da refeição, foram para a cabine da embarcação. A informação de que dispunham era de que uma tempestade aproximava-se daquele local, mas isso não era novidade para eles, pois já haviam enfrentado outros temporais antes. Essa seria mais uma intempérie entre tantas. Não demonstraram preocupação com as condições meteorológicas.

O crepúsculo vespertino havia chegado, mas as nuvens não apresentavam a tonalidade rosicler do arrebol. As nuvens brancas que enfeitaram o céu durante o dia

deram lugar a nuvens cinzentas. Naquele ocaso, a cor cinza era predominante em toda a extensão do céu. Cor sombria de um crepúsculo que ensaiava o seu pranto. Ventava muito e o mar ficara agitado. As ondas já atingiam a altura de quatro metros. Em face dessa visão, Samuel e Mateus começaram a ficar preocupados. Não queriam presumir o pior, mas já sentiam as primeiras pontadas de medo. Perceberam algo de estranho naquele cenário.

Pouco tempo depois, desceu o manto da noite. O céu noturno não era sedutor. Pelo contrário, inspirava pavor. O mar revoltado já apresentava ondas de até seis metros de altura. A tempestade desceu, desafiando a coragem de Samuel e Mateus. Pingos grossos começaram a cair do céu fechado. O aumento da velocidade dos ventos tirou do semblante deles o exíguo ar de tranquilidade que ainda restava. O mar agitava-se cada vez mais, e as ondas tornavam-se assustadoramente mais altas. Apesar do mau tempo, Samuel insistia na crença de que era uma chuva passageira. Fora assim em outras ocasiões. Não seria diferente dessa vez. Procurava a todo custo pensar positivamente, mas, de vez em quando, sentia o seu pensamento ser invadido pela apreensão. Samuel afastou-se da proa do iate e sentou-se em um banco. Sem nada dizer, Mateus ficou de pé ao seu lado. Um tanto preocupado, Samuel ficou de pé também. A inquietação de ambos crescia à medida que aumentava a altura das ondas. Durante a hora seguinte, a tempestade não se acalmou. As ondas alcançavam a altura de dez metros. Dez temíveis metros aos olhos dos dois navegantes. Só a ventura havia terminado, ou terminaria também a aventura? Os instantes seguintes revelariam a alternativa correta. O terror estava no ar. O mais preocupante naquele momento era uma possível instabilidade da embarcação decorrente da precipitação meteorológica. O barco poderia se inclinar até um extremo que impedisse a sua estabilização. Vista de longe, parecia uma onda com dez metros de altura. Porém, à medida que se aproximava, ela foi se tornando cada vez mais alta. Cada vez mais ameaçadora. Passado um instante, e mais próxima do iate, a onda alcançou a altura de cerca de doze metros. A instabilidade iminente era inevitável. De repente, um globo luminoso surgiu na escuridão celeste. À medida que se aproximava, aumentava de tamanho. Com este, crescia também o esplendor. A luz branca que irradiava clareou o local onde estava o iate. “Não era a Lua cheia, era uma espaçonave extraterrestre!”, gritou Mateus. Samuel lançou-lhe um olhar de surpresa sem tecer nenhum comentário. Não entendeu o motivo do pasmo. Nada sabia do sonho. A luminosidade era muito forte. Muito, muito forte, mas não tão forte a ponto de fazê-los cerrar os olhos. Fugir para onde? Entraram em desespero. “Acho que veio nos ajudar!”, disse Samuel, tentando controlar o medo. Estas palavras não surtiram o efeito desejado. Nesse momento de tensão exacerbada, tiveram reações diferentes. Apavorado, Mateus vestiu um colete salva-vidas e jogou-se no mar. Admirado, Samuel permaneceu estático. O êxtase embaraçou-lhe os movimentos, impedindo que abandonasse a embarcação. Mateus estava certo. Era um objeto voador não identificado medindo cerca de trinta metros de diâmetro. Sem esboçar nenhuma reação, Samuel sentiu o seu corpo flutuar, como se não houvesse gravidade. Estava sendo abduzido pela cosmonave. Pensou em gritar, mas se conteve. Durante a abdução, não conseguiu se mexer. Contudo, o efeito paralisante da abdução não lhe afetou a voz. “Gabriela, eu te amo!”, disse Samuel pouco antes de entrar na nave extraterrestre. Foi essa a última declaração de amor que fez durante a sua estada na Terra. Logo depois, a astronave subiu ao céu com uma velocidade espantosa.

No instante em que a onda gigantesca alcançou o iate, a sua altura já havia ultrapassado quinze metros. A embarcação, que era de pequeno porte, não resistiu ao acidente e naufragou. Apesar das buscas realizadas pela Capitania dos Portos, o corpo de Mateus não foi encontrado. Provavelmente foi devorado por tubarões. Essa

navegação oceânica representou a porta de entrada para um contato imediato de quinto grau, de acordo com a classificação ufológica universalmente aceita. Sobrevive às tormentas não quem evita o futuro, mas quem acredita nele com mais entusiasmo. Em outros tempos, Samuel tinha a mulher de sua vida, mas descobriu tardiamente o amor incondicional que sentia por Gabriela. Sem nada mais que o prendesse a este mundo, a vida lhe cobrou uma postura destemida em face do futuro. Arrojado por natureza, ele aceitou o convite inesperado e arriscou-se em uma navegação aeroespacial. Como disse o escritor e poeta francês Victor Hugo: “O futuro tem muitos nomes. Para os fracos é o inatingível. Para os medrosos, o desconhecido. Para os corajosos, a oportunidade”.

O terceiro olho

Como um centro de percepção espiritual, o terceiro olho é responsável pela clarividência porque é a região cerebral onde o espírito está mais intensamente ligado ao corpo, conferindo ao visionário um estado extrafísico de consciência que lhe dá acesso a dimensões da existência imperceptíveis pelos sentidos físicos.

Do outro lado do rio havia uma casa cercada de jardins onde morava Levi Ananda, um clarividente muito conhecido naquele arraial fundado por um frade franciscano, que o batizou com o nome de São Francisco de Assis. Órfão de pai e mãe, desde cedo Levi Ananda aprendeu a ser forte. A mãe falecera quando ainda não havia completado o primeiro ano de vida, depois de um longo episódio de gripe, acometida de pneumonia, deixando o filho sob os cuidados do pai, que veio a morrer afogado durante uma pescaria no rio que margeava o lugarejo. Então com dezoito anos de idade, o rapaz teve de lutar pela própria sobrevivência, assumindo sozinho a responsabilidade pelos erros e acertos das decisões tomadas. Embora alimentasse a crença em Deus com a caridade, não tinha a inerência religiosa do “espírito de rebanho”. Levi Ananda era um homem que se permitia ser o protagonista da sua história. Vocacionado para a felicidade, preferia levar a vida em paz a levar vantagem em tudo, não importando a que custo. Pelejava a favor da paz. Em sânscrito, antiga língua indiana, a palavra ananda significa felicidade.

O ambiente era rústico, mas era justamente na rusticidade que residia o encanto do arraial. Paulo atravessou uma ponte de madeira e ainda percorreu uma comprida viela aberta entre as gramíneas e os arbustos que vicejavam no solo fértil até chegar ao endereço que anotara na agenda. Estacionou o automóvel em frente ao portão da casa e desligou o motor. O verde e o cheiro do mato úmido pelo orvalho o confortaram ao pisar no chão. Foram quase dez horas de viagem bem cansativas. O clima naquela região era quente e havia nos campos uma grande diversidade de animais. Olhou por cima do muro e avistou um homem sentado em uma cadeira de balanço rústica, à sombra de uma gameleira frondosa, com várias ramadas dispostas ao longo do tronco principal.

– Bom dia! Procuo por Levi Ananda – disse preocupado com a ideia de não ser ele quem procurava.

– Seja bem-vindo, querido amigo! – falou aquele homem, deixando-o admirado com a gentileza da saudação.

– Como posso ajudá-lo?

– Mostrando-me um caminho. Para quem está perdido, qualquer caminho serve!

Paulo foi recebido com um abraço que vinha do fundo do coração, como se fossem amigos de raízes.

– De onde você me conhece? – perguntou-lhe o visitante com desconfiança.

– Eu o conheço das minhas visões! – respondeu-lhe o clarividente com satisfação.

Levi Ananda passou longas horas conversando com Paulo acerca dos sonhos lúcidos que tivera recentemente. À medida que a conversa avançava pela manhã, mitigava aos poucos o ceticismo de Paulo a respeito das faculdades paranormais daquele homem enigmático, que lhe relatou, sem demonstrar um pingão de hesitação, os fatos marcantes da sua vida e até mesmo os segredos que guardava a sete chaves no âmago. A dúvida não resiste à evidência. Quando deu meio-dia, Levi Ananda

interrompeu o diálogo para convidar Paulo para o almoço. Moqueca de peixe. A educação deste e, principalmente, a fome não lhe permitiram recusar o convite. A comida fora preparada em fogão a lenha com um tempero que Paulo nunca havia experimentado antes, nem nos melhores restaurantes da metrópole onde residia, um condimento que lisonjeava o paladar. Além de clarividente, pelo que pôde notar, aquele homem era também um cozinheiro de mão cheia.

– Não se perca de vista nesta vida curta, ilusória e passageira, na medida em que você se movimenta sobre verdades relativas, e não absolutas. Você precisa dar mais atenção à sua vida espiritual – recomendou-lhe Levi Ananda após a refeição, reiniciando o diálogo que interrompera para pôr a mesa.

Ao final da conversa, Paulo estava plenamente convencido de que o amigo Daniel tinha razão quando o aconselhou a procurar o clarividente. Ante a contundência da adversidade que suportava, apelar para o sobrenatural foi o recurso que lhe restara após frustradas sessões de psicoterapia, porquanto relutava em tocar em sua ferida emocional, que lhe dominava a alma, tornando-a cativa de emoções negativas. A teimosia era tão arrogante, que ninguém lhe notava o sofrimento. Não obstante o medo, no momento que a pessoa acolhe no coração o convite que a vida lhe faz diariamente para ser feliz, a profunda dor emerge de onde estiver mergulhada e vem à tona transformada em infinito prazer. O medo de ser feliz constitui, em si, uma infelicidade. Sem sombra de dúvida, a autoaceitação e a aceitação da diversidade cultural são os pilares históricos da estrutura da felicidade terrena. Na verdade, a pertinácia não passava de um mecanismo de fuga. Levi Ananda tinha as respostas para todas as dúvidas de Paulo. Sabia de tudo a respeito do consulente. Nada escapava à clarividência que havia florescido na adolescência.

– A Natureza criou o deserto para que o homem dê valor à vida. O seu coração está areado porque você ainda não atentou para a dimensão espiritual da vida – acrescentou o clarividente, enquanto afagava a longa barba grisalha.

– O Deus convencional é um ser supremo criado pelo homem e considerado todo-poderoso pelas religiões para refletir o interesse público pela paz social e a necessidade individual de um sentido para a vida. Nada tem a ver com o Deus insondável que criou o homem – completou com um ar sereno estampado no rosto.

Já era tardinha. As nuvens exibiam uma tonalidade avermelhada. Quando desceu o véu da noite, os dois foram até a beira do rio. Lá chegando, após uma curta caminhada ouvindo o farfalhar das folhagens, o clarividente pediu ao consulente que fitasse a água turva e lhe dissesse se conseguia ver alguma coisa. Por um breve momento, Paulo mostrou-se hesitante, tentando compreender a intenção do pedido. Logo depois, com os dedos das mãos entrelaçados, olhou fixamente para a água do rio por alguns minutos até que, de repente, percebeu claramente o rosto da filha exibindo um olhar de tristeza. Paulo também era clarividente. Tomado por uma sensação de assombro, virou-se de um lado para o outro antes de aceitar a verdade de que era o responsável pelo estado de espírito da filha. Nesse instante, a culpa aflorou e instalou-se na consciência do pai omissivo, fazendo-a pesar. Sempre ocupado consigo mesmo, não dava muita atenção à filha, apenas migalhas. Vez ou outra, falavam-se por telefone. Deixou-a aos cuidados da mãe e retornou à vida de solteiro. Mudou de cidade e de emprego. No entanto, a saudade cresceu com o decurso do tempo e ocupou uma área imensa em seu mundo interior. A culpa era o fantasma que lhe tirava o sono e a vontade de viver. Na época da separação conjugal, não tinha noção de que a paternidade era um traço marcante de sua personalidade. Talita, uma menina de oito anos de idade, era a ponte que o ligava ao passado que tentava esquecer. A ausência dela no cotidiano era uma ausência paralisante, não encontrava entusiasmo para vislumbrar novos horizontes, nem para

enfrentar novos desafios. A falta do seu cheiro não o deixava respirar fundo, e a falta do seu olhar embaçava-lhe a visão do futuro.

Em momento algum fizera qualquer confidência ao clarividente, tudo o que este lhe dissera fora fruto da aguçada sensibilidade. Paulo era uma pessoa extremamente infeliz, embora não lhe faltasse dinheiro. A cultura capitalista estimula o desejo de consumir bens materiais, nem todos realmente necessários, contudo descobriu que não só de pão vive o homem, mas também de todo sentimento que emana do coração. Não lhe faltava pão, faltava-lhe o prazer de comê-lo. Em outras palavras, faltava-lhe autoestima. Talita era uma referência afetiva importante demais para ser relegada a segundo plano. Paulo andou confuso durante muito tempo, perdido em bares e cabarés na companhia dos amigos, levando uma vida de sedução, conquista e luxúria, com a falsa consciência de que era feliz assim. O amor e o comprometimento cederam lugar à lascívia e à volubilidade. Abandonado pela mãe na infância, fizera o mesmo com a filha. Naquele dia, porém, conseguiu olhar e ver o verdadeiro significado da vida com o auxílio de Levi Ananda, que o ensinou a sentir a vida como uma ventura, em vez de pensar nela como uma aventura, e a distinguir, em seu círculo social, as pessoas que são gigantes das que são anãs em termos afetivos. Aprendeu que os sentimentos têm poder tanto para o bem quanto para o mal, dependendo da orientação que lhes for imprimida pela força do pensamento, e que para ser feliz, ou menos infeliz, deveria se alimentar do pão do autoconhecimento e do vinho da autoestima.

A felicidade não estava a linha de chegada do caminho que até então percorrera às cegas. Teria de percorrer o caminho de volta para o lar que havia abandonado no passado. Apesar do tempo e do espaço, a filha nunca o esquecerá, porque para o amor não existe tempo, ele é eterno, assim como não existe espaço, ele é onipresente. O amor é um princípio universal, está na origem de tudo o que existe. É um sentimento aglutinante, um elo perfeito entre as pessoas que logram os frutos imperecíveis de uma relação de afinidade espiritual.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, Paulo despertou com o firme propósito de acompanhar a criação da pequena Talita, que não via há algum tempo. Voltaria para casa decidido a dar à filha a atenção que não recebera da mãe na infância. Caso contrário, não seria justo com a vida. Uma vez consciente do trauma emocional prematuro, sentia-se preparado para liquidar a dívida moral que contraíra com a decisão irrefletida de abandonar a família. Antes que partisse, Levi Ananda concluiu a exortação dizendo:

– A luz atrai. De onde vier, aceite-a. Como vier, receba-a. Não exija das pessoas atitudes que você não pode tomar sem ter de suportar uma carga de sofrimento, se exigidas de você. Em outras palavras, não sofra e não faça sofrer. Em tudo, seja mais atento ao sentimento, decida com o coração e planeje com a razão. Essa filosofia de vida vai lhe poupar de muito sofrimento e de muita ilusão. Um amigo pode preencher as horas de solidão, mas não se iluda quanto ao vazio existencial. Este somente Deus pode preencher. Você já não é a mesma pessoa que era antes de conhecer a verdade. O conhecimento da verdade o libertou da autossabotagem. Seja feliz! – finalizou Levi Ananda, despedindo-se do visitante com um forte e afetuoso abraço.

Do ponto de vista profissional, Paulo não lia nos obstáculos uma mensagem para desistir, antes os recebia como um convite para perseverar. Trazia no espírito a experiência de quem na vida jamais recusara um desafio, antes fizera deles uma oportunidade para evoluir profissionalmente. Confiante em si mesmo, às adversidades respondia sempre com a firme decisão de desfazê-las com a fé que depositava em sua capacidade profissional. Aprendera com os erros, tornara-se um vencedor em seu ramo comercial e conquistara, com muito esforço, o direito legítimo de declarar ao mundo

que a vida é um caminho sem volta, não dá uma segunda chance, mas é um caminho que, se for percorrido com dedicação e honestidade, conduz invariavelmente ao sucesso. Paulo costumava dizer aos colegas de trabalho que enquanto os tolos denigrem o mundo, os sábios o exaltam, porque estes sabem, pela reflexão, que não há fracasso que não possa ser revertido com o passar do tempo. Quando a inexperiência malograva algum projeto de vida, afirmava a si mesmo que reverteria a situação e abraçaria a felicidade mais tarde. Somente no casamento fracassara de forma irreversível. Os liames invisíveis do amor fazem da vida a arte do reencontro, e foi por meio deles que Paulo, um homem financeiramente bem-sucedido, superou o trauma da separação e reencontrou-se emocionalmente na vida, depois de um amargo período de desencontro. Existem muitas histórias na vida. O amor é o protagonista dos finais felizes.

Amar ao próximo como a si mesmo não se aprende nos livros, mas no exercício diário do direito natural e intransferível de decidir a pessoa integral que deseja ser no mundo exterior. A pessoa integral é aquela que se percebe como a interrelação entre todas as suas dimensões existenciais. Rever a vida social sinalizada pelas expectativas alheias pode ensinar um autoconhecimento conducente a uma transformação pessoal, cujo fruto para quem lutou pela felicidade e não relutou em palmilhar novos caminhos é a paz. Seguindo os ensinamentos propostos por Levi Ananda, Paulo experimentou uma mudança de rumo na vida que levava até então e encontrou a paz em seu mundo interior. O verdadeiro encontro é com o próprio eu, pois cada um está fadado a conviver com os vícios e as virtudes da sua individualidade, que é naturalmente única e inigualável no Universo. Com estes versos um poeta fluminense expressou a importância do encontro afetivo do homem consigo mesmo:

Tem um valor muito maior a sua autoestima
Do que qualquer preço cobrado pelo mundo
Para que você se sinta admirado, respeitado
E aprovado pelo julgamento dos demais.

Para ser feliz, ou menos infeliz, de fato,
Viva para agradar a si mesmo pois, no fundo,
O tempo atesta que a pessoa amiga que o anima,
Talvez não volte a animá-lo nesta vida nunca mais.

De volta ao nosso lar

O sonho é a força mental capaz de trazer para a existência a realidade que ainda não existe. Os sentimentos positivos funcionam como ímãs espirituais que atraem o concurso favorável do Universo para que o sonho torne-se realidade. A epifania da existência pode ser a brisa que afaga os desejos, como pode ser também o tufão que devasta as esperanças. O planeta Terra é um vale de lágrimas, algumas de alegria, outras de tristeza, dependendo da qualidade da energia que o espírito irradia.

Uma semente doentia não produz uma árvore sadia, tampouco uma criança corrompida gera um adulto que adicione valor às instituições sociais. Uma sociedade livre, justa e solidária surge da liberdade, da justiça e da solidariedade aprendidas na infância, quer no seio da família, quer na sala de aula.

A vida representa o amor compartilhado, o mundo é a partilha do prazer escasso. A vida acolhe e cuida, o mundo tolhe e manipula. A vida é o verso da Natureza, o mundo é o seu anverso.

A realidade deve ser vista pelos olhos da razão, com os pés no chão, mas precisa também ser sentida pelo coração, em atitude de aceitação que alimenta a esperança de um mundo melhor para a posteridade. Pode ser tudo, como pode também ser nada. É tudo quando está plena de realização, é nada quando está vazia de emoção. A vida é a realização da emoção sonhada, pretendida. Existe amor no universo multifário da realidade, no barro que o oleiro transformou em vaso, porque o vaso é belo, e no diamante bruto que o lapidário transformou em brilhante, porque o brilhante é belo. Amar a vida é extrair da realidade cognoscível a beleza perceptível pelos olhos do espírito.

O amor é o sentimento supremo, expressa a concretude e a abstração divinas que penetram pelos poros da alma e atingem o âmago do homem, o seu pomar interior, onde cultiva e colhe, dia a dia, a inspiração para a sua existência. O amor é uma realidade interior, porque é a harmonia traduzida em sentimento.

Em tudo o que cria para ser feliz, o homem deve atentar para o amor, porque sem amor a vida não faz sentido. O amor é o principal componente da criatividade, posto que Deus, o criador do tempo, do espaço e da vida, é puro, infinito e incondicional amor. O amor encurta a distância entre os corações afastados e soa em uníssono com o coral das criaturas angelicais.

A vida é um momento repleto de mistérios que a tornam fascinante. A vida completa-se com a morte, mas não se extingue com ela. O amor exalta o prazer e suporta a dor. Às vezes, nasce do espanto e, às vezes, do acalanto. Observa a diversidade filosófica, mas segue na contramão da intolerância, porque a paz social exige a convivência indulgente das diferentes crenças e opiniões. Tem todas as cores do espectro, mas se apresenta também sem nenhuma delas. Mostra o verde da esperança, o azul da serenidade e o vermelho da paixão, mas revela também toda a solidão incolor do mundo quando não é correspondido. Procura na dualidade da existência a unicidade da beleza, aglutinando bons e maus momentos para idear uma vida de excelência, com a firme convicção de que o mal não existe, a sua presença é somente a ausência do bem, assim como a escuridão também não existe, é apenas a falta da luz. Seja qual for a situação, sempre há espaço para o amor.

Levi Ananda estava frio como gelo, sem encontrar a esperança de ver novamente a vida sorrir espontaneamente para ele após a perda dos pais. Na luta pela sobrevivência, viajou por lugares populosos, mas a solidão era a única companheira. Os sonhos foram muitos, mas não restara nenhum que o remetesse a um futuro melhor. Tudo era silêncio, mas, no fundo da alma, não queria aceitar a ideia de que estivesse exânime para a vida social. O dia em que Levi Ananda conheceu o poder da fé foi o melhor de todos os seus dias na Terra. Por meio do autoconhecimento, descobriu que nunca seria capaz de contemplar a beleza natural se não cultivasse o amor no espaço insondável do coração. Essa iluminação interior ocorreu durante uma missa dominical, quando sentiu a tangibilidade de Deus enquanto orava de joelhos, fazendo com que as lágrimas escorressem pelo seu rosto. Se outrora eram de tristeza, nesse domingo foram de alegria. A névoa de gelo que envolvia o seu espírito desapareceu, permitindo que as estrelas voltassem a cintilar no céu da sua vida. Levi Ananda aprendeu a ser forte ainda na adolescência. A vida continuou, mas a sua memória jamais ignorou a chuva ácida trazida pelos ventos contrários, pelas adversidades que o abraçaram no limiar da existência. Os sentimentos vibram na alma humana em determinada frequência. Bons sentimentos sopram brisas de harmonia. O amor e a compaixão vibram em alta frequência. Maus sentimentos formam tufões de desequilíbrio. O ódio e a indiferença vibram em baixa frequência. Nessa relação de causa e efeito consiste a lei do retorno. Em razão da fé esclarecida, o clarividente desenvolveu o hábito de rezar diariamente em agradecimento pelos ventos de esperança que lhe trouxeram a paz de espírito necessária à sua evolução espiritual. Há um aspecto que todas as crenças espiritualistas comungam, quer sejam derivadas da fé religiosa, da lógica científica, ou da reflexão filosófica, que é um sentido espiritual para a vida. Quando era menino, Levi Ananda acreditava que poderia mudar o mundo quando crescesse e que receberia gratidão em resposta à sua generosidade. No entanto, ao longo dos anos, foi tratado com gentileza pela frente e vileza pelas costas. Quem lhe jurava lealdade no raiar do dia, tramava a sua queda no cair da noite. Tudo soava como estrelas ofuscadas em noite cerrada. Aprendeu com as lições da vida que é preferível encarar a falsidade com clareza a tentar se convencer de uma sinceridade imaginária. Sonhou durante muito tempo, tropeçou pelos caminhos acidentados, foi ao chão várias vezes, mas sempre se levantou e seguiu em frente. Em vez de tentar controlar os outros, como fazia no passado, passou a procurar o poder sobre si mesmo, sobre os seus pensamentos e sentimentos. Enfim, acendeu no coração a fogueira coruscante da fé e nunca mais sentiu o frio paralisante da incredulidade. Depois de ter navegado por um mar de incertezas, criou raízes no espírito de Levi Ananda a convicção inabalável de que a vida continua após a morte.

Era noite de uma segunda-feira de inverno. No frio daquela noite, o vento fustigava a sua pele. A chuva havia cessado e as nuvens cinzentas evadiram-se do céu, dando lugar à Lua e às estrelas. O luar escorria pelas rochas escorregadias e acalmava as plantas com a sua serenidade. Levi Ananda ficou quieto, em sintonia com o silêncio soberano da noite fria. O sono veio dessa tranquilidade. Adormeceu enrolado no edredom que cobria a cama. O dia seguinte amanheceu ensolarado, espantando o frio cortante que lhe afligira durante a noite. A névoa desfez-se, e o Sol brilhava no céu aberto. “Senhor, obrigado por mais um dia!”, exclamou no seu íntimo ao despertar, enquanto apreciava o voo das andorinhas pela janela do quarto. Abraçou o travesseiro, querendo dormir outra vez, mas o sono não retornou. O sono tinha ido embora, deixando apenas a lembrança do que havia sonhado. Era bom estar ali, em paz consigo mesmo. Olhando para o azul do céu, recordou o sonho que tivera naquela noite gélida. No sonho que teve durante a noite, estava atravessando um rio em um barco a remo, quando se deparou com uma mulher vestindo uma túnica branca e reluzente. Atrás dela

havia três cavaleiros montados em cavalos de pelo negro, dispostos um ao lado do outro, cada qual com uma espada embainhada na cintura. Estavam todos postados sobre a água lamacenta do rio. A mulher louvou o nome de Deus, ao que se seguiu o estrondo de um trovão, que o ensurdeceu por um instante. Depois disso, ela disse em tom suave: “Em nome do Pai, eu o declaro guerreiro de Deus”. Em seguida, os cavaleiros empunharam as espadas e as apontaram na direção de Levi Ananda, que viu sair delas um jorro de luz dourada que o envolveu por inteiro. Notou que os cavaleiros sorriam e tinham olhos intensamente vermelhos. Pareciam rubis com lapidação brilhante. Levi Ananda demonstrou gratidão pela honra de integrar o exército divino juntando as mãos na altura do peito. Assim que terminou o gesto de agradecimento, despertou do sono.

Levantou-se da cama e foi até a sala. Sentou-se no sofá e, introspectivo, refletia sobre o sonho inusitado. “Será que eu fui eleito por Deus?”, indagou-se em silêncio. Nunca antes acreditara em sonhos, mas aquele foi muito real. Afora esse, não havia experimentado até então outro sonho no qual tivesse tanta consciência de si mesmo, como se estivesse acordado. Sem que o soubesse, recebera nessa noite o dom da clarividência, que desenvolveu com o passar do tempo.

Doze anos já haviam transcorrido. Era noite de Lua nova e, como fazia habitualmente ao anoitecer, vestiu o casaco de couro e saiu de casa para fazer uma caminhada. Já tinha andado pelos arredores do vilarejo uns dois quilômetros quando, de repente, viu um cão correndo ao seu encontro. Por um instante, ficou receoso. No entanto, em vez de atacá-lo, o cão parou na sua frente e começou a latir, como se quisesse lhe dizer algo muito importante. Em seguida, o cão deu-lhe as costas, recuou alguns metros, virou-se para ele e tornou a latir. Levi Ananda entendeu que o cão queria que ele o acompanhasse. Foi isso que decidiu fazer. Seguiu o cão até a beira do rio. Nesse momento, fitando o céu estrelado, lembrou-se do sonho lúcido. Tudo acontecera naquele rio de águas turvas. O cão abocanhara uma folha de papel e a levou para perto dele. Deixou-a sobre a grama e correu em disparada, perdendo-se de vista no denso matagal circundante. Levi Ananda agachou-se, pegou a folha de papel, dobrou-a com cuidado e colocou-a no bolso do casaco de couro. Naquela escuridão, sem uma lanterna, não conseguiria ler o que estava escrito. Retornou para casa apressado, porque estava ansioso para saber o que dizia aquela carta. Durante o trajeto de volta, tentou lembrar-se do que fizera na parte da tarde daquele dia, mas nada lhe ocorria na memória. Era como se não tivesse existido. Preocupado com o horário, pediu a um pescador, que vinha em sentido contrário, que lhe prestasse essa informação. No entanto, não foi atendido. O pescador passou por ele sem lhe dar atenção. “Que sujeito mal-educado!”, queixou-se indignado.

Quando atravessou o último cruzamento da rua onde residia, percebeu que havia uma ambulância do Corpo de Bombeiros Militar estacionada na frente da modesta casa em que morava. Acelerou os passos, mas o veículo arrancou antes que chegasse a tempo de se informar sobre aquela ocorrência. Sem ter com quem obter alguma informação, já que ninguém lhe dava ouvidos, correu para dentro de casa. Não foi necessário abrir a porta. Sem que percebesse, ele a atravessou. Sentou-se no sofá e ficou pensativo, tentando entender aquela situação estranha, inesperada e sem explicação aparente. O que teria acontecido na tarde daquele dia? Enquanto tentava arrancar da memória a lembrança do que fizera no período vespertino, pegou o bilhete, desdobrou-o e pôs-se a ler o recado. A mensagem manuscrita dizia isto: “Seu corpo físico faleceu durante a tarde de hoje, enquanto você dormia. Seja bem-vindo ao mundo espiritual”. Logo abaixo do texto constava o nome do falecido pai, que havia se afogado nas águas do rio no acidente que sofrera durante uma pescaria. Nesse instante de perplexidade, embora com a mente confusa, conseguiu recordar que o cão que o havia conduzido até o

rio era idêntico ao que pertencia ao falecido pai. O cão também tinha morrido afogado naquela trágica pescaria. Enquanto analisava a situação, Levi Ananda sentiu alguém segurar a sua mão direita. Virou-se para o lado e viu que era a mulher com quem havia sonhado na noite anterior.

– Quem é você? – perguntou com a voz embargada pela ansiedade.

Impondo-lhe as mãos sobre a cabeça para acalmá-lo, ela respondeu com ternura:

– Eu sou a sua mãe. Desencarnei antes que você tivesse completado um ano de idade, acometida por uma doença grave. Estive ao seu lado durante toda a sua vida e agora vim buscá-lo. O seu pai não pôde vir, mas está ansioso para revê-lo. De hoje em diante você viverá a verdadeira vida. O sonho acabou. Vamos, meu filho, de volta ao nosso lar.

Neoescravagismo

As teorias e os fatos nem sempre andam de mãos dadas. No mundo teórico, a escravidão é uma perversidade revogada pelo ordenamento jurídico. No mundo fático, todavia, a escravidão ainda vitimiza inúmeras pessoas em estado de hipossuficiência econômica pelo planeta afora. O motivo principal para essa inconsonância é o descumprimento do texto legal, escrito e promulgado apenas para contornar diplomaticamente a pressão internacional exercida pela Organização das Nações Unidas e por diversas organizações não governamentais que propugnam na área dos direitos humanos. Em muitos países, a defesa da dignidade sexual não representa a vontade da cúpula governamental. Em pleno século XXI, ainda existem milhões de rufiões espalhados pelo planeta. O aliciamento de mulheres para o fim de exploração sexual exige a atenção dos países comprometidos com a proteção da dignidade da pessoa humana, seguida de medidas eficazes no combate à escravidão contemporânea.

A extrema pobreza cria e sustenta o neoescravagismo. No processo de erradicação gradual da miséria são fundamentais políticas públicas de assistência social às famílias suscetíveis à marginalização. A entrada na prostituição deriva de situações que envolvem engano, dívida e coação. No tráfico internacional de pessoas, as vítimas são aliciadas com falsas promessas de uma vida melhor, com possibilidade de enriquecimento fácil em atividades legítimas. Por via aérea, o crime de tráfico humano ocorre no momento em que a aeronave cruza o espaço aéreo das águas lindeiras do país de origem, levando para o exterior um pouco de seu orgulho patriótico. Contudo, quando chegam ao país de destino descobrem que a realidade é diferente da que ingenuamente supunham. Os passaportes são apreendidos e as vítimas são obrigadas a se prostituírem até que a dívida, incluindo o custo de transporte e os adicionais de hospedagem e alimentação, seja totalmente paga. A escrava sexual é induzida ao medo por meio de ameaça e violência sem motivo aparente, perde o senso de autonomia e, convencida de que o agressor é onipotente, não consegue se desvencilhar da exploração sexual. Desse modo, a escravidão nunca encontra um termo. Quando envolve crianças e adolescentes, a configuração do tipo penal dispensa os meios ilícitos, cujo uso por parte dos traficantes é presumido, bastando que se verifique o aliciamento das vítimas.

Um problema puxa outro. Além da exploração sexual, existe também o tráfico de menores para o fim de trabalho forçado. Muitas vezes, as crianças são mutiladas e obrigadas a mendigar pelas ruas da cidade, prestando contas da mendicidade aos seus exploradores logo após o término da labuta diária. A região asiática é a que concentra o maior contingente de vítimas do trabalho escravo a nível mundial.

Neste mundo competitivo e monetizado, o dinheiro é um bem escasso e a maldade é um flagelo ilimitado. O comércio de escravos é a expressão perversa da economia de mercado na atualidade.

Nova religião

A finalidade de todas as religiões, ciências e filosofias é a evolução espiritual do planeta, que ainda engatinha com dificuldade no caminho da regeneração moral.

A nova religião será baseada na existência íntima de Deus, na relação harmônica do homem com o homem, na realidade provável da imortalidade da alma e na necessidade da busca pessoal da iluminação pelo autoconhecimento.

Felizes os ricos de espírito, porque os pobres de espírito não respeitam a diversidade, nem praticam a solidariedade.

Felizes os que lamentam a desgraça alheia em vez de lucrar com ela, porque serão recompensados pela justiça divina.

Felizes os líderes mansos, porque o discurso de ódio não se irmana com a paz social.

Felizes os que conhecem a fome e a miséria, porque terão empatia pelas famílias vulneráveis à marginalização.

Felizes os misericordiosos de coração, porque de indulgência necessitam todos os corações.

Felizes os inimigos da opressão e da censura, porque serão amigos dos anjos guardiães dos direitos civis e sociais.

Felizes os que cultivam o bom senso no campo da razão, porque colherão os bons frutos da sabedoria.

Felizes os que combatem as injustiças sociais, porque terão o mérito da vitória sobre o individualismo e a ganância.

Felizes os que amargaram as desvantagens do desamor, porque aprenderam a valorizar as vantagens do amor.

Felizes os sensíveis, porque os insensíveis não sabem amar sem tirar proveito da relação.

Felizes os libertários, porque não lutam por si mesmos, mas por um ideal humanitário.

Os felizes são a luz do mundo e dão luz aos que estão na escuridão. Esse altruísmo desinteressado faz parte da felicidade deles.

Não é a doutrinação da fé, mas a fé em ação que define o Humanismo como uma filosofia espiritualista que rejeita os dogmas religiosos e repousa sobre as ciências humanas. O Humanismo é um pensamento filosófico focado na justiça, na razão e na ética, com o objetivo de dar sentido à vida. Difere do fundamentalismo religioso na medida em que não impõe verdades inquestionáveis. Em lugar disso, propõe ideias de modo interrogativo, a fim de despertar na consciência humana o interesse pela reflexão.

Felizes, enfim, os que pensam com a mente aberta, porque não serão manipulados pelos falsos profetas.

Gênesis

Um dia, eu serei um espelho fiel do amor,
Quando as mãos fechadas do egoísmo insano
Não lançarem a minha paz ao abisso do pesar,
E o ódio não tiver mais parte nenhuma comigo,
E a verruma cruel do ciúme não me perfurar
Os tecidos da alma com tamanho furor,
E o sonho não se transformar em dano,
E o fero inimigo tornar-se um vero amigo,
E a fé sincera deixar de ser explorada,
E o arauto do perdão falar mais alto,
E a lógica funesta do orgulho estiver errada,
E a trega vingança não me tomar de assalto...
Estarei, um dia, mais próximo de mim,
E assim mais perto também dos outros,
À medida que o embrião do amor enfim
For crescendo em mim pouco a pouco.

Águas profundas

Quando as vozes se deitam ao relento,
Quando de silêncio se fartam as sombras,
Os olhos da Lua desvanecem o pensamento,
E o pensamento reaparece como orvalho de sonho.

Longe das fantasias sensoriais da realidade,
Margeio de perto os litorais da eternidade;
Da vida retorno à fonte;
Da morte me torno o inverso.

Bebo do meu próprio vinho;
Como do meu próprio fruto;
Dentro do corpo, sou nada;
Dentro do sonho, sou tudo.

Mergulhado em águas profundas, tive de escolher
Entre vir à luz, ou ficar na noite dos tempos;
Vindo à tona, tive de vencer
As ondas de vento do mar agitado.

O sonho me concebeu como um rio sem margens,
Nascido das lágrimas doces dos olhos da Lua;
Deixo, então, que a poesia versifique o existente,
E o sonho realize o inexistente.

Sentimento oceânico

O que eu sinto por você é um amar intensamente,
É um nascer, e viver, e morrer em seus braços,
Quebrando todas as regras, e rompendo todos os laços,
Para vê-la brilhar como brilham as estrelas: livremente.

O que eu sinto por você não cabe em palavra alguma,
Sentimento oceânico, não cabe nem mesmo em si,
É maior que um céu infinito, mais leve que a bruma...
Realidade insondável, sei que existe, mas nunca vi.

O que eu sinto por você é um poema profundo,
Diz mais que toda a poesia romântica do mundo,
Primavera de versos cálidos que floresceu,
Intraduzível rosa lírica que em mim nasceu.

O que eu sinto por você é uma fome,
Uma atração pelo seu aroma de liberdade,
É mais que adoração, é mais que felicidade...
O que eu sinto por você ainda não tem nome.

Se não fosse por você

Se não fosse por você,
Deus não pintaria as manhãs de azul,
Não sopraria os ventos frios do Sul,
Nem faria o Sol de verão nascer.

Se não fosse por você,
Eu não teria veia de poeta,
Não veria beleza na arte de viver,
Nem a minha vida seria uma obra completa.

Porque você é melhor que tudo que já amei,
Você é um amor que não cabe em mim,
Porque você é maior que tudo que já sonhei,
Você é um sonho que não tem fim.

Renascimento

O meu olhar andava pelo jardim
Entre os perfumes das flores,
Ao passo que o meu pensamento
Voava nos quintais das estrelas.

As delícias florais, eu podia tê-las,
Livres como os ires e vires do vento;
Em silêncio, as novas e velhas dores
Dormiam todas dentro de mim.

Uma mãozinha me aflagava a alma
Qual a brisa quando beija a palma,
E eu me vi no jardim de infância,
E eu me senti outra vez criança.

Não eram os meus olhos cansados
Que avistavam a paisagem bela;
Eram os meus olhos renovados
Pelo espírito da primavera.

Não era o meu filho que brincava
Na felicidade ingênua daquela hora;
Era um anjinho que me lembrava
Do menino feliz que eu fui outrora.

Rima

Rimo a minha vida com paz;
Por isso, eu vivo.

Rimo a minha esperança com verdade;
Por isso, eu espero.

Rimo a minha crença com amor;
Por isso, eu creio.

Pacificamente, eu vivo
Tudo o que digo.

Verdadeiramente, eu espero
Por tudo em que acredito.

Amorosamente, eu creio
Em tudo o que proclamo.

E se acaso me pergunte um anjo
Sobre o que faço no meu dia a dia,
É certo que lhe afirme com alegria:
Eu amo.

Ontem, sempre, em cada vão instante;
Por isso, a minha rima é tão constante.

Aniquilamento

O céu desce as lentas pálpebras: escuridão.
É infância de uma noite fria...
Logo chega a muda sensação: desalento.
A rua deserta espreita o gato...
Faz uma friagem mórbida no quarto: solidão.
O gato me observa de cima do muro...
Deito na calmaria da noite erma: lenimento.
Não sinto o cheiro nem o gosto da alegria...
Permaneço imóvel dentro do corpo: lassidão.
Tenho um garfo, uma faca, um prato...
Ouço passos secos na memória: pensamento.
E uma alma oca com fome de escuro...
Quebra-se a vidraça do silêncio: confusão.
As flores já adormeceram no jardim...
Fecho os olhos tão pesados: entorpecimento.
Só o gato ainda se lembra de mim.
O sono abre a janela do tempo: libertação.
Arrisco a sorte.
Viajo na escuridão do céu: aniquilamento.
Ensaio a morte.

Ilusão

Não sei, com certeza,
O que mais amo em você,
Se a ternura
De sua verve
Ou a textura
De sua pele.
Para ludibriar a solidão,
Dou o nome de realidade à ilusão,
Contemplando a sua beleza
E apreciando o seu buquê
Em toda parte:
Na música amiga que me faz companhia,
Na nuvem rosada que encerra a tarde,
Na luz peregrina que se despede do dia,
Nas primaveras passadas,
Nos futuros outonos...
Porque a vida é feita de pequenos nada
E de grandes sonhos.

Vera

No desabrochar da primavera,
Eu vi a tua perfumada beleza,
Doce de minha alma de criança
Iluminada pela alva do amanhecer.

Em face de feéricos encantos,
Eu escrevi este singelo poema,
Fruto de minha alma de poeta
Banhada pelo pranto do anoitecer.

Não me fuja da memória o teu semblante bonito,
Que de mim só restaram estes olhos saudosos;
Quando foste para o jardim da eternidade, Vera,
Levaste a minha alma de jardineiro contigo.

Última noite

Durmo esta noite com o meu pensamento;
Lá fora, dormem os percevejos,
Os coelhos, os melros...
Todas as criaturas solitárias
Que espalham a solidão na noite brumosa.
Durmo a última noite no silo da liberdade;
Lá fora, dorme a Natureza.

Durmo esta noite com o meu sentimento;
Aqui dentro, dormem os desejos,
Os sonhos, os versos...
Todas as criações imaginárias
Que espelham a imagem da noite nublosa.
Durmo a última noite no asilo da saudade;
Aqui dentro, dorme a Tristeza.

Linda

À tua beleza, Linda, rende-se a vida
Em todas as suas formas de existir.
E assim, com a sabedoria de diva,
O amor sabes garimpar,
E lapidar,
E polir.

Intérprete dos brilhantes, à tua formosura
Rendem-se, gratos, os mares e os campos.
E assim, diante de singulares encantos,
Rende-se de noite o breu,
E de dia a alvura,
E noite e dia rendo-me eu.

Águas surtadas

Quando a manhã principia
E eu desperto, desperta comigo
A sensação que mais me angustia:
Sentir a falta de um ombro amigo.

Quando a noite declina
E eu adormeço, adormece no fundo
Da alma a minha ontológica sina:
Ser um estranho em meu próprio mundo.

Sem fronteira que me limite,
Ou lenitivo que me acalme,
Verto, na vertigem, palavras nunca pensadas;
Bebo, qual bêbado, das ignotas águas surtadas.

Porque eu sou o verdugo que surta,
E que treme, e que grita, e que corre...
A desgraça iminente que jamais ocorre,
O fantasma ébrio que me assusta.

Noites horríveis

Antes luz de chama ridente,
E agora escuridão em pranto,
A flor que plantamos juntos,
Para que vivesse para sempre,
Desfez-se em pétalas de desencanto
Que se perderam em jardins moribundos.
Deitávamos sobre uma nuvem branca, antes tão pura,
De delícias intensas, românticas, inesquecíveis...
E agora, à sombra do passado, a saudade me procura
E me deita ao relento na dura frialdade do chão.
Eu sigo deserto pelas ruas caladas
De noites infensas, tirânicas, horríveis...
Guia-me os passos sobre o pó das calçadas
A esperança de tê-la de novo em meus laços,
Quem sabe um dia, talvez em outra estação,
No caminho que jaz entre o afeto e o abraço.

Muito romântico

Pudera eu ter
As cores da primavera,
As monções do verão,
Os tons do outono,
Os cobertores do inverno,
Para te colorir a alma,
Para te aprazer a alma,
Para te seduzir a alma,
Para te aquecer a alma.
Livre como o bem-te-vi,
Eu poderia voar no céu aberto
Atrás do edênico sonho
De ser as estações de tua vida,
O teu prazer mais secreto,
A tua saudade mais doída,
E assim, extasiado, pousar
No éden que há em ti.
Pudera eu ter,
Quer no calor, quer no frio,
A alma luz de uma só estrela
Que brilha na constelação,
E o almo lume da última rosa
Que restou do estio,
Para poder, inebriado, vê-la
Com os olhos ocultos do coração,
E se alguma outra inspiração houver,
Neste ou no outro mundo,
Para decantar a alma da mulher,
Pudera eu tê-la nem que fosse por um segundo.

Barco de papel

A vida é cavalo de corrida,
Relâmpago, faísca, *flash*,
Certeza rasa, esperança alta,
Agridoce véspera da morte.

A vida é corrida de cavalos,
Mar de sonhos, pescaria de ilusões,
Hóspede do tempo e do espaço,
Barco de papel a navegar sem norte.

Assim, mesmo me arriscando na procura,
Faço da vida o meu melhor jardim,
Com a alma instalada na noite escura
E silenciosamente imprevisível até o fim.

Como de uma só semente floresce o ramo
De serenas flores que enaltece o dia,
Faço de um só sorriso de quem amo
Todo o meu folgar, toda a minha alegria.

Beleza metafísica

Desejo mais que a lindeza pura
Que a juventude dá de presente,
De vez que o espírito cintila eternamente,
Mas o corpo apaga-se na chuva dos anos.
Desejo mais que a breve lindura
Que a mocidade dá de herança,
De vez que morrem os enganos,
Mas sobrevive a esperança.
Anseio do abraço sincero
A afável sinceridade,
E do enlace verdadeiro
A inextricável verdade.
Assim espero,
Assim creio.

Fora do mundo

Onde meu coração navegar,
Lá navegarei também;
Onde meu coração aportar,
Lá aportarei também.
Não existimos um sem o outro,
Porque eu busco o beijo da felicidade,
O porto seguro que mereço;
Não procuro a paz na cor do dinheiro,
O dinheiro é um bem instável e escasso,
E o bem que eu anelo transcende o preço,
Não tem tinta, nem marca, nem logotipo...
É um valor que se traduz em sentimento.
Não reside no corpo que alimento,
Nem na terra que piso,
Nem no ar que respiro...
Está fora do mundo,
Em alguma realidade intangível,
Como a luz que me esquenta;
Em alguma realidade invisível,
Como a melodia que me acalenta.
Não sei o que é a felicidade,
Mas sem ela não faço sentido;
Nem mesmo sei se me espera,
Mas sem ela não vivo,
Porque a vida é sonho,
E sonho vive de esperança.
Afasto da boca o cálice de vinho amargo,
E minha alma abre um sorriso largo;
Não sei se sou feliz assim,
Ou se é a natureza que se compraz enfim.
Afasto do peito a angústia da morte,
E minha alma vibra mais forte;
Não sei se é a vida que não tem fim,
Ou se é o tempo que se eterniza em mim.
Percebo a brisa soprando em ritmo lento,
E as ondas descansando na areia da praia;
Não sei se me enleva a placidez do vento,
Ou se é a paz que minha alma caia.

Sangue eterno

O amor é um olhar sem visão;
A sua voz, o silêncio da luz;
Nada vê, nada diz...
Princípio sem fim,
Com o tempo, não se reduz;
O amor é assim:
Universo em expansão.
Tudo o que quer,
Tudo o que faz,
É semear o grão
Serenos da paz,
E colher um manso coração
E um sorriso feliz,
Quando, onde e como puder,
Assim é o amor.
O amor, por amor, sempre cede,
Sempre mantém viva a esperança
De assistir ao raiar de melhores dias;
Não tem raiva, nem rancor,
Nem fome, nem sede de vingança,
Não é irmão das tempestades fugidias.
Mas o mesmo amor que, por amor,
Alegra a vida, também é triste;
No fundo, é um contentamento sofredor;
O amor é um sentimento que não desiste,
Nem por um momento breve,
De escrever o seu nome
No vento, no alvor,
Na areia, na neve,
E na dor que dói na alma do homem.
Faça Sol, ou faça chuva,
Arda o verão, ou arda o inverno,
Esta flor não murcha:
O amor, este sangue eterno.

Rosa dos ventos

Entre as cinco paredes dos sentidos,
Eu sou o navio, o nauta e o mar desconhecido,
Crendo ser infinita a frágil ponte do tempo,
E eternas as vagas que deslizam no pensamento.
Navegamos, eu e minha alma, na ilusão, pura e inocente,
De que dura, para sempre, a grandeza das vagas fugidias,
E no sonho aventureiro de avistar, ao longe, novamente
A terra onde o Sol, no horizonte, de felicidade ardia.
Entre as cinco paredes que me cercam,
Eu sou agora o mesmo mapa tantas vezes lido,
E o rascunho dos dias fagueiros que esperam
Uma só aurora para serem vividos.
O Sol feliz que ardia antigamente
Aguarda paciente o sono da Lua pálida
No leito da noite, dormente e esqualida,
Em que vivo na sombra do passado,
Entre as cinco paredes do meu quarto,
Como quem vive na luz do presente.
Navegamos, eu e minha alma, juntos,
À procura de dias idos e de novos mundos,
Em todas as direções da rosa dos ventos.
Minha alma navega contente,
Procurando conquistar a sua brilhância,
E eu navego taciturno,
Procurando resgatar, ao menos,
Um só dos sorrisos que dei na infância.

Igrejinha

Ferviam, em minhas mãos,
As suas mãos imóveis e frias;
Ferviam as lágrimas de rouca emoção
Naquele dia.
Ferviam, como nunca antes,
As saudades de dias lindos
E de felizes instantes,
Então findos.
Os retratos da minha mãe querida,
Da mãe dos meus dias,
E das suas sorridentes alegrias
São também os retratos da minha vida.
No velório da minha mãe eu não estava sozinho,
Estava na sua presença ausente,
Na ausência do seu carinho,
E foi assim que descansou esse dia eternamente.
Entre os retratos que coleciono na lembrança,
Está o lenço branco que ela usava
Para enxugar as suas lágrimas de tristeza
Nas frias noites de pálidas incertezas
Em que, vez ou outra, eu mergulhava,
Descrente de mim mesmo, e sem esperança.
Está também a Bíblia Sagrada,
Que ela lia para mim
Quando eu era menino,
E me fazia crer que o amor não tem fim,
Que a vida é uma avenida iluminada,
E que Deus existe, e é benigno.
Na igreja onde o seu corpo foi velado,
Um coral luminoso de anjos entoava hinos;
No cofre da minha alma, eu mantenho guardados
O lenço branco, a Bíblia Sagrada e o badalar dos sinos.

Viagem dos sonhos

Bem alto os meus sonhos planam,
De tal forma que não veem mais
As sombras ilusórias que andam,
E não chegam aonde querem jamais.

Os meus sonhos falam da primavera,
Do encanto da poesia que encerra,
Logo vem ao meu encontro o desejo
De colher o verso que tanto almejo.

Somente um resto de mim ainda vive
Com os pés atolados nas vasas,
A minha parte maior bate as asas,
E voa em busca do amor que não tive.

Fuga

Eu estou fugindo de uma noite muito,
Muito escura, tão escura
Que não vejo a minha própria sombra,
E em cada esquina que dobro,
E em cada rua que cruzo,
A criança assustada dentro de mim
É surpreendida pelo olhar
Do assassino imprevisível
Que espreita os seus passos inseguros
Desde o dia em que aprendeu a andar.
E assim, de um olhar sombrio, eu fujo,
Dobrando cada esquina,
Cruzando cada rua,
Conduzindo lentamente a centelha
Que o tempo não apagou ainda,
Em direção a um destino
Duro, frio e sujo,
Escondido em alguma trincheira
Cavada ao longo do curto caminho,
Sempre andando com o andar apressado,
Sempre acordando de um sonho acabado,
E sempre seguido de perto
Pelo olhar indiferente
Do assassino imprevisivelmente
Certo.

Brasil Colônia

Eu venho do Brasil Colônia,
Das fazendas de cana
E das minas de ouro;
Tenho na pele as lembranças profundas
Dos frios e dolorosos açoites
E das máscaras de folha de flandres.
Vagueio, como vagueava antes,
Entre as sombras que povoam as noites,
Ouvindo o murmúrio das águas imundas.
Debaixo do largo chapéu de couro,
Ando descalço sobre o tapete de lama,
Carregando nas costas o peso da insônia.
Tudo me faz lembrar o passado colonial:
As mesmas invernias sem agasalho,
As mesmas bancadas sem ideal,
As mesmas forças sem trabalho...
Porque eu venho do Brasil Colônia,
E trago comigo o pesadelo da insônia;
Vagueio, como vagueava antes,
Entre as sombras de noites distantes.

O essencial

Para se viver o Amor,
O essencial é que haja na dor
A vontade de sorrir novamente,
Que a fantasia se corporifique
Nas representações da realidade,
E que a verdade se identifique
Com o imaginário de toda a gente.

Para se viver o Amor,
O essencial é que haja na arte
A percepção infinita da liberdade,
Que a pintura transcenda a forma,
Que a palavra subverta a norma,
Que o mar espreguice no fim da tarde,
E que a vida durma vendo o Sol se pôr.

Moeda falsa

A vingança é moeda sem valor
Lançada à vasa, nada compra;
Não repara o dano sofrido,
Nem recupera o orgulho ferido;
Vive furtivamente na própria sombra,
É prato frio de um infindo amargor.

A vingança é tempestade que nunca estia;
Depois de espalhar seu veneno, fareja ainda
O vento envenenado qual hiena faminta;
É droga supérflua que entorpece e vicia,
Justiça selvagem, quer ter o privilégio da razão,
Mas tem asas curtas, e não voa além da emoção.

O lamento do rouxinol

Timidamente o rouxinol executa o seu lamento:
Cântico dos cânticos,
Voz da natureza alada,
E inspiração dos poetas românticos.
Escondido no meio da vegetação,
O rouxinol é invisível como o vento;
Agita o silêncio da madrugada,
E carrega o frio da solidão.
O seu lamento é uma forma musical de poesia:
Soneto de versos cantados,
Pequena grandiosa canção,
E poema de assobios.
Encerrado no seio da escuridão,
O rouxinol é invisível como a melodia;
Harmoniza os sentimentos desafinados,
E acalenta os pensamentos sombrios.

Estrela do amanhã

Você está vendo aquela estrela esculpida no céu?
Pois saiba que nela o meu coração descansará!
Mas até esse longo dia raiar
A noite fria será o meu lar,
A indecisão será o meu teto,
E a incerteza será o meu chão!
Uma estrela nítida, embora distante;
Eis o meu destino mais profundo,
O destino de quem está aprendendo a amar!
Mas até esse longo dia raiar
O meu desafio efêmero será
Ultrapassar as minhas fronteiras,
Esquecer o que não deu certo,
Tecer o amanhã incerto,
E reeditar antigos motivos para sonhar!
Naquela estrela silente está o meu destino,
A luz que procuro, o sossego que mereço...
Mas até esse longo dia raiar
Seguirei por caminhos que não conheço,
Voltarei várias vezes à estaca zero,
Andarei por vales sombrios a esmo,
Escalarei montanhas altas ainda,
E de muitas delas ainda terei de cair;
Porque eu estou a caminho de mim mesmo,
E aguardo paciente o tempo da minha peregrinação!
Uma estrela nítida, embora distante;
Eis o meu destino mais profundo,
O destino de quem está aprendendo a amar!
Você está vendo aquela estrela colorida de paz?
Pois saiba que nela descansará o meu coração!

Por toda a eternidade

Noite serena é a sua presença,
Canto de sereia é a sua voz;
Nos momentos em que ficamos juntos,
Recriamos o universo, reinventamos os mundos...
Não há tempo, nem distância;
Não há vento, nem circunstância;
Não há nada assim tão forte que nos vença,
Porque nos fortalecemos no amor que há entre nós.
E se algum tempo, ou alguma distância;
E se algum vento, ou alguma circunstância;
E se todas as tempestades vierem nos separar,
Por toda a eternidade haveremos de nos procurar.

Declaração de amor

Por que eu te amo?
Eu te amo porque
Vejo a primavera em teu olhar,
Olhar doce, sabor de mel;
Olhar macio, tecido de seda;
Olhar sereno, espelho do céu!
Que me despreze o mundo,
Para o qual me fiz de moribundo,
Mas que eu ame intensamente,
Na ilusão de tê-los para sempre,
Cada fio do teu cabelo,
Cada jeito teu de me tocar,
O teu gesto mais simples,
E o teu sorriso a brilhar,
Sem que nada eu tivesse te dado,
Ou te falado, para merecê-los!
Quando o Sol se levanta
E vem me acordar,
Olho para a imensidão celeste,
E vejo a luz do teu sorriso,
Sorriso de fé,
Sorriso de flor,
Sorriso de mulher!
Uma diva invade o meu peito,
Chama baixinho a minha alma,
E o meu coração sobe com ela ao paraíso!
Eu amo o teu mundo feito de sonho e de amor,
Onde me banho em águas tranquilas,
Onde a noite envolvente é a minha mãe,
E as estrelas inocentes são as minhas filhas!

A gênese do amor

Mudo, vejo o mundo lá fora;
Por dentro, vejo um novo dia,
Devolvendo as cores de uma velha alegria
Que em mim, pouco a pouco, se refaz agora.

Ridente, lanço o meu olhar no céu,
E encontro mais que simplesmente céu;
Deparo a esperança se formando no céu
Lentamente, entre as nuvens que beijam o céu.

Que esse dia tenha um rosto sempre lindo;
Traga, da primavera, a alma perfumada;
Leve, para o futuro, um sorriso infindo;
E seja eterno para mim e a mulher amada.

Eco

Pelas ruas da cidade,
Sigo por um caminho torto,
Ora numa calçada iluminada,
Ora num beco escuro.
Pelas horas do dia,
Sigo perdido entre sombras:
Sombras do que realizei,
Sombras do que tentei realizar,
E sombras do que apenas sonhei.
Então pergunto a mim mesmo,
Em segredo, para onde estou indo;
No silêncio que anda comigo,
Escuto o eco da minha pergunta.
Então respondo a mim mesmo
Que estou cumprindo meu destino
De seguir por um caminho torto,
Ora no meu lado vivo,
Ora no meu lado morto,
Desde menino.

Sempre

Ainda que a foice truculenta quebre o encanto das roseiras,
Que o furor melancólico despedace o peito,
Que as lavas ardentes inundem os corações desmaiados,
Que as neblinas espessas embacem a visão da paz,
Haverá sempre uma Cruz lá no Céu,
E um Céu sobre os cruzeiros do mundo.

Ainda que o fogo irascível consuma o romantismo do mar,
Que a noite sombria dissipe as cores vivas da alegria,
Que a relva úmida que beija as manhãs resseque nos prados,
Que o verme da discórdia corroa os laços da fraternidade,
Haverá sempre uma Cruz lá no Céu,
E um Céu sobre os cruzeiros do mundo.

Ainda que os sonhos se desfaçam em tristes ruínas,
Que o brilho sereno da felicidade fuja dos olhos,
Que os ventos suaves se transformem em violentos tufões,
Que os ouvidos insensíveis se fechem ao hino do amor,
Haverá sempre uma Cruz lá no Céu,
E um Céu sobre os cruzeiros do mundo.

Amor tamanho família

Que nuvem de ternura encobre o ventre da mãe
Desde a fecundação do seu sonho mais lindo!
Que rio de alegria deságua no coração do pai
No dia de natal do seu pequeno príncipe!
A vida não refletiria todos os raios de luz,
Nem teria todas as cores do arco-íris,
Se esse dia tão esperado não tivesse nascido!
Sem esse amor, essa força e essa graça,
A estação dos sonhos não se completaria!
No coração aplanado do pai,
O filho exerce o seu reinado,
E por onde quer que caminhem, pai e filho
Caminharão, até quando Deus quiser,
Sempre lado a lado!
O filho adotivo também é nobre;
Embora não tenha nascido do sangue,
Nasceu de um mar também sagrado:
Nasceu do coração que o acolheu,
E que aceitou o seu reinado!
Desse dia em diante,
Pai e filho adotivo
Viverão cada instante
Unidos pelo mesmo motivo,
Início e fim do caminho da fraternidade;
Viverão unidos pelo amor à humanidade!

Indiferença

A indiferença é faca,
Brilho cortante na escuridão;
Tem a dureza do aço,
E a frieza da solidão.
Qual bufo de serpente,
Seu olhar envenena a alma;
Qual fio de navalha,
Seu toque esfacela o coração.
É Natal sem amor,
Sol sem liberdade,
Oração sem fervor,
Lua sem saudade.
A indiferença tem a frieza da faca,
Assassina os sonhos, e jamais chora,
Não se ressentente.
A indiferença tem a dureza da faca,
Assassina os sonhos, e vai-se embora,
Não se arrepende.
É um fogo distante, um gelo compressor,
Grita sem abrir a boca,
Pisa sem levantar os pés,
E se dispersa como um jato de vapor.

Para onde eu for

Quero me despedir da vida com um abraço,
Com um abraço do tamanho do Universo,
Agradecendo a Deus por ter guiado os meus passos,
E me inspirado estes versos.

Quero me despedir da Natureza com as sementes de goiabeira
Que me lembro de ter plantado no jardim da infância,
E cultivar a esperança de fazer outra sementeira
Em outra estância.

Quero me despedir do Sol com um sorriso iluminado;
Da Lua, com um olhar serenado;
Do céu, com a chuva de flores da primavera;
E do mar, com a brisa que sopra da terra.

Quero me despedir de mim mesmo com uma canção de amor
Que fale dos lugares inesquecíveis por onde andei,
E que tenha o tom da saudade que levarei
Para onde eu for.

Santa e infinita

Aprendi, com a vida,
Que as palavras têm poder,
Para o bem ou para o mal.
Aprendi, com a vida,
Que a mentira reiterada convence,
Mas só a verdade vence no final.
Aprendi, com a vida,
Que a distância tira o calor da amizade,
Não o seu encanto.
Aprendi, com a vida,
Que a saudade tem um lado que é riso,
E outro que é pranto.
Aprendi, com a vida,
Que o tempo não passa
Na alma daquele que ama,
Sabendo-se também amado.
Aprendi, com a vida,
Que o perdão é cura,
Salva tanto quem perdoa
Como quem é perdoado.
Aprendi, com a vida,
Que a derrota ensina o caminho da vitória,
A preguiça é a irmã mais velha do fracasso,
A cobiça é uma luta inglória,
O respeito é um bem escasso,
A comunhão é santa,
E a fé, infinita...

Silêncio

O silêncio que me invade
É a voz da minha noite, do meu leito,
Do meu adeus e da minha saudade.
A felicidade é uma manhã previsível,
Tem um céu sempre limpo, sempre brando;
A dor é um ladrão violento, imprevisível,
Assalta cada coração sonhador de um jeito.
Há quem sofra pelo sonho que envelheceu;
Há quem sofra pelo sonho que não amadureceu;
Eu sofro por ambos, mas sofro acreditando
No nascimento de uma manhã de felicidade.
Vivendo e morrendo, eu sigo pelo mundo sonhando
Enquanto o tempo passa, e as esperanças ficam
No silêncio da noite enquanto as estrelas cintilam;
Vivendo e morrendo, eu persigo o meu sonho amando.

Lembrança de amar

Nasci no leito de um sonho de amor,
Palmilho por um caminho de esperança,
Vendo o olhar do Sol nascer e se pôr,
E um dia descansarei na lembrança,
Na lembrança dessas manhãs caras
Em que as brancas nuvens se beijam,
Na lembrança dessas noites claras
Em que o luar beija os oceanos,
Na lembrança dos amigos que chegam
Como folhas trazidas pelos vendavais,
E na lembrança dos amigos que os anos
Não trazem mais.

A caverna de Platão

O corpo que procura a verdade em outro corpo
Caminha de balde, traçando círculos, e erra,
E sonha, e fica ao rés-do-chão, ao nível da ilusão,
Porque o seu destino é o pó da terra.
Plantado no jardim da saudade,
Assistindo ao remoído passado encardir,
Ou lançado na fornalha da ansiedade,
Urdindo a tela obscura do porvir,
O corpo procura a verdade nos vultos
Fugidios que lampejam na floresta escura.
Acima da terra, o céu convive
Com o Sol, a Lua, as estrelas...
Convive também com as nuvens brancas
Que acendem no corpo a alegria fogosa,
E com as nuvens plúmbeas
Que derramam no corpo a tristeza chorosa.
O corpo não se entende com o espírito,
Porque um é a negação do outro,
Enquanto um cerze o traje surrado,
O outro cose a roupa nova da eternidade.
Na imperfeição do mundo natural,
As vidas se sucedem como os dias,
Quanto mais conhece o seu “eu desconhecido”
Mais o espírito se eleva ao mundo perfeito.
Sem nunca ter certeza da luz do amanhã,
O hoje é toda a eternidade visível,
E o que ontem fulgia como rija verdade
De um dia para o outro se dissipa
Como as nuvens passageiras no céu aberto.
Motivado pela alvura redentora da Estrela do Oriente,
O espírito desconfia da dura aparência
Que reveste a quebradiça realidade,
E a insondável “flor da consciência”
Cresce aos poucos no jardim da intimidade.
Com os olhos feridos pela luz intensa,
Feridos como foram os olhos de Paulo de Tarso
(Porque os seus olhos ainda estão verdes
Para verem a face dos anjos iluminados),
O espírito enxerga apenas as sombras efêmeras
Projetadas nas frias paredes da Caverna de Platão,
Onde a angústia da morte conduz os seus passos lentos
E silenciosos no mundo abismal da expiação,
E essa visão lhe é tão amargamente dolorosa
Que lhe desperta o desejo latente da regeneração.

As cores da infância

Que manhãs de alegria,
E que noites de tranquilidade
Rimaram os versos livres da poesia
Que cresceu comigo desde a tenra idade!

Como é bom o direito de ser criança,
E de cultivar o pomar da esperança
Em terras fertilizadas com a beleza,
Ainda que o sonho não amadureça!

Quanto sonho ardente, risonho e inocente,
Sonho que é só emoção, que nada entende,
Porque no sonho não há o crivo da razão,
Nem limite de expressão, tamanho ou duração!

Nas noites em que meu olhar está distante de tudo,
A imaginação voa longe, e se perde na distância;
Recria na tela fria e escura dos céus em luto
As cores quentes e claras da infância!

As estrelas reluzem nessas noites de paz,
Tanta luz assim o tempo não apagaria jamais;
Como é bom manter florido o jardim da infância,
E reviver o tempo colorido de criança!

Quase

E assim, intermináveis, seguem os dias e as noites,
Passos de uma dança que se perde na lembrança,
Concatenados pela onipresente mão divina,
Qual uma *Grande Valse Viennoise*,
Sopro de vida que nunca termina,
Possibilidade improvável da esperança,
Compassando a ventura e o sofrimento,
As carícias e os açoites,
Na dinâmica infinita do tempo.
Sempre inacabada,
Minha alma cruza a fronteira do quase,
Entre o tudo e o nada,
Onde eu sou quase perfeito,
Quase feliz,
Feliz de um jeito
Que é quase sincero,
E que quase não se contradiz,
Onde o Sol tem a certeza do amanhecer,
E eu, a possibilidade improvável que espero:
Um eterno vir a ser.

Jardineiro

Não te alongues de mim, Primavera,
Que o Verão me despede das rosas,
E com a mão cálida e severa
Retira de mim os versos e as prosas!

Não te afastes de mim, Primavera,
Que o Verão ensaia os seus ardores,
E com o rugido medonho de fera
Afugenta de mim a poesia das cores!

Não te olvides de mim, Primavera,
Que o Verão me sabe por inteiro,
E com a brisa ardente da sua atmosfera
Leva de mim o olhar paciente de jardineiro!

Bons fluidos

Bons fluidos de sonhos vaporosos
Formam nuvens em céus formosos,
Como anjos de luz alva de eterna paz
Emitem raios de confiança alta e tenaz.

Tudo sorri no ventre flóreo da ventura,
Acolhendo o coração carente de ternura,
Se é verdadeiramente no sonho de amor fraterno
Que se esquece para sempre as visões do inferno.

A mão temente de tocar a harpa da perseverança
Vive ensurdecida pelo rugido da fera infelicidade,
E hipnotizada pela face obscura da adversidade
Não enxerga no horizonte a face pura da esperança.

Virgem no precipício estéril da descrença,
O sonho fecundado pelo poder renovador da fé
Faz ninho na alma que nunca desiste, e acredita até
Na sua fraqueza, porque tira dela uma força imensa.

Lamentação

Acostumada a ser conduzida pela corrente
Dos acontecimentos triviais do dia a dia,
E concentrando-se em íntima e profunda sintonia,
Uma noite minha alma vibrou numa frequência diferente.
Era a mesma alma por fora, de perfil e de frente,
Mas por dentro deslizava numa onda febril de lamento,
Levantada por uma ventania arrebatadora de desalento,
Tão devastadora que a remetia para o fundo novamente.
Cobrindo com o sedoso véu da noite seu rosto,
Minha alma lamentou-se com sepulcral desgosto:
Não consigo me imaginar na escura solidão de uma cova,
Onde a morte friamente atesta que a vida não se renova,
Renovam-se as pedras tumulares, os olhares tristonhos...
Porém, depois de sepultados, não se renovam os sonhos.

Doutor tempo

Entre um momento e o seguinte,
Toda a vida se concentra,
A vida toda se reinventa
De uma hora para outra, ou se extingue.
Dentro dos limites de um instante,
O desejo que te enlaça, quando fanado,
Transforma o teu sonho em laço desfeito.
Como pássaro selvagem, a felicidade
Voa para outra paisagem, e a saudade
Faz um ninho na folhagem da lembrança.
O que estava próximo fica distante,
Longe do olhar, longe da esperança,
Mas o tempo, que tudo cura, dá um jeito
De regar as flores murchas do passado.
No intervalo que separa
O nascer e o pôr da vida,
O tempo medica, o tempo sara
Toda dor, toda ferida.

Vovó Amelinha

Paisagens existem para serem lembradas;
Pessoas existem para serem amadas,
Lembradas com um amor que não se entende,
Mas que é toda a verdade,
Toda a felicidade,
E toda a eternidade que existe na gente.
Pessoas são sementes que plantamos no coração;
Umas germinam, crescem,
E frutificam na estação da amizade.
Outras germinam, mas fenecem,
E ficam na frialdade do chão,
Porque não havia o insumo da sinceridade.
Manhã de céu aberto, era mais um dia,
Um dia igual a todos os dias da minha infância,
Da minha infância que era feita de alegria,
Alegria que ainda recordo
Hoje em dia nas manhãs em que acordo
Com o olhar perdido na distância.
A saudade me fez lembrar de vovó Amelinha,
Sentada à sombra de uma laranjeira.
Cinco anos de idade eu tinha
Naquela manhã de quarta-feira.
Com a sua voz baixa e carinhosa,
Ela me contava a estória
De Branca de Neve e os Sete Anões,
Que nunca mais me saiu da memória,
E me presenteava com belas emoções.
Quanto de Deus havia naquela alma generosa!
Não sabia eu que no domingo
A luz da minha avó na Terra chegaria ao fim;
Todavia, o amor que nos unia era tão lindo,
Tão luzente, e tão coroado de paz,
Que as mãos ligeiras do tempo jamais
Ousaram tirá-lo de mim!

Frustração

Minha alma queria sentir
O doce aroma dos jardins,
Mas não tenho olfato de jardineiro,
Então lhe falei das perfumadas estrelas
Que enfeitam os jardins do firmamento,
E disse a ela, como quem diz a uma criança,
Que são sempre belas, e estão sempre a sorrir,
Que são delas todas as carícias fogosas,
E que antes não ter o odor das rosas
Que não ter o verdor da esperança,
E sobre o mar de luz apagada,
Que banhava a fanada alegria,
Deitei minha alma frustrada
Sob a Lua de prata que luzia.

Minha alma queria ouvir
O doce canto dos pássaros,
Mas não tenho audição de passarinho,
Então lhe falei das canoras nuvens
Que voam no espaço da tela azulada,
E disse a ela, como quem diz a uma criança,
Que são como lábaros
Feitos de retalhos de sonhos
Que tremulam alteados
Nos céus felizes da esperança,
E sobre o manto de breu
Que cobria a tristeza enlugarada,
Deitei minha alma frustrada
Que de tanto silêncio adormeceu.

Mudanças

As coisas permanecem iguais
Com o cavalgar das horas;
Os mesmos sonhos, Luas novas,
Manhãs de Sol, velhos ideais...
Nada mudou, senão eu,
Este íntimo desconhecido,
Que tantas vezes me esqueceu
Quando o que eu mais queria era ser querido.
Antes, eu me deitava com os olhos sorridentes,
Abraçava a noite e beijava as estrelas distantes...
E luzentes.
Agora, eu me levanto à noite de repente,
Abro a janela e vejo o mundo lá fora...
Tristemente.
Antes, as primaveras eram floridas,
E as flores desabrochavam odorantes...
E coloridas.
Agora, tudo soa diferente,
Tudo à minha volta chora...
Amargamente.
Desde as altas até às baixas esperanças,
Já vivi todas as procelas e bonanças;
Querendo muito, podendo pouco,
Ficando mudo, gritando rouco...
Nesse oceano, fui mudado pelas ondas que venci
E queimado pela ilusão incendiária de possuir.
Nada tive, senão miragens várias no deserto
E imagens refletidas na tela do pensamento.
Nada vislumbrei ao longe, ou reparei de perto,
Senão projeções do meu mutante sentimento.

A hora da poesia

Eu escrevo o que o instante me fala
Em tom de canto de sereia,
Encanto de serena atriz.
Eu escrevo o que o amor não cala
Enquanto, no dilema, o meu ser titubeia
Entre ser ou não ser feliz.
Quando o verso enfim floresce,
Toda a minha vida se refaz,
Toda a minha morte desfalece,
E essa hora exala o aroma puro da paz.
A minha alma toda clareia,
E jorra das minhas fontes
Como jorra a água do chafariz.
E é na liberdade desse alumbramento
Sem limites, sem horizontes,
Em que o verso enfim acontece,
Que a poesia me presenteia
Com o aroma estreme do momento
Em que eu escrevo o que ela diz
Aos ouvidos do meu sentimento.

Deixai vir a mim

Deixai vir a pureza das crianças a mim,
Que dela a água límpida da candura
A minha alma sedenta já não bebe;
A inocência da minha criança interior
Perdeu-se na correnteza do rio do tempo.

Deixai vir a beleza dos lírios a mim,
Que dela o aroma puro do encanto
A minha alma oclusa já não respira;
A brandura do meu lírio interior
Rendeu-se ao ímpeto do tufão do tempo.

A mim, o jardim edênico do sentimento deixai vir,
Que estou exilado num deserto de céus cerrados,
Sem candura, sem encanto, sem poesia.

A mim, o abismo nuvioso do futuro deixai vir,
Que na sua plaga os meus pés não pisaram ainda,
E os sonhos do passado são castelos assombrados.

Penumbra

Na penumbra percebo um rosto,
Não sei a sua origem,
Nem o seu destino,
Um rosto com traços humanos.
Não sei se emite uma cor definida,
Ou se absorve todas as cores do espectro,
Se vive na flor da idade,
Ou se já viveu muitos anos.
Vejo reflexos de bondade
Em seu olhar encantador,
E lágrimas sonoras inundando
O poço do silêncio aterrador.
Ouço gritos de socorro
Em contraste com gritos de adoração,
Palavras agonizantes procurando
Palavras simpatizantes na penumbra
Para morrerem juntas em comunhão.
Uma voz doce falava aos ouvidos
No esforço de serenar os gritos,
Era a voz esperançosa da paz,
Soando no vazio como prece.
Buscava na multidão de vultos,
De todos os recantos e tempos,
Ouvidos abertos, acolhedores,
E retornava ao rosto, desolada,
Trazendo em seus lábios, amargurada,
O ricto do choro de profunda dor,
Cansada de falar para a plateia
De um mundo belicoso, amante
Do brado heroico dos vencedores,
De um mundo feito de ouro e diamante,
Que não sabe o valor inestimável do amor.

Tentação

Anjo da luz, eu tento subir ao Céu;
Perco-me, contudo, entre as lufadas da tormenta,
Torno-me ferro estígio,
E qual fera sedenta
Sugo a própria alma no leito do rio;
Da luz, não resta sequer um vestígio,
E do devaneio feliz de me elevar ao Céu
Resta só mágoa no meu sentimento sombrio.

Anjo das trevas, eu tento descer ao Inferno;
Rendo-me, contudo, aos verdes olhos da esperança,
Torno-me sonho de pomareiro,
E qual contente criança
Germino risonho entre as palmeiras;
Das trevas, brota um amplo luzeiro,
E da mágoa pungente que me lança ao Inferno
Brota no meu sentimento um campo de videiras.

Simple mortal, eu tento andar sobre a água do Estige;
Afofo-me, contudo, nessa água avernal que me leva
A duvidar de tudo, até de poder pacificamente coexistir
Com o mundo que eu e minha alma elegemos nosso lar:
A realidade que nasceria do sonho que me enleva,
E que ainda não tive a alegria, nem a sorte, de realizar.
Será a morte que, dessa culpa, um dia há de me redimir,
Ou ainda terei do sonho a vida que minha alma me exige?

Tudo e todos

Sendo único, sou um frasco
Cheio da quintessência de tudo;
Tenho, na profundidade da minha alma,
Todos os jardins floridos,
E todos os palcos desertos.
Minha é a dor das nuvens em pranto,
E a volúpia dos lírios no campo;
Tenho, na minha ínfima brevidade,
A sensação inexprimível da eternidade.
Sendo único, sou todos,
Desde o menino faceiro a brincar no parque
Até o ancião debruçado na janela do tempo.
Tenho, na expressão obscura da minha face,
A alva que anuncia o raiar de um novo dia,
E a sempre terna sombra,
Imensamente escura,
Imensamente sombra,
Da sempiterna nostalgia.

Em intenção de seu olhar

Tocado pelo seu olhar pleno de encantos,
Igual à brilhância do diamante mais límpido,
O céu pálido que outrora cobria o meu íntimo
Vívido agora está qual a chama votiva dos anjos.

As nuvens de chuva fugiram com o vento
Que soprava mudo na noite orvalhada, escura,
E um novo dia, luz primeira de um novo tempo,
Amanheceu ornado com nuvens de amor, de ternura.

Sem o seu olhar, a base que me sustenta se desfaz.
As rosas me sorriem, mas eu não posso vê-las.
Não ouço a melodia serena das estrelas.
Tudo padeço, não tenho paz.

Sonhados por você, os sonhos têm tanta realidade.
Pintadas por você, as pinturas têm mais poesia.
Vívida por você, a vida tem tanta eternidade.
Amado por você, o amor tem mais alegria.

Os olhos da fé

O que são esses olhos que ofertam
O amor que conforta a ferida,
A paz que consola o pranto,
E inauguram um sorriso
Na face que nunca riu
Para a vida?

De onde vêm esses olhos que conservam
Inesgotáveis a fonte da esperança,
E a virtude que aplaca a dor,
E restituem a crença
A quem descreu
No amor?

Sem esses olhos a vida, com certeza,
Não seria uma primavera colorida,
Não teria um só traço de beleza,
E de seu ventre não nasceria
A mão que carrega o peso
Do dia a dia!

São esses olhos, que os meus procuram
Nas noites umbrosas, os olhos da fé,
Autores de destinos que encurtam
O longo caminho que separa
O sonhador confiante
Do sonho distante!

Relíquias

Não é das primaveras que ganho a beleza
Que me cobre o rosto de sorrisos;
Não é das estrelas que ganho a luz
Que me cobre os sorrisos de alegria;
Não é do azul das manhãs de outrora,
Nem do que ainda tingirá o firmamento,
Que ganho a certeza do agora,
E a esperança do vir a ser:
São presentes do amor.

Quando olho o florescer das primaveras,
Quando olho o cintilar das estrelas,
Vejo os meus sonhos renascendo
Das cinzas candentes das horas felizes
Que passamos juntos em outras eras,
E assim revejo, nas molduras do tempo,
Pinturas de todas as cores e matizes
Dos únicos sonhos que não sei esquecer:
São relíquias do amor.

Nossa Senhora de Fátima

Nossa Senhora de Fátima,
Nossa alegria nos dias de tristeza,
Nossa luz nas noites de incerteza,
Nossa mãe, nossa amiga, nossa dádiva!

Nossa Senhora do Amor,
Nossa mãe nos dias de dor,
Nossa amiga nas noites de solidão,
Nossa alegria, nossa luz, nossa devoção!

Momento

De repente, quando se abre a porta que separa
A realidade carente da fantasia que a completa,
O verso surge no momento.
No momento repentino em que surge o verso,
Não sei se vivo a profundidade do instante,
Ou se é o instante que me vive profundamente;
Nem mesmo sei se sou o amado, ou o amante,
Ou se represento os dois papéis na mesma peça.
Das horas em que sofri por um amor profundo
Ficou a certeza de que, de tanto amar, nada perdi.
Ardendo no fogo de um amor assim, aprendi
Que a vida é um meio, e o amor, um fim;
Que a paixão é uma labareda forte,
Mas se extingue no vácuo do tempo;
Que o amor é uma chama suave,
Mas não se apaga com o bulício do vento.
Pelo muito que sorri, e pelo muito que chorei,
Pelos sonhos que vivi, e pelos que ainda viverei,
Pelo silêncio do céu, e pela voz do mar,
O verso, de vez em quando, vem me procurar.
O momento do verso chega de surpresa,
Qual fera faminta quando ataca a presa.
Às vezes, estreia um espetáculo de brancas nuvens,
Carregadas por pingos de alegria suspensos.
Às vezes, mostra um cenário de nuvens plúmbeas,
Clareadas por relâmpagos de tristeza esparsos.
A poesia é cúmplice das emoções
Que correm na veia poética:
Alegra-se quando aflora algum motivo de riso;
Entristece-se quando o motivo é de pranto.
Ainda que ele queira estar preso
Por vontade própria, desejo
Que o amor nunca termine prisioneiro
De quem não o ama de verdade;
Que o poema, alegre ou triste,
Nunca perca a serenidade,
Seja eternamente verdadeiro
E prefira sempre a ternura ao enriste.

Para quem ama

O amor conta o tempo por minutos,
Átimos que parecem uma eternidade;
Para quem ama, a lembrança
Tem o sabor e o aroma
Da eterna esperança,
A alegria de saber
Que a pessoa amada existe
Desfaz em cinzas a tristeza
Da ausência que insiste em doer;
O amor resgata o tempo,
E dissipa a distância;
Para quem ama, o mundo
É pequeno, minúsculo
Como um grão de areia,
E a distância é curta,
Menor que um passo;
Quando dois corações
São um só, quando duas almas
São gêmeas desde o berço,
Apesar do tempo,
E apesar da distância,
Compartilham o mistério da vida,
Dividem o milagre da existência,
E já não podem caminhar,
Nem sonhar, nem brilhar sozinhas,
Porque o amor é mesmo assim:
Um fogo vivo que não falece,
Um vento brando que não termina,
Uma dor suave que não desatina,
Uma doçura amarga que apetece.

O beijo

O beijo vai até os lábios,
Ferve o sangue, aplaca o desejo
E retorna para o fundo da alma!

O amor vai além do gesto,
Vence os limites do corpo
E descansa quando o beijo se acalma!

O beijo é prazer;
O amor é felicidade.

O beijo é chama;
O amor é claridade.

O beijo é aparência;
O amor é profundidade.

O beijo é voo;
O amor é liberdade.

O beijo é tradição;
O amor é novidade.

O beijo é momento;
O amor é eternidade.

O beijo é encontro;
O amor é afinidade.

Colecionador de ventos

Tudo me leva para dentro de mim,
Onde coleciono os tripulantes dos barcos
Que comigo navegaram por rios e mares
Deste indecifrável mundo sem fim,
Habitado por sonhos e mistérios vastos,
Fonte inesgotável de júbilos e pesares.

Nas margens fecundas em que finquei raízes,
Cultivei sementes de profunda paz e amor,
Nos campos verdejantes brotaram felizes
Instantes que coleciono no livro da memória,
Os melhores capítulos da minha história,
Como pétalas dispostas em indelével flor.

Navegando por rios e mares, compartilhei
Com os tripulantes minhas lendas e verdades,
E se das viagens eles não mais se recordam,
Dos momentos felizes eu jamais me esquecerei,
Porque as boas lembranças são ventos que sopram
Nos céus azuis da alma, onde coleciono felicidades.

O enigma da Esfinge

Viajando pelos campos arenosos do árido deserto
Em busca do oásis sonhado que julgava tão perto,
Eu seguia um rumo que me levaria a algum destino
Certo na incerteza dos dias vindouros do calendário,
Quando me deparei com o mito da Esfinge
Num ponto localizado no tempo imaginário.
O monstro faraônico tinha o corpo leonino,
A cabeça humana, a natureza sombria, e rugindo
Vorazmente bradava a sua força, a sua grandeza,
Soltando no ar seco o odor de seu bafo assassino.
A voz de trovão que se desprendia de sua laringe
Cobrava o meu poder de visualizar com clareza
O objetivo que me motivava a viajar, e sorrindo
Pesava o meu coração na balança algente da morte.
Antecipando a minha derrota com felina gentileza,
Lançou o seu enigma, apostando na minha má sorte.
Enrouquecido pela ânsia incontida e louca
Que se evolava de sua ensandecida boca,
Planejava uma estratégia para a minha derrocada,
Desafiando a minha força moral com atra soberba:
Ou eu revelaria o segredo do Novo Testamento,
Ou o meu erro me condenaria ao fogo do aniquilamento.
Os seus cabelos luziam na noite que embalsamava a dor,
A mais plangente de todas as dores, a que mais chora:
A dor de quem está ausente em si mesmo desde a aurora.
Uma crise de fé irrompeu na minha alma fraquejada
Com tamanha algidez, que a minha fé ficou enferma,
E a minha boca tentou pedir socorro, no auge do horror,
Mas a minha voz travou, então soltei um grito inaudível,
Enquanto a Esfinge carpia a árvore da minha vida,
Cumprindo a dura sentença, definitiva e irrecorrível.
Por um instante, recordei a infância, estação florida,
Uma época distante em que uma lareira me aquecia:
O carinho da minha mãe, suave e dedicado.
E um cajado de cedro me protegia:
O zelo do meu pai, grave e preocupado.
Ah! Tivesse aquela primavera parado em seu prelúdio,
As suas delícias seriam o pão diário da minha história
Desde o despontar até o fanar do Sol, neste interlúdio.
Eu venceria o sereno das invernias com a fé fortalecida,
E não despertaria atormentado por bizarras tenebrosas.
Quando menino, eu imaginava a Via Láctea enfeitada
Pelas flores astrais, estas irmãs vigilantes e carinhosas.
As brisas atuais já não sopram dessa praia encantada,
Mas desse tempo fugaz restaram vivos na memória

Os arco-íris de ternura que decoravam o céu azulado,
Renovando a minha fé no alvor de cada novo amanhecer.
As águas passadas não voltam mais, não movem moinho,
E as mágoas de agora, amanhã serão as dores de outrora.
Hoje a vida tem essa nuvem flébil sobre o caminho,
E o tempo chora essa saudade que tanto se demora.
O carrasco irascível exigia a minha singular presença
Para a comemoração antecipada de sua pretensa vitória
Sobre a minha capacidade de perseverar na crença
De ser acordado, em algum jardim edênico do mundo,
Pela alvura fagueira de dias melhores para viver,
E tentar, na base segura de um otimismo profundo,
Encontrar alguma maneira de perder as recordações
Das noites em que eu morri sem esperança de renascer.
Na véspera da sentença capital lancei esta vindita,
Rompendo a corrente daquela noite de imprecações:
Ergui os olhos para o alto, o mais alto que pude,
E percebi que a minha fé cintilava, como um lume,
Na escuridão que me mantinha prisioneiro da desdita
De ser um peregrino na estrada das mundanas ilusões.
Num gesto repentino, retirei o véu da desconfiança
Que me encobria o espírito, antes falto de esperança,
Arranquei do meu pomar o joio do mundo pagão,
E cultivei em seu lugar o trigo do mundo cristão,
Onde a alma tibia tem à mesa o alimento salutar
Da fé revigorada pela infinita misericórdia divina.
Assim, armado de coragem, venci o medo de errar,
E revelei o desafio do evangelho anunciado:
Perdoar o próximo como Deus me tem perdoado.
O desafio é aula, é lição que a vida ensina,
E se vencê-lo é um sonho, vale a pena sonhar.
O enigma da Esfinge estava finalmente decifrado,
Já não representava motivo de angústia para mim,
A certeza na vida eterna havia enfim me resgatado.
Com a firme vontade de praticar o perdão até o fim,
Dei as costas para o monstro mitológico do infortúnio
E prossegui a viagem sob o florão prateado do plenilúnio.

Mãe Natureza

No princípio Deus criou os céus e a terra,
A luz e as trevas, os mares e as florestas,
E viu que era bom.
Depois Deus criou os homens à sua imagem,
Macho e fêmea os criou,
E viu que era bom.
Muito tempo se passou
Desde que Caim matou Abel,
Tentado pelo demônio da inveja.
Hoje o Jardim do Éden,
Antes paraíso fecundo,
É Selva de Pedra.
A luta pela sobrevivência dos seres humanos,
Em todos os quadrantes do mundo,
Acarreta a integração dos centros urbanos,
Resultado inevitável da migração lenta
Do campo para as cidades,
Na busca de melhores oportunidades
De trabalho e renda.
Há cidades de vários tamanhos,
Exibindo diferentes paisagens.
Nas metrópoles os prédios se acotovelam
Na escassez de espaço:
Hospitais, escolas, lojas, bancos...
Tudo se aglomera no perímetro urbano:
Empresários, garis, professores, biscateiros...
E todos respiram amiúde o mesmo ar poluído,
Que penetra pelas narinas e debilita a saúde.
No interior de cada residência, de cada cômodo,
De cada homem, há poluição.
A concentração de gás carbônico,
O derrame de petróleo nos oceanos,
A deposição de agrotóxicos no solo, nas águas,
De embalagens plásticas no solo, nas águas...
A indústria contribui para produzir danos,
Para destruir o homem, a vida, a criação.
Os automóveis são os que mais contribuem
Para a poluição do ar com a fumaça tóxica,
Para o aumento de doenças na visão e nos pulmões,
Para o aumento de consultas médicas e internações,
Sem falar do desequilíbrio emocional,
Mas o quadro de saúde da Economia continua estável.
Até o planeta contribui para a poluição ambiental
Com o relevo, a altitude e o ar que venta,
Que, às vezes, traz bonança e, às vezes, tormenta.

E o lixo, esta escória da sociedade industrial?
Na era do consumismo, do modismo, da *high tech*,
O lixo está presente em todas as cidades,
Em todos os bairros, em todas as ruas...
A poluição do solo promove a deterioração
Da beleza das paisagens e da qualidade de vida,
Provoca a proliferação de animais responsáveis
Pela transmissão de agentes patogênicos,
É um convite a uma epidemia forte,
A dengue, que pode trazer consigo a morte.
A poluição das águas é uma sentença irrecorrível,
Que condena a vida aquática a uma pena terrível:
Mata os peixes por asfixia,
Mata os peixes por envenenamento,
Mata a vida que nada e respira:
Tambaquis, dourados, lambaris, badejos...
Mata também os sapos que coaxam nos brejos.
Os rios, as chuvas e os ventos
Foram criados para dar vida ao planeta,
À flora, à fauna, ao homem, aos filhos do homem,
E não para devastar os campos e as cidades.
Mas como a vida urbana é uma questão política,
Alguns governantes preferem investir dinheirões
Em obras públicas que apareçam na mídia,
E rendam rios de votos nas eleições:
Estradas, pontes, viadutos, praças...
A investir na fiscalização de construções
Em áreas de risco (sementeiras de desgraças),
E na instalação de encanamentos debaixo da terra,
Invisíveis para a população que comparece e vota,
Que é a mesma população que padece e morre.
A vida é a realidade fantasiada do sonho,
É ver com os olhos do coração.
O mundo é a verdade falseada, suponho,
É o cisco que trava a visão.
Enquanto se consumam esses conflitos
Entre a alvura da vida e a incúria do mundo,
A exploração campeia e adquire cidadania,
Insensível à inópia da maioria da população.
Paira um ar de triunfo no Inferno de Dante,
No círculo mais profundo do abismo autotélico
Onde fervilha o pensamento econômico
Que defende a mais-valia com cetro gigantesco,
Quando a mais ruínosa e dantesca desvalia
É a degradação do palco onde é encenada
A luta, que remonta à noite dos tempos,
Entre o Amor, o protagonista da Gênese,
E a Ganância, a protagonista do Apocalipse,
Que por não conseguirmos conceber,
Também não podemos controlar.

A maior prejudicada pelo capitalismo predatório
– Sem comprometimento com a sustentabilidade –
É a escritora realista de toda a História,
A genitora universal de todo homem,
De toda cor, raça e nacionalidade:
A Mãe Natureza.

Coração navegador

Quando eu era menino,
Batia um desejo premente de rir
Em meu peito,
Luzia no horizonte algum destino
A alcançar, perto ou longe,
Havia muitas idas e vindas na minha vida.
O menino tinha um coração navegador, mas não sabia.
Foram-se os risos com os anos e, hoje em dia,
Como uma nau à deriva nos oceanos perdida,
Bate uma vontade urgente de ir,
De qualquer jeito,
A alguma parte, mas não sei aonde.
O tempo é estrela que brilha sem se ver;
A vida é centelha que arde até morrer.
Na sucessão dos instantes,
Deu-me a vida dois ardores:
O sorriso largo dos amantes
E o pranto amargo dos sofredores.
Os sonhos que brotaram na seara da fé deram fruto;
Os descrentes secaram no chão da antessala do futuro.
Hoje em dia, eu vejo no céu distante a face nua e bela
Da Lua cheia, cheia de luz, luz que se deita no mar,
Sabendo que, mais adiante, essa fase vai minguar.
Hoje em dia, eu vejo a vida como quem se despede dela.

Apocalipse

Agora que morri,
De que me vale a vasca da necessidade,
Se de carências mundanas estou vazio
E pleno estou de eternidade?
Se vivo estivesse,
Alguma inspiração talvez ainda tivesse
Para mudar o nome horrível da minha sorte
E iludir magicamente a atenção da morte!

Agora que morri,
De que me vale a vasta ansiedade,
Se o futuro revelador morreu de frio
Nas regiões polares da minha intimidade?
Se vivo respirasse,
Alguma verdade talvez ainda procurasse
Na vã esperança de encontrar enfim
A resposta que não encontro em mim!

FIM